FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 1962 ANO 42.º — NÚMERO 14 251

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

UM GRANDE ESQUECIDO

A ideia de reeditar a obra publicada de Basílio Teles, completando-a com alguns inéditos, foi recebida com alvoroço pelos admiradores do eminente polígrafo, precursor entre nós do ideal republicano, e por quantos se interessam pela cultura, pelo progresso intelectual e pelo esclarecimento da verdade política. Trata-se de um acontecimento que excede o ambito editorial e cultural e cuja projecção no campo do civismo é relevante. As novas gerações desconhecem o escritor que exerceu decisiva influencia nos seus contemporaneos, e ignoram o cidadão excepcional que, com a sua rebeldia e isenção, constituiu um exemplo raro na sociedade do seu tempo. A sua intervenção activa nos acontecimentos da época em que viveu, a sua estatura de mestre e crítico de singular agudeza são factos relevantes que valorizam a sua carreira de estudioso dos problemas económicos e sociais por ele versados com reconhecida competência.

Basílio tomou parte destacada na preparação do movimento de 31 de Janeiro de 1891, que no Porto eclo-

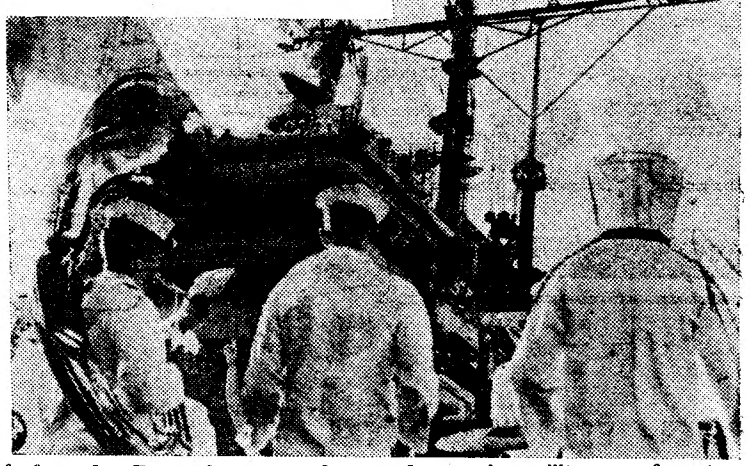
(Continua na 7.ª página)

Jornalista americano expulso da U. R. S. S.

MOSCOVO, 16. — William Bassow, correspondente da revista americana «Newsweek», acaba de ser objecto de uma medida de expulsão, anuncia a agência «Tass»

A decisão foi-lhe notificada pela Repartição de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético.

O motivo evocado é que Bassow publicou «correspondência com carácter difamatório acerca da União Soviética e que infringe as regras soviéticas acerca de correspondentes estrangeiros». — (F. P.).



A fanfarra do «Forrestal», executando uma das marchas militares na formatura para a guarda de honra aos altos comandos

A capital soviética prepara a recepção aos «gémeos espaciais»

MOSCOVO, 16 — Os habitantes desta capital aguardavam hoje ansiosamente a comunicação oficial indicando o dia e a hora em que os seus dois heróis mais recentes do espaço farão uma entrada triunfal em Moscovo.

Principiaram já os trabalhos preparando a praça Vermelha para uma tremenda recepção a ser dada por dezenas de milhar de admiradores de Nikolaev e Popovitch. Trabalhadores têm estado a ornamentar as maciças colunas brancas defronte do Kremlin, onde se espera que Kruchtchev os apresente ao povo, juntamente com os seus predecessores no espaço, Gagarine e Titov.

Consta que a recepção oficial aos cosmonautas está projectada para sábado. Nikolaev e Popovitch partiram hoje, de avião da zona da aterragem de ontem, com «destino desconhecido».

Os «gémeos do espaço» saborearam ontem, pela primeira vez, a adulação popular, durante uma recepção sem carácter formal defronte da residência onde descansaram, após terem aterrado. Os dois cosmonautas gracejaram, riram e conversaram — e comeram uma melancia enorme, presente dos admiradores locais. — (R.).

GAGARINE, «COMANDANTE DA UNIDADE DE COSMONAUTAS»

LONDRES, 16 — Rádio Moscovo referiu-se hoje numa emissão, ao tenente-coronel Yuri Gagarine, o

(Continua na 14.ª página)

Maria Popovitch, mulher do sexto cosmonauta soviético. Maria, que tem 31 anos, é uma aviadora experimentada

A 25.ª VOLTA A PORTUGAL
ANTÓNIO OLIVEIRA (Ovar) venceu a tirada de hoje

Por FERNANDO SOROMENHO
nosso enviado especial

MONÇÃO, 16 — Para a 17.ª tirada entre Vila do Conde e Monção, na distancia de 141 quilómetros, alinharam á partida dada ás 10 horas na Avenida Sacadura Cabral, junto ao Mercado, 37 estradistas.

Soprava uma brisa fresca e havia pouco sol, condições ideais, por tanto para o ciclismo.

Ao local da partida afluiu muita gente com predominancia do elemento feminino que não se cansou de vitoriar os corredores. Estes apresentaram-se bem dispostos.

Logo á saida da vila, o académico Manuel de Melo «esticou» mas Azevedo Maia do F. C. Porto foi-lhe «na roda» e o seu intento foi anulado rápidamente

A primeira fuga

O andamento processava-se em bom ritmo e aos 17 quilómetros aconteceu a primeira fuga. Manuel de Melo partiu fortíssimo e na sua peugada saiu também Mário Ferreira. Os dois isolaram-se, chegaram a ganhar uma dianteira e durante um quilómetro pedalaram sozinhos enquanto no pelotão os corredores se interrogavam mudamente sobre a atitude a assumir.

Subitamente saiu do pelotão o taviense Indalécio de Jesus, levando na sua «roda» Florêncio da Silva e João de Brito. Estes homens pedalando forte em breve alcançaram os dois fugitivos formando-se portanto um pelotão de cinco unidades.

Barcelos foi ultrapassada ás 10 e 40 portanto um pouco antes do horário previsto.

A 5 quilómetros de Esposende os fugitivos foram apanhados e porquanto no pelotão se operava uma reacção, especialmente por parte dos homens do F. C. Porto que parecem dispostos a estar sempre pre-

(Continua na 11.ª página)

Nota do dia

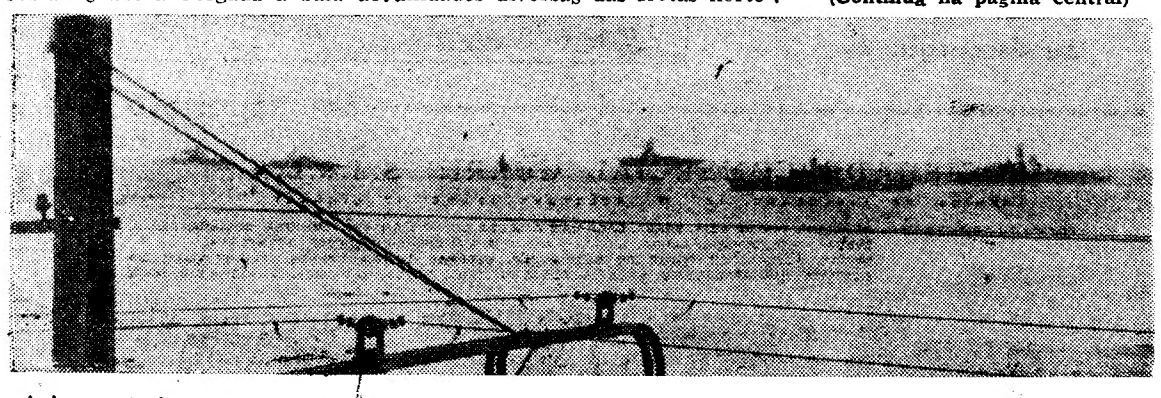
EMPATOCRACIA

Um dos aspectos mais antipáticos da resistência em que a nossa burocracia se compraz é aquele que exige um sem número de licenças, vistos e autorizações para a realização de qualquer festa profana, ainda mesmo que tenha fins beneficentes. As dificuldades são tantas e tão insuperáveis que levam, muitas vezes, os organizadores a desistir de iniciativas que tinham os mais simpáticos e recomendáveis objectivos. A omnipotente burocracia prende-se com tais minúcias e berbicachos que os mais pacientes e os mais bem intencionados desanimam e aqueles que um dia se abalançaram a levar por diante uma ideia generosa ficam de tal modo escarmentados com as exigências e prepotências burocráticas de que foram vítimas que tomam com os seus botões o solene compromisso de nunca mais se meterem noutra. Acerca da inexplicável teimosia e da manifesta impertinência da empatocracia nacional, como um ilustre jornalista denominou o aspecto negativo da burocracia portuguesa, temos recebido queixas de muitos pontos do País contra autoridades incompreensivas e prepotentes que não cessam de levantar complicações quando se pretendem levar a efeito festas que estão na melhor tradição popular e que, a maior parte das vezes, se revestem dos mais nobres propósitos filantrópicos. Não haverá quem tenha suficiente autoridade para pôr termo a esses excessos de zelo, que se traduzem pura e simplesmente em abusos de poder e não contribuem, de modo nenhum, para o prestígio da função administrativa, a qual deve atender mais às necessidades e às aspirações dos povos do que ao amor próprio dos pequenos sátrapas que, em vez de as procurar resolver, teimam estùpidamente em as contrariar?

ENTRARAM HOJE NO TEJO
algumas das poderosas unidades que participaram nos exercícios da N. A. T. O.

Constituiu espectáculo surpreendente e grandioso na manhã clara e serena para os veraneantes da Costa do Sol a chegada á baía de Cascais de parte da poderosa formação naval em exercícios conjuntos da N. A. T. O. e constituída por unidades diversas das frotas norte-americana, britanica e francesa que, com a colaboração de aviões

(Continua na página central)



A imponente formação naval constituiu um espectáculo que atraiu muita gente a contemplá-lo ao longo da orla marginal, desde a praia do Guincho até aos cais e pontos altos de Lisboa

HOJE 24 PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA»
VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

UM FEITO DA MARINHA

O Dia da Marinha que ontem se comemorou, entre desfiles de tropas e aplausos do publico áqueles que souberam portar-se com dignidade e valentia, terminou com uma sessão na Sociedade de Geografia. Depois de se ter assistido ao enaltecimento dos feitos de marinheiros de hoje, a sessão voltou-se para o passado para evocar uma façanha de há mais de três séculos. Na sala da benemérita instituição que, ao Ultramar e á Marinha tem sempre prestado a mais ciosa e carinhosa das atenções, com as galas das grandes noites, sob a presidência do Chefe de Estado, foi lembrada a hora em que portugueses armaram uma esquadra na América para ir á reconquista de Angola. Atravessando o Atlantico Sul, a armada de Salvador Correia de Sá lançou-se sobre Luanda e conseguiu recuperar para o País essa importante província. Foi uma demonstração da solidariedade completa entre as várias províncias portuguesas estejam elas em África, na América ou na Ásia. Na sessão da Sociedade de Geografia foi lido o trabalho do prof. Silva Rego sobre a Crise de Angola que precedeu a sua reconquista. Depois o dr. João Baptista Nunes Pereira Neto leu um trabalho seu intitulado :15 de Agosto de 1648, a primeira pedra da Comunidade Luso-brasileira». Entre lembranças do passado e a poeira que se evola de toda essa grandeza de outrora e da valentia dos nossos maiores, foi encerrada a sessão do Dia da Marinha. O Presidente da Republica visitou depois a sala Gago Coutinho que contém as medalhas, as condecorações e a biblioteca do almirante, encarnação viva dos marinheiros de outrora, corajoso, sábio e simples como tantos outros que fizeram a epopeia.

O PASSEIO e os larápios

O sr. António Antunes da Silva, da Rua de S. Lázaro, 55, 4.°, aproveitou o feriado de ontem para ir espairecer com a família. E' que um homem não é de ferro e também precisa, de vez em quando, de tomar o ar puro dos campos ou o iodo do mar. Mas vão lá confiar no que fica atrás de nós. A' noite, o sr. Silva, ao entrar em casa, ficou desolado. Os larápios tinham lá entrado e feito inventário de tudo á vontade. Oiro e joias levaram-nos e ainda 500 escudos em dinheiro. Alfinetes de oiro e brilhantes, cruz de diamantes, anel de oiro, com pedra. Ficou sem dez contos esta ausência do locatário. A Polícia irá ter com os larápios.

PELA RIBANCEIRA

Ia de Paços de Sousa para o Porto. Ao passar na estrala de Recarei-Sobreira, ia a descrever a curva, mas o sr. Gualdino Cardoso Dias, de 42 anos, industrial, não teve forma de aguentar o carro e deixou-o resvalar por uma ribanceira. Estrondo de lata que se amachuca e rebola, acorrendo os vizinhos. Os cinco ocupantes do veículo ficaram feridos, mas mais grave é o estado da sr.ª D. Maria das Neves, de 46 anos, residente no Bairro de Santo Eugénio, no Porto. Ficou internada no Hospital de Santo António.

*

A «SCOOTER» contra a laje

O sr. José Fazenda Lobo, de 34 anos, casado, ia na sua «scooter» de S. Martinho do Porto, pela estrada de Mendel, para Alcobaça. Devia ir com excesso de velocidade, resvalando um pouco para a valeta e indo de encontro a uma laje do aqueduto. Muito ferido, e com fractura da cabeça, os bombeiros ainda o trouxeram para o Hospital de S. José, mas tudo inutil que o choque fora de morte.

*

INCÊNDIO NA EIRA

Está o pãosinho do Senhor nas eiras, depois de ter aloirado ao sol de Junho e Julho. As medas são altas por esse Alentejo e Ribatejo e a faina de recolha vai no fim. De vez em quando, basta um descuido e o trabalho de meses e meses e a garantia de um inverno sem necessidades tudo se esvai em fogo e fumo. Ainda ontem, em Arneiro das Milhariças, perto de Santarém, se manifestou o fogo numa eira do sr. Januário da Conceição Duarte. Vieram os bombeiros e só ao fim de três horas o sinistro estava dominado. Ficou reduzido a carvão, muito trigo que poderia matar a fome a muito pobre.

A CARROÇA, A FURGONETA E A MORTE

Aquela ponte de Alfeizerão tem sido o cemitério de alguns automobilistas. Ontem vinha uma furgoneta guiada pelo sr. Joaquim Alexandre, de Alcobaça. Ficou encandeado pelos faróis de outro veículo que seguia, em sentido contrário. Por isso foi contra uma carroça. Um dos ocupantes desta, a sr.ª D. Maria da Conceição, de 63 anos, de Cela, Alcobaça, foi levada para o hospital das Caldas da Rainha onde morreu.

*

BANHOS DE MORTE

Vão os dias de calma por esse país fora. Como todos os anos aliás, neste tempo. São os calores de Agosto. Como todos os anos também se repetem os casos daqueles que se atiram á água e não voltam com vida. Em Fratel foram os 16 anos esperançosos de Ventura Mendes Sequeira, de Carepa, que fora tomar banho na albufeira da Barragem de Pracana. Não sabia nadar e lá ficou até retirarem o cadáver, com a ajuda de fateixas. ● Em Brotas, no concelho de Mora, foi António Manuel Coelho Pinto, de 17 anos, que também se atirou a uma albufeira e também lá deixou a vida. Era aluno da Escola Comercial do Montijo, vila onde vivia e era muito estimado.

MERGULHOU PARA SEMPRE

Na quinta da Fontaneira, em Belas, as águas das chuvas formaram uma lagoa. O solo barrento constituiu a crosta que aguenta as águas. Onde há águas acorrem os rapazes para se banharem e, então, com estes calores é uma enchente; nem se sabe de onde vêm tantos garotos. Apostas e mais apostas. Ontem, António Faria da Silva, de 14 anos vivos e atrevidos, apostou em como seria o primeiro a mergulhar. Apostou e cumpriu. Entrou nas águas como uma flecha, mas não voltou a aparecer. Os companheiros ficaram aterrados, não sabendo a que atribuir o facto. Vieram os bombeiros que encontraram o pequeno com os pés enterrados no lodo. Ficara preso e não pudera voltar. Nem voltou a ver a luz do Sol a espelhar-se na água da lagoa.

Linha de SINTRA

O TELEFÉRICO em Sintra

Os srs. Rocha Brito e dr. Luciano Ribeiro apresentaram na Camara Municipal de Sintra, um pedido para a concessão do teleférico. Porque se trata de uma atracção poderosa para o progresso turístico daquela vila, é de esperar da parte das entidades competentes a maior atenção, na resolução do assunto.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Às 15 e ás 21 e 15: «Um rei em Nova York» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine Chaby* — Às 21 e 30: «Demónios sobre rodas» (12 anos).

SINTRA — *Sintra Cinema* — Às 21 e 30: «Piratas das Atilhas» (12 anos).

ERICEIRA — *Cine-Casino* — Às 21 e 15: «O pecado de amar» e «A culpa foi da Katie» (12 anos).

Ampliação da escola do Bairro Padre Cruz

Efectuou-se esta tarde, nos Paços do Concelho, um concurso publico para a empreitada de ampliação do edifício escolar do Bairro Municipal Padre Cruz, em Carnide. A base de licitação era de 480 289$00 e foram recebidas várias propostas.

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaca* — R. Elias Garcia, 25 (Tel. 930019); *Lama* — Rua Elias Garcia, 78-B (T. 932485); *Confiança* — Avenida Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

QUELUZ — *Correia* — Largo do Mercado, 3 (Tel. 950905); *Zeller* — Rua da Republica, 83 (Tel. 950045).

SINTRA — *Marrazes* — Largo Afonso de Albuquerque (Estefania) (Tel. 980058).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M.A.D. (T. 931690).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

UMA SESSÃO de pugilismo no Desportivo dos Olivais

Organizado pelo Desportivo dos Olivais e com a colaboração do Sporting, Ginásio Clube do Sul e Cova da Piedade realiza-se hoje á noite no rinque de patinagem do Clube Desportivo dos Olivais, em Moscavide, uma sessão de pugilismo que prevê os seguintes encontros:

António Alfaia-Amaro Carvalho; Luís Saavedra-Vítor Reverendo; Carlos Neves-Gabriel Rodrigues; Augusto Franco-José Crispim; Carlos Santos-Arlindo Alves; Diamantino Rodrigues-Manuel dos Santos e Gonçalo Aires-Joaquim de Almeida.

A maior parte destes pugilistas teve excelente comportamento nos ultimos torneios organizados pela Federação.

EMPREGADOS DE BALCÃO

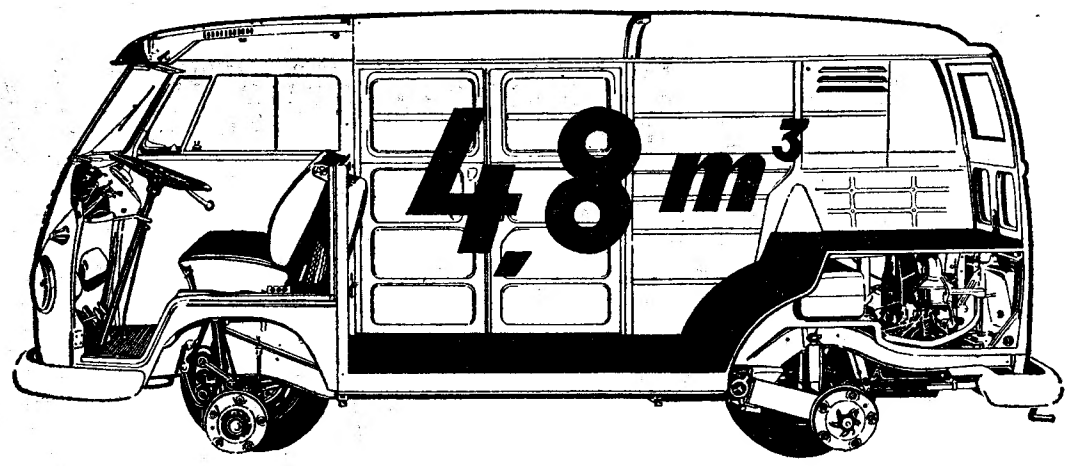
ADMITEM-SE COM PRÁTICA PARA ARTIGOS DE FANTASIA, LOUÇAS E VIDROS, DE PREFERÊNCIA FALANDO INGLÊS. ADMISSÃO IMEDIATA. ORDENADO SEGUNDO HABILITAÇÕES.
CARTA ESCRITA PELO PRÓPRIO INDICANDO REFERÊNCIAS DAS CASAS ONDE TENHA TRABALHADO para

Antiga Casa José Alexandre

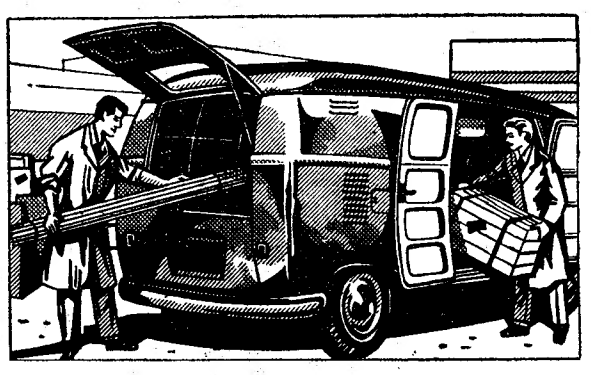
Calçada do Sacramento, N.° 8-1.° (ao Chiado) — LISBOA

furgão

VOLKSWAGEN



com economia, transporta 1 tonelada de mercadoria!



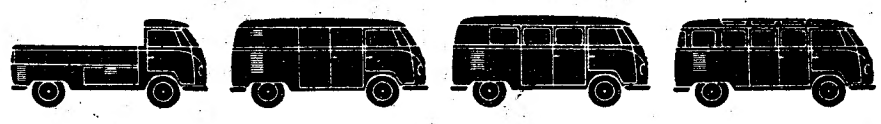
Amplas portas laterais e traseira, permitem uma rápida carga ou descarga.

em exposição

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S.A.R.L.

AVENIDA DA LIBERDADE, 12 — TELEFONE 36 67 51 (7 LINHAS)

FILIAIS OU AGENTES EM: ALMEIRIM, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CACILHAS, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA-AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, MIRANDELA, MOURA, PORTALEGRE, PONTE DE SÔR, PORTO, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, MADEIRA, PONTA DELGADA, ANGRA DO HEROÍSMO, HORTA E S. TOMÉ



TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ T V ★ RÁDIO

Histórias indiscretas

A MULHER DA FAVA-RICA

Nos seus cantantes pregões, Lisboa ofereceu sempre um motivo de pitoresco e de encanto e uma tradição que, mantida integralmente durante largos anos, tornou a nossa cidade uma capital de clamores melodiosos, entoados caprichosamente pela gente do povo. Os pregões foram e são uma das mais aliciantes características das ruas de Lisboa e se alguns desapareceram, sofregamente devorados por novos hábitos e pela ansia de uma nova vida, outros mantêm-se de maneira especial nos bairros populares, não deixando que a tradição de todo se desvaneça. E esse gracioso e pitoresco conjunto de pregões surge ainda, pelas manhãs, em toda a sua expressão de alegria e curiosidade nas ruas lisboetas. Muitas dessas figuras, autênticas personagens da rua, já inspiraram canções. Ainda recentemente, Fernando Farinha escreveu «A Ti'Ana da Fava-Rica», enaltecendo a missão da mulher que, de impecável avental branco, serve a todos, por pouco dinheiro, uma refeição bem apurada e quentinha.

Nesse fado-canção de Fernando Farinha ouve-se mesmo o típico pregão tão familiar ás ruas de Lisboa. E é fácil adivinhar o resto: uma vendedeira contratada para gritar o seu pregão, para que o disco tivesse um cunho de autenticidade. E foi de facto assim. Porém, á hora marcada, maestro, musicos, técnicos, o próprio Fernando Farinha — todos aguardavam a vendedeira.

Longos minutos correram. E alguém, então, para evitar mais demoras, sugeriu que a esposa do artista, presente por acaso, soltasse o pregão da «fava-rica», e assim aconteceu. Fernando Farinha cantou no seu estilo característico, interrompido, de quando em quando, pelo pregão arrastado, idêntico ao que as autênticas vendedeiras fazem ouvir ainda nas ruas. Depois, na primeira audição da prova do disco, na rubrica lisboeta do «Meia-Noite», o locutor precedia o disco de uma legenda. E dizia: «Creio ter conhecido esta «Ti'Ana da Fava-Rica», que sugeriu a Fernando Farinha o disco que vão ouvir. A saudade ultrapassa os milagres do cinema e abre-me o horizonte da memória. E eu vejo essa «Ti'Ana da Fava-Rica», de lenço caído sobre as costas, pondo um pregão cantante de vida em cada manhã virginalmente candida, festivamente alegre. A «Ti'Ana da Fava-Rica»! O cesto á cabeça vinca-lhe mais as rugas da fronte tisnada pelo sol da rua. O avental branco e a biusa de ramagens têm o aroma de fruta madura. A «Ti'Ana da Fava-Rica» é uma figura que vive na minha ternura e faz parte do romance do povo lisboeta».

Quanto pode a imaginação...

Melhoramentos locais

Luz eléctrica para nove lugares

ALCOBAÇA, 15 — Com a presença dos srs. governador civil do distrito, presidente da Camara Municipal, deputados e várias outras entidades, efectua-se hoje, ao fim da tarde, a inauguração duma nova cabina eléctrica que abastecerá os lugares de Candeeiros, Casal do Carvalho, Casal do Guerra, Venda da Rega, Cabecinha, Outeiro, Casal do Gregório, Freires e Casal da Lagoa de Frei João, cobrindo uma área de mais de 10 000 metros de rede, na freguesia da Benedita.

Esta obra, cujo custo é de cerca de 580 contos, vem contribuir de modo decisivo para o progresso e desenvolvimento de uma região quase perdida nos confins da Serra dos Candeeiros.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Parecem bem encaminhadas as diligências para concretização, a partir de Novembro, de um programa periódico simultaneo a ser transmitido pela TV espanhola e pela R. T. P.
- A cançonetista Adelaide Ribeiro foi convidada a participar numa próxima produção cinematográfica luso-espanhola.
- Prosseguem activamente os ensaios da nova revista «Lisboa á Noite». A direcção do poema está entregue a Armando Cortez, e a de bailados, a Fernando Lima.
- A peça «Os Anjos não dormem», um dos grandes êxitos dos primeiros tempos da R. T. P., vai ser reposta nos primeiros dias de Outubro.
- A pequena artista Vitória Maria actua hoje no Tramagal, dia 17 em Moscavide e, integrada no programa «Passatempo em Vossa Terra», no Gavião, nos dias 18 e 19 do corrente.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«O jogo da verdade», no Império

Embora a empresa do Império não tivesse precedido a estreia do filme «O jogo da verdade» de qualquer campanha publicitária o publico acorreu ontem em elevado numero á vasta sala da Alameda, onde vimos apenas meia-duzia de cadeiras vagas. Em plena época de férias, o facto de o Império esgotar praticamente, a lotação, significa que um publico numeroso acompanha atentamente a produção cinematográfica mundial e sabe distinguir o valor dos realizadores e intérpretes — pelo menos. Por isso não lhe passou despercebida esta realização de Robert Hossein — um dos «grandes» da nova vaga francesa — até, certamente, porque cheirava a escandalo, a audácia, ao picante típico francês.

Trata-se, na verdade, de um espectáculo invulgar, de nível muito superior ao normal, quer pela encenação, quer pela interpretação, quer ainda pela qualidade da fotografia e pela musica, perfeitamente a carácter. Junte-se a estes predicados a originalidade do argumento, e teremos uma ideia aproximada do que é na realidade este «Jogo da verdade».

Não temos duvida em afirmar, até, que a primeira parte deste filme de Hossein nos entusiasmou pelo clima de perspectiva que o realizador soube criar — evidenciando o seu inegável talento numa encenação difícil — e pelo diálogo, eivado de malícia maldosa, de cinismo cruel e de hipocrisia revoltante.

Já a segunda parte da película não tem o mesmo poder de sedução não por culpa do realizador, mas sim por certa quebra que se

(Continua na 5.ª página)

Recintos de diversões

A artista Maria Augusta, que está actuando com grande êxito no Solar da Hermínia, é ali amanhã homenageada com uma festa, na qual participam conhecidos artistas do teatro da rádio da televisão e do fado.

— Esmeralda Amoedo, que há dias regressou de Espanha, onde esteve actuando está trabalhando, com geral agrado, na «Tágide» e no «Palm Beach» e brevemente ingressará no teatro.

— O conjunto de «Danças Regionais de Portugal», dirigido pelo bailarino Toni Teixeira, e de que fazem parte Manuel Saude, Valentina e Zuraide, e o acordeonista Tulio Pereira, que estão a actuar na Adega Machado, com grande êxito, deslocar-se-ão ao Porto, no próximo sábado, para o festival da coroação de «Miss Portugal».

Fernando Farinha vai receber publicamente a «Guitarra de ouro» (em miniatura), num festival, no dia 9, pelas 16 horas, na Praça de Touros de Vila Franca de Xira, na festa de homenagem ao artista José da Cruz.

Outra actriz (Bella Darvi) às portas da morte após tomar barbitúricos

MONTE CARLO, 16. — Debate-se entre a vida e a morte a actriz Bella Darvi, de 36 anos, hospitalizada antes do nascer do dia, depois de ter sido encontrada inconsciente, no seu quarto de hotel, devido a uma dose excessiva de barbituricos — anunciou a Polícia.

Bella Darvi, é de origem polaca e foi «descoberta» por Darryel F. Zanuck. Estreou-se em Hollywood no filme «Demon of Troubled Waters», em 1953.

Amigos da «estrela» contam que Bella Darvi abandonou vivamente o bar do Sporting Clube de Monte Carlo pouco depois da meia-noite, em consequência de uma troca de palavras um «pouco fortes» com outras pessoas que se achavam no recinto. Depois da sua saida intempestiva, os amigos com quem ela estivera no bar tentaram, em vão, telefonar-lhe para o hotel. Como a «estrela» não respondesse, foram acordar a porteira para que os deixasse arrombar a porta. A actriz jazia inconsciente, sobre a cama.

A meio da manhã, o hospital noticiava que Bella Darvi ainda não havia recuperado a consciência. — (A. N. I.).

A ACTRIZ BELLA DARVI

VIDA MUSICAL

Concerto de abertura do VI Festival de Sintra, no Cine-Teatro Carlos Manuel

Os festivais de arte representam hoje, em todo o mundo culto, um dos expoentes máximos das actividades culturais que traduzem as realidades dos países que os levam a efeito. Grandes ou pequenas cidades e vilas europeias realizam anualmente certames onde os artistas nacionais e estrangeiros vêm deliciar o povo contribuindo para o seu aperfeiçoamento humano e social.

Em Portugal estamos ainda, infelizmente, a traçar, um pouco a medo, a estrutura daquilo que algum dia poderá vir a ser a consoladora realidade de festivais de musica e bailado com o indispensável nível internacional capaz de interessar o nosso publico que não é já o publico provinciano de alguns anos atrás, tal como a enorme corrente turística que já hoje procura o nosso País.

Está neste caso o Festival de Sintra, certame que há seis anos é organizado pela Camara Municipal daquela vila, com o apoio do S. N. I. e de outras entidades relacionadas com actividades culturais.

Dentro do espírito que sempre o tem caracterizado iniciou-se ontem, no Cine-Teatro Carlos Manuel, o sexto daqueles festivais que se desenrolará ao longo de quinze dias com concertos sinfónicos e de musica de camara, corais e instrumentais, além de duas conferências sobre musica e uma sobre bailado.

Foi na verdade um êxito o concerto de abertura, preenchido com interpretações da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Silva Pereira, e do violinista neozelandês Alan Loveday. No programa estavam incluídas a abertura «Dona Diana», de Reznicek; o «Concerto op. 61», para violino e orquestra, de Elgar; «Sobreposições», de Jorge Peixinho; «Dois retratos», op. 5, de Bela Bartok e a 2.ª suite do «Daphnis et Chloé», de Ravel.

De todo o programa, que obteve excelente acolhimento da parte do numeroso publico, destacou-se o bom rendimento musical da orquestra, da qual o maestro Silva Pereira, com a sua tradicional «verve», obteve o ajustado estilo interpretativo para cada uma das peças. Destas, temos a destacar a composição «Sobreposições», do jovem compositor português Jorge Peixinho. Com ela nos fica a grata impressão de que as novas gerações musicais estão devidamente voltadas para as mais recentes expressões do vanguardismo musical, ao lado da mais recente técnica e estéticamente, composto na Europa. Outra atitude, aliás, não era de esperar de um compositor como Jorge Peixinho que tem pouco mais de vinte anos, tem feito os seus estudos em grandes capitais europeias da musica e dirige hoje, em Lisboa, um curso sobre composição de musica contemporânea. Ainda no capítulo das obras apresentadas destaca-se outra primeira audição, o «Concerto op. 61», de Elgar, cujos solos de violino estiveram a cargo de Alan Loveday. O concertista mostrou inegáveis dotes de domínio do seu magnífico instrumento, do qual obteve bonitas sonoridades.

Enfim, o concerto de abertura do VI Festival de Sintra decorreu da melhor forma augurando bom nível geral para esta iniciativa. — *J. L.*

Conferência sobre «Música e Literatura»

O VI Festival de Sintra prossegue hoje, ás 21 e 30, no Palácio Municipal daquela vila, com uma conferência subordinada ao tema «Musica e Literatura — Trechos musicais num romance inédito», proferida por Francisco Costa.

A conferência será ilustrada colaborando nela dois actores que lerão alguns trechos literários.

O programa de amanhã

O VI Festival de Sintra prossegue amanhã, com um concerto coral-sinfónico, que será preenchido com interpretações do coro «João Sebastião Bach», sob a regência do maestro Pierre Salgmann. E, para um concerto desta natureza, não podia deixar de se escolher um local que, pela sua interioridade e pelo seu recolhimento, constituisse o ambiente ideal para esta manifestação artística. O concerto efectuar-se-á, por isso, na igreja de Santa Maria de Sintra, que estará decorada com luxuosos paramentos.

No concerto colabora, além do coro «João Sebastião Bach», a Academia dos Instrumentistas de Camara.

Serão apresentadas obras «á capella» e para coro e orquestra, entre elas o «Concerto grosso, op. 6, n.º 2, em fá maior», de Handel; cantata «So wie der Hirsch nach wasser schreit», também de Handel; três motetes «Dir, dir Jehova, will ich singen», de J. S. Bach; «Ave Verum Corpus», de Byrd e «Tenebral Factae Sunt», de F. Martins; e a «Missa Brevis em ré maior, k. v. 194», de Mozart, esta em primeira audição.

Exames de admissão ao Conservatório Nacional

No «Diário do Governo» foi hoje publicada a relação das peças obrigatórias para os concursos de admissão aos cursos superiores de musica do Conservatório Nacional, em canto de concerto, canto teatral, piano, violino e violoncelo.

Centro de Estudos Gregorianos

Estão abertos, no Centro de Estudos Gregorianos, as matrículas para os cursos que funcionarão naquela escóla no próximo ano lectivo. Estes cursos destinam-se á especialização em musica sacra e englobam as disciplinas de solfejo, canto gregoriano, modalidade, direcção coral, pedagogia musical, segundo o método Ward, harmonia, latim liturgico, orgão e improvisação.

O programa do novo ano escolar pode ser pedido na secretaria daquele Centro de Estudos.

HOJE ESTREIA
ás 21.45

AVIS

DEGRAU A DEGRAU... ELE TRAÇARA O CAMINHO DO AMOR E DO CRIME!

OS DEGRAUS DO TERROR

(ADULTOS)

UMA HISTÓRIA DE «SUSPENSE»

COLLEEN MILLER
CHARLES DRAKE
ROD TAYLOR
JOSEPHINE HUTCHINSON - JOCELYN BRANDO

Real. HARRY KELLER. Argt.º MEL DINELLI, C. ORMONDE e C. COOPER
Prod. JOSEPH GERSHENSON
UNIVERSAL-INTERNATIONAL

SÃO JORGE

UM GRANDE FILME DE ACÇÃO

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA

90 MINUTOS DE EMOÇÃO CONTÍNUA!

ROBERT MITCHUM MAIS VIOLENTO QUE NUNCA!

MAIORES DE 12 ANOS

MORDIDOS PELO ÓDIO

(THE NIGHT FIGHTERS)

com ANNE HEYWOOD, DAN O'HERLIHY, CYRIL CUSACK, RICHARD HARRIS

Argum. de Robert Wright Campbell / Realiz. de Tay Garnett / Prod. de Raymond Stross
A D.R.M.-RAYMOND STROSS-PRODUCTION / UM FILME DA UNITED ARTISTS

NO PROGRAMA:
UMA CONTINUAÇÃO DE ESTREIA SENSACIONAL
(O MAIS FAMOSO CASO DA SCOTLAND YARD)

«CRIME A PRESTAÇÕES»

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

A GRANDE NOITE HISTÓRICA!
EM QUE O GRANDE CAVALEIRO

JOÃO NÚNCIO

DARÁ A ALTERNATIVA A SEU FILHO

JOSÉ BARAONA NÚNCIO

COM OS FAMOSOS E FINOS MATADORES DE TOIROS

PACO CORPAS e PEPE CÁCERES

FORCADOS: OS DISTINTOS AMADORES DE SANTARÉM CHEFIADOS PELO EX.mo SR. RICARDO RHODES SÉRGIO

8 TOIROS DE CASTA ESPANHOLA
DO EX.mo SR. MANUEL CÉSAR RODRIGUES

BILHETES DESDE 30 ESCUDOS, NOS RESTAURADORES, 7, ATÉ ÀS 21 HORAS E À NOITE, NAS BILHETEIRAS DA PRAÇA.

—— MAIORES DE 12 ANOS ——

COLISEU

Empresa Ricardo Covões, Herdeiros

HOJE, AS 21.30 (M. DE 12)

SALOMÃO E A RAINHA DE SABÁ

com YUL BREINER e GINA LOLLOBRIGIDA

AMANHÃ
Estreia O LOBO HUMANO

A CIÊNCIA COPIA A NATUREZA

Na edição de Julho das **Selecções** publica-se um interessante artigo sobre a Biónica, ciência que estuda os seres vivos em relação com princípios aplicáveis á engenharia, e ao serviço da qual, milhares de pesquisadores estão tentando reproduzir os milagres do olho da rã, do ouvido da coruja e das brânquias do peixe, no afã de solucionar alguns dos problemas urgentes do homem, na era espacial. **Selecções** é uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

UMA PEGA 6$50

Doçaria caseira — Café de balão

Um Ribatejo 10$00 — Um Ribatejo Super 15$00

só no BAR DO RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D

O «DIÁRIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em PONTA DELGADA — AÇORES, na TABACARIA ESPERANÇA, DE JOÃO LUÍS DE MEDEIROS.

*** CARTAZ DOS CINEMAS ***

ESTREIAS DE HOJE — TIPOS DA PRAIA — POLITEAMA
— OS DEGRAUS DO TERROR — AVIS
— MORDIDOS PELO ODIO — SÃO JORGE

SÃO LUIZ — Telefone 327172
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
A ALDEIA DOS MALDITOS
O brilho dos seus olhos pode fazer parar o Mundo!
com George Sanders — Barbara Shelley

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
A's 21.30 (M. 12 anos)
ESTREIA
Robert Mitchum
Um filme de acção incrível
MORDIDOS PELO ÓDIO
A's 18.15 — Ultimo (M. 12 anos) — A SERPENTE DO OESTE

POLITEAMA — Telef. 326305
A's 21.30 (M. 17 anos)
EM ESTREIA
a comédia de constante gargalhada
TIPOS DA PRAIA
com Ugo Tognazzi e Christiane Martille
A história de 3 «pelintras» em perseguição de uma multimilionária.
Hoje, ás 18.15 (p. r.): «A LENDA DA ESTÁTUA NUA», com Sophia Loren (M. 17 anos).

ALVALADE — Tel. 763080
A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 17 anos)
A mais estranha e emocionante história de ficção científica:
A ALDEIA DOS MALDITOS
com George Sanders — Barbara Shelley

LIZ — Telefone 48560
A's 21 horas (M. 17 anos)
FELIZ ANIVERSÁRIO
A MULHER E O FANTOCHE

TERRASSE — Telefone 320917
A's 21 horas (M. 17 anos)
ESTAÇÃO CLANDESTINA
AMOR NAS NUVENS

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6 e 15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
Uma loucura de gargalhadas!
VIAGEM DE LOUCOS
com Robert Wagner, Dolores Hart e Ernie Kovacs

MONUMENTAL — Tel. 555131
A's 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
AS SETE VINGANÇAS
Um filme grandioso, com batalhas sem quartel!
com Ed Rury — Elaine Stewart — Bella Cortez — Roldano Lupi — Paola Barbara

CONDES — Telefone 322523
A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
AVENTURA EM MARSELHA
Um grande filme de acção violenta e ininterrupta.
Com Eddie Constantine — Bernardette Lafont

ROMA — Plateia 727778 — Balcão 729197
A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
BALA SEM DESTINO
O ódio, a vingança e a morte, pairavam na cidade, desde a chegada daquele misterioso pistoleiro!
Com Audie Murphy — Joan Evans — Charles Drake

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Tel. 862155
A's 21.30 (M. 17 anos)
OS CAMINHOS DA AMBIÇÃO
M A M B O ...

CASINO ESTORIL
A's 17 (M. 12 anos) 21.30 (M. 17 anos)
CINDERELO DOS PÉS GRANDES
com Jerry Lewis, Ed Wynn, Judith Anderson e Anna Maria Alberghetti

IMPÉRIO — Tel 555134
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
Um filme de «choque» de Robert Hossein
O JOGO DA VERDADE
Duas horas de emoções com Nadia Gray e Paul Meurisse
Cinemascope

EDEN — Telefone 320768
A's 15.30, 18.30 (6 anos) e 21.45 (M. 12 anos)
ULTIMOS ESPECTÁCULOS
QUANDO FALA O CORAÇÃO
Amanhã — Estreia (M. 17 anos)
COMPANHEIROS DA MORTE

ODEON — Telefone 326283
15.15 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
ENCHENTES
Grandiosa evocação de um amor histórico
VIOLETAS IMPERIAIS
com Carmen Sevilha e Luiz Mariano
BILHETES À VENDA PARA TODA A SEMANA
GEVACOLOR (M. 12 anos)

AVIS — Telefone 47163
A's 21.45 (M. 17 anos)
ESTREIA
Uma história de «suspense»
OS DEGRAUS DO TERROR
Degrau a degrau... uma força oculta impelia-o para o amor e para o crime...
Com Colleen Miller — Charles Drake

ROYAL — Telefone 865037
A's 21 horas (M. 12 anos)
O FIO DA MEADA
A BONECA CHINESA

CINEMA IDEAL — Telefone 324194
A's 21 horas (M. 17 anos)
ELE, ELA E OS ESPIÕES
A RAPARIGA DAS SALINAS

MONUMENTAL

às 21.45 h.

12 ANOS

3.º MÊS

LAURA ALVES

NUMA GRANDE CRIAÇÃO «MARIA ROSA»

MEU AMOR É TRAICOEIRO

de Vasco de Mendonça Alves

com **ARTUR SEMEDO**

PREÇOS DE VERÃO

(17 anos)—**AR REFRIGERADO**

Sábado e Domingo, à tarde «A FERIDA LUMINOSA»

17 ANOS

TOTALSCOPE—FERRANIÁCOLOR

TIPOS DA PRAIA

com

UGO TOGNAZZI

CHRISTIANE MARTEL

LAURETTA MASIERO · JOHNNY DORELLI

3 «CAÇADORES DE DOTES» EM ACÇÃO NUMA LUXUOSA PRAIA ONDE RICAS E LINDAS MULHERES SÃO ÓPTIMA PESCA

A PARTIR DE

HOJE

NO

FILMITALUS APRESENTA **A ALEGRE, FRESCA E MALICIOSA ESTREIA NO POLITEAMA**

REPOSIÇÃO DE UMA GRANDIOSA OBRA DO CINEMA!

UMA PÁGINA VIBRANTE DE UMA EPOPEIA GLÓRIA!

AMANHÃ

ROMA

Às 21,45

Realização de JOHN FORD

RIO GRANDE

JOHN WAYNE · MAUREEN O'HARA

BEN JOHNSON · CLAUDE JARMAN, Jr.
HARRY CAREY, Jr. · CHILL WILLS
J. CARROL NAISH · VICTOR McLAGLEN

UM MOTIVO «WESTERN» COM AS MAIS ESPECTACULARES CENAS DE CAVALARIA!

UM EXCLUSIVO **VITÓRIA FILMES**

(M/ 12 ANOS)

MAIS DE UM MILHÃO DE PESSOAS VISITARAM E APLAUDIRAM O MAIS BELO E ATRAENTE PARQUE DE DIVERSÕES DO PAÍS

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

ESPECTÁCULO PERMANENTE ATÉ DE MADRUGADA

«Stands» de exposições, divertimentos, atracções infantis, restaurantes, petiscos, sorteios, etc.

ABERTURA ÀS 19 HORAS

BOITE DE NUIT **N-I-N-A** (Adultos M/ 21 anos)

NOVO PROGRAMA

SILDA LEGRAND

com o seu «bongocero»

EL ABUELO

DIVERSÕES — TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

(Continuação da 3.ª pagina)

nota na estruturação da intriga, mais propriamente, no final. Não fora isso, e o filme de Hossein espantaria — é o termo — os mais ganil, n. 1. Regionalismo.

cépticos quanto á possibilidade de o cinema poder nesta altura apresentar algo de verdadeiramente novo e de qualidade extra! Mesmo assim «O jogo da verdade» é dos filmes que não se esquecem facilmente.

Além de Robert Hossein, são intérpretes Nadia Gray, Marc Cassot, Dhalla Lavi, Jacques Dacqmine Perrete Pradler, Jean Servais, Jeanne Valerie, Paul Meurisse, Françoise Prevost, George Riviera e Thien Huong.

Entre os variados complementos do excelente programa estreado no Império, conta-se um interessantíssimo desenho a cores: «A história de uma bicicleta». — VISOR 55.

HOJE À TARDE no Politeama

o filme «A Lenda da Estátua Nua»

Incluído no ciclo «Os Grandes Romances de Amor», o filme «A Lenda da Estátua Nua», de Jean Negulesco, exibe-se hoje, ás 18 e 15. no Politeama.

Nesta história de amor e de mistério intervêm Sophia Loren, Alan Ladd e Clifton Webb.

AS ESTREIAS DE HOJE

No S. Jorge

Título em português — «Mordidos pelo ódio».
Título original — «The night fighter».
Produção — Americana.
Realização — Tay Garnett.
Intérpretes — Robert Mitchum, Anne Heywood, Dan O'Herlihy, Cyril Cusack e Richard Harris.
Argumento — A coberto da noite e do fogo da sua metralhadora, ele surgiu como um demónio e a todos dominava.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Normal.
Classificação — 12 anos.

No Politeama

Título em português — «Tipos da praia».
Título original — «Tipi da Apiaggia».
Produção — Italiana.
Realização — Manenti.
Intérpretes — Ugo Tognazzi, Christiane Martel, Johnny Dorelli e Lauretta Masiero.
Argumento — Três caçadores de dotes á *pesca* na praia.
Distribuição — Filmitalus.
Processo — Totalscope e ferraniacolor.
Classificação — 17 anos.

No Avis

Título em português — «Os degraus do terror».
Título original—«Steps down to».
Produção — Americana.
Realização — Harry Keller.
Intérpretes — Colleen Miller, Charles Drake. Rod Taylor e Josephine Hutchinson.
Argumento — Degrau a degrau subia para o amor e para o crime, movido por uma força oculta.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Normal
Classificação — 17 anos.

Whisky - 9$00

2/1 Whisky com aperitivo, 9$00

Snack - Bar Sivuca

Av. Almirante Reis, 225-A

Tel. 728332

A MAIS MODERNA FÁBRICA ALEMÃ

KING

mais barato

Preços Fixos

110 lts	modelo de mesa	3.460$
120 lts	modelo de mesa	3.690$
155 lts	freezer s/s	4.560$
155 lts	freezer total	4.780$
200 lts	freezer total	5.650$
200 lts	congelador	6.070$

E. T. REPRESENTANTE ROBERTO CUDELL, L.DA

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

Diário da **OUTRA BANDA**

Faltam habitações económicas no concelho de Almada

onde as rendas das casas atingiram preços incomportáveis

Retraiu-se, nestes ultimos tempos, o ritmo da construção civil, no território almadense, muito em especial na «vila-cidade». As causas são várias e complexas. No entanto, a área urbana de Almada vai-se alargando, sempre, numa promessa de perspectivas cada vez mais aliciantes e promissoras.

As características da vida almadense continuam a ser a sua quase integral dependência de Lisboa e das suas actividades, pois, são milhares as pessoas que trabalham na capital e residem na Outra Banda, principalmente na vila-sede. A integração de Almada na área residencial da grande metrópole, pode dizer-se, trouxe-lhe consabidas vantagens, mas, em boa verdade, proporcionou-lhe graves inconvenientes sociais, alguns deles de difícil solução. É o caso da falta de habitações de renda módica, acessível á grande maioria das famílias que residem naquele concelho.

Devido, práticamente, á escassez de casas nessas condições, vêem-se (e com que tristeza) bairros de lata, que proliferam, aqui e além; e sabe-se do uso e abuso do regime de coabitação, com o inevitável cortejo de consequências danosas. Encontra-se, assim, a principal autarquia de Almada perante um problema augustioso, de incidências das mais diversas, que, de ano para ano, mais se agrava. Não nos parece que o Município, por si só, possa arcar com tamanha responsabilidade, por manifesta insuficiência de recursos financeiros.

Todavia, o actual presidente da edilidade almadense propõe-se consagrar ao momentoso assunto a sua melhor atenção. Profundo conhecedor das vicissitudes da vida local, o sr. dr. Glória Pacheco, apesar de há poucas semanas empossado no seu novo cargo, já demonstrou, bem, o espírito que o anima, de servir os pobres — servindo o concelho Se reunir a si todas as boas-vontades que, apesar de tudo, se encontram (ou encontravam) dispersas o presidente da Camara poderá conseguir, mercê do seu dinamismo e constancia, resolver tão clamoroso óbice.

Na emergência, estamos certos, não faltará a ajuda financeira do Estado, porquanto, o problema residencial de Almada é, também, um problema de Lisboa, quiçá de carácter nacional, se não esquecermos que a população de Almada é oriunda dos quatro cantos do País, reside, é certo, no termo de Cristo-Rei, mas, a maior parte, trabalha, como já dissemos, na capital. Estamos, portanto, em presença de uma situação, não prevista, ao que julgamos, nos contextos do Código Administrativo ou da legislação geral.

As gentes de Almada não desconhecem as dificuldades que se apresentam ao seu Município, mas, confiam abertamente em que o novo titular do mais alto cargo municipal consiga remover os principais obstáculos, a fim de que, um dia os pobres, as famílias de menores recursos (infelizmente, a maioria) possam dispor de um lar compatível com o espírito cristão que a todos anima.

Cinemas

COSTA DA CAPARICA — *Cine Copacabana* — Às 21 e 15: «O homem que fazia chover» e «Marabunta» (17 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — Às 21 e 15: «Sombras brancas» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALMADA — *Magalhães* — Praça Luís de Camões, 10 (T. 270242).

BARREIRO — *Avenida* — Avenida da Bélgica, 88 (Tel. 223207).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — Praça 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — *União Moiteirense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — *Giraldes* — Rua Almirante Reis, 45 (Tel. 229008).

SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

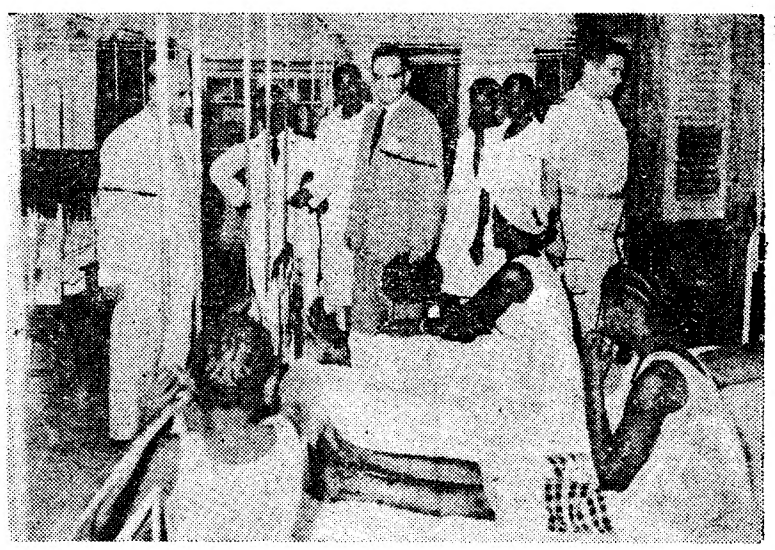
SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETUBAL — *Costa* — Largo da Misericórdia (Tel. 22760).

A VISITA DO MINISTRO DO ULTRAMAR A CABO VERDE

CIDADE DA PRAIA, 16 — O ministro do Ultramar, que ontem chegou a esta cidade, demorar-se-á vinte e três dias no arquipélago de Cabo Verde, segundo foi anunciado.

O prof. Adriano Moreira partiu hoje para o concelho de Santa Catarina, onde vai visitar obras em curso, com paragens nas diversas freguesias do percurso, almoçando, no regresso para a Cidade da Praia, no Posto de Fomento Agro-Pecuário de S. Jorge dos Orgãos, que é uma das mais aprazíveis estancias turísticas desta ilha. À noite, haverá jantar de gala, no Palácio do Governo, seguido de recepção. — (A. N. I.).



O ministro do Ultramar visitando o Hospital Teixeira Pinto, na Guiné

Começou a medição dos barcos e velas que participam no «Europeu» de «Stars»

Na baía de Cascais, onde se disputa a partir de depois de amanhã, o 22.º Campeonato da Europa e do Norte de Africa de «stars», encontram-se já quase todos os tripulantes das frotas estrangeiras que participam naquela competição.

Hoje, pelas 12 e 30, no entanto, deu-se início á formalidade regulamentar da medição dos barcos e das velas, acto de que está encarregado o medidor oficial da Federação Portuguesa de Vela, sr. João Ruivo.

Amanhã, depois de lançado á água o ultimo «star», o que está previsto para as 18 horas, o comodoro do Clube Naval de Cascais oferecerá um «coktail», durante o qual será feita a apresentação dos tripulantes inscritos, que representam frotas dos seguintes catorze países: Alemanha, Austria, Bélgica, Espanha, Finlandia, França, Hungria, Itália, Marrocos, Mónaco, Portugal, Russia, Suécia e Suíça.

A primeira regata começará a disputar-se no próximo sábado, pelas 13 horas.

FESTAS E ROMARIAS

Na Batalha

BATALHA, 16. — Acabam hoje as festas concelhias.

De manhã, houve alvorada, com morteiros e foguetes e arruada de gaiteiros e zés-pereiras.

A feira anual, teve o seu segundo e ultimo dia.

A' noite, haverá um serão de variedades, em que colaboram Maria de Lourdes Resende, Tony de Matos, Marina das Neves, João Maria Tudela, o locutor Henrique Mendes e o conjunto de Mário Simões, seguindo-se uma sessão de fogo de artifício, dos pirotécnicos Fernandes & Filhos, de Lanhelas.

Em Arruda dos Vinhos

ARRUDA DOS VINHOS, 16—Continuam, até depois de amanhã, as festas em honra de Nossa Senhora da Salvação.

Hoje de manhã foi celebrada missa por alma dos capelães e dos irmãos falecidos.

Houve alvorada com foguetes e morteiros, largada de touros nas ruas, concertos pelas bandas de musica de Vale de Cambra e da Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros) e corrida de touros.

A' noite, haverá arraial, concertos e quermesse.

O programa de amanhã é o seguinte: ás 8, alvorada, com foguetes e morteiros e desfile da Banda de Musica de Vale de Cambra; ás 10, largada de touros nas ruas; das 14 ás 16 e 30, concerto por aquela banda; ás 16 e 30, festival taurino; ás 22, exibição dos ranchos Folclórico da Casa do Povo do Cano e Coreográfico da Sociedade Musical de Cascais, adulto e infantil.

Em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 16. — Começam amanhã e prolongam-se até á próxima segunda-feira as festas em honra de Nossa Senhora da Agonia.

As principais avenidas e ruas da cidade encontram-se já engalanadas, e tudo está preparado para receber os milhares de turistas nacionais e estrangeiros, que vêm assistir a esta tradicional romaria, considerada, sem favor, a maior de Portugal.

Os hoteis e pensões têm as lotações, há muito, esgotadas o que obriga os forasteiros, já em grande numero, a procurarem alojamento em casas particulares.

O programa foi elaborado com o maior cuidado pela Comissão de Festas, presidida pelo sr. Diogo de Abreu Teixeira.

Amanhã, haverá alvorada, com morteiros e bandas de musica e zés-pereiras, nas ruas, seguindo-se a feira franca, no Campo da Agonia. Ás 14 horas, haverá um concurso pecuário, organizado pelo Grémio da Lavoura de Viana do Castelo e Caminha; ás 17, chegará a Banda Municipal de Vigo, que dará um concerto, no Jardim Publico, das 18 ás 20 horas.

A noite, haverá, naquele jardim, iluminado com muitos milhares de lumes vivos, um grande festival, compreendendo um concerto, a exibição do Rancho Regional de Carreço e do Grupo Infantil de Danças Regionais de Santa Marta de Portuzelo e uma sessão de fogos presos.

No Barreiro

BARREIRO, 16. — Terminam hoje as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora do Rosário, promovidas pela respectiva Irmandade e patrocinadas pela Camara Municipal.

Ás 7 horas, houve alvorada, seguida de missa em honra de S. Roque e em desobriga de um dever da Irmandade.

Ás 18 horas, haverá solene «Te Deum» e benção do Santíssimo Sacramento, em acção de graças; ás 20 e 30, abrirá o arraial; ás 21, começarão fados e guitarradas por Valentina Félix, Fernando Farinha, Fontes Rocha e Julio Gomes; ás 22, segunda noite de folclore, com a presença do Rancho «Tá-Mar», da Nazaré; e á meia-noite, fogo de artifício.

Em Coruche

CORUCHE, 16. — Prosseguiram hoje, com uma animada largada de touros, ao meio-dia, nas ruas desta vila, as festas em honra de Nossa Senhora do Castelo. Á tarde, haver uma corrida de touros; ás 21 e 30, concerto pela Banda da Sociedade Instrução Coruchense, sob a regência do maestro Alberto Nunes Formigão; e seguir-se-á uma sessão de variedades, com Artur Agostinho, Mara Abrantes, Manuel Fernandes e o pianista Costa Pinto, e baile.

O dia de amanhã é dedicado aos Campinos do Sorraia, sendo o programa o seguinte: ás 12 horas, almoço de homenagem aos campinos; ás 15, cortejo etnográfico e de campinos; ás 17 e 15, corrida de touros; e ás 21, exibição do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Almeirim, do Rancho dos Trabalhadores da Glória e do Grupo Infantil do Biscaínho, dirigido por José Francisco Loureiro.

Dizem os leitores...

Uma criança de Almada sem tratamento por falta de documentos

Dirigiu-se-nos, hoje, um leitor de Almada relatando um caso que, certamente, ao chegar ao conhecimento da presidência da Camara Municipal de Almada, não deixará de ter a sequência que se impõe.

Um filho daquele senhor, Jorge Manuel dos Santos Silva, de 7 anos, apareceu doente, com um estranho tumor na língua. O pai trouxe a criança a Lisboa, onde foi observada nos serviços clínicos dos Hospitais Civis de Lisboa.

Os médicos observaram a criança e acham que o tratamento, dada a natureza desconhecida do mal, deve prosseguir urgentemente. Mas precisam de documentos, que só podem ser fornecidos pela Camara Municipal de Almada. No entanto, segundo nos diz, a secção encarregada de tratar de assuntos desta natureza declara que não pode fornecer tais documentos. A situação arrasta-se desde sábado, e a criança continua á espera de adequado tratamento.

Sejam quais forem os problemas levantados pelo caso, será lícito deixar que aquela criança continue enredada nos meandros da burocracia, sujeita ás terríveis consequências que podem advir da situação?

Automóveis selados à espera de despacho

Um nosso leitor, que tem estado com frequência no estrangeiro mas se encontra presentemente a passar as férias na Figueira da Foz, escreve-nos sobre um caso que está a causar incómodos e prejuizos, por morosidade da burocracia alfandegária, embora tais inconvenientes, segundo a sua própria sugestão, pudessem fácilmente ser evitados. Eis o que nos diz o nosso correspondente:

«Há mais de um ano, o Governo publicou um decreto, aliás a todos os títulos louvável, pelo qual se favorecia a importação de bens que compatriotas nossos tivessem podido pôr a salvo de países de onde retiravam em momentos de angustia e incerteza. No numero desses bens havia automóveis que se encontravam em transito no País, que deviam regressar, mas que o não fizeram nos prazos legais pelo que os seus documentos caducavam.

Felizmente, muitos dos detentores desses automóveis já viram os seus carros despachados. Outros houve, porém, que viram os veículos selados pela Alfandega, o que priva entretanto de se utilizarem deles e os deixa na ignorancia da sorte que lhes é reservada. Entretanto, esses carros «jazem» selados e onerados de despesas com as recolhas nas garagens.

Quando procuramos, junto dos despachantes oficiais, saber o que se relaciona com estes despachos, respondem-nos que lhes não é possível obter na Alfandega qualquer informação. Não poderia a dignissima Direcção-Geral das Alfandegas, de quem depende a apreciação fazer o estudo destes casos e apressá-los, eventualmente exigir uma caução dos direitos prováveis e deixar que os seus proprietários possam utilizar os automóveis de que se encontram privados?

Era um acto de justiça que, parece-nos, se coadunaria, perfeitamente com o espírito do citado decreto».

O prof. Silva Azevedo foi homenageado pela administração da TAP

O conselho de administração da TAP ofereceu hoje, no restaurante de Montes Claros, um almoço ao professor Silva Azevedo, catedrático da Faculdade de Filosofia de S. Paulo que, a convite do Ministério do Ultramar, se encontra entre nós, depois de ter visitado a província de Angola.

Além dos srs. engenheiros Vaz Pinto e Duarte Calheiros, presidente do conselho de administração e administrador, por parte do Estado, da TAP, participaram na refeição os srs. dr. Banha da Silva, agente-geral do Ultramar; drs. Augusto de Castro, Avelino Gonçalves e Lopo de Carvalho e Carvalhão Duarte, director dos nossos prezados colegas «Diário de Notícias», «Novidades», «Jornal do Comércio» e «Republica»; dr. Norberto Lopes director do «Diário de Lisboa»; e representantes de outros diários da capital e do Porto.

Aos brindes, o engenheiro Vaz Pinto pôs em relevo a acção do professor Silva Azevedo, como secretário-geral do Movimento dos Portugueses da Cidade de S. Paulo, e os seus esforços para o estreitamento das relações de amizade luso-brasileira.

Ao agradecer, o professor Silva Azevedo acentuou a vocação ultramarina de Portugal e salientou o progresso e o desenvolvimento de Angola, que teve oportunidade de verificar durante a sua visita áquela província.

Reuniões científicas

Simpósio sobre tuberculose na criança

Nos próximos dias 3, 4, 5, e 6 de Setembro, pelas 10 e 30, haverá, no Serviço 1 do Hospital de D. Estefania (Pediatria Médica), um simpósio sobre tuberculóse na criança, patrocinado pela Fundação Gulbenkian e organizado pelo dr. Cordeiro Ferreira, director clínico daquele hospital

As conferências serão feitas por médicos franceses daquela especialidade, entre os quais, o professor Marcel Lelong.

BOMBEIROS

Cruz de Malta

Com apreciável concorrência de associados, e sob a presidência do sr. Fernando de Oliveira Aleixo, reuniu-se a assembleia geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Cruz da Malta, a fim de proceder á eleição para preenchimento das vagas existentes nos corpos gerentes.

Foram eleitos os srs. dr. José Lopes Velez de Lima, Augusto António Marques, Augusto da Conceição Dinis Neves de Sousa e Fernando dos Santos Amarante, respectivamente, para os cargos de presidente da assembleia geral, primeiro vogal da direcção e presidente e secretário-relator do conselho fiscal.

à venda os bilhetes

FerroTour

4 DIAS EM MADRID

APENAS POR 1.040$00

Partida de Lisboa todas as 5.as feiras e sábados, com chegada respectivamente às 3.as e 5.as feiras

e

Adquira os seus bilhetes nas Agências de Viagens e nos Despachos Centrais da

UM GRANDE ESQUECIDO

(Continuação da 1.ª página)

diu e foi vencido, sendo esse o primeiro acto da sua vida de idealista. Prosseguiu na actividade política e colaborou nos trabalhos que, sob a égide de José Falcão, visaram, entre aquele ano e 1895, a demolição do regime vigente. A essa tarefa se associaram personalidades eminentes que reconheceram, desde então, que a substituição das instituições era um passo indispensável á redenção da Pátria. Membro do directório do Partido Republicano e fundador do Grupo de Estudos Sociais, em seguida á reorganização do primeiro, ocupou nele elevados cargos e foi indigitado para presidir o Governo Provisório que assumiu as responsabilidades do Poder em 5 de Outubro de 1910.

A linha do seu pensamento e da sua actividade encontra-se claramente traçada numa obra vasta e valiosa, na qual podem considerar-se três aspectos diferentes: os trabalhos do economista e sociólogo, condensados na série cujos títulos são «O Problema agrícola», «Estudos históricos e económicos», «Introdução ao problema do trabalho nacional» e «Carestia da vida nos campos»; o testemunho do militante, deixado em dois livros indispensáveis ao conhecimento da História nacional, no final do século passado e no começo deste, «Do ultimato ao 31 de Janeiro» e «As ditaduras e o regime revolucionário»; finalmente, os volumes e folhetos em que comentou a primeira conflagração mundial, desde «A Guerra» a «O Flagelo dos Mares». O investigador dedicado ás questões e figuras do passado merece também ser recordado nesta enumeração sumária da sua obra complexa e variada, que honra o pensamento português.

Não aceitou Basílio Teles o cargo de ministro das Finanças, para que foi convidado em seguida á proclamação da Republica, e não há nessa recusa qualquer mistério, bastando para a justificar a leitura de «As ditaduras e o pensamento revolucionário», livro em que incluiu as linhas gerais do programa que, em seu entender, devia ser posto em prática para a consolidação do novo regime. Basílio divergia de muitos dos seus correligionários num ponto fundamental — o da duração do Governo Provisório. Estava ele convencido de que a herança da Monarquia era tão onerosa que levaria alguns anos a saldar satisfatóriamente e que, sem essa tarefa prévia, era prematuro restabelecer a normalidade política que os inimigos da Republica aproveitariam para tentar demoli-la, sem terem em conta o interesse nacional e as suas exigências. Foi isso que, finalmente, aconteceu.

«Não sei, escrevia ele nas vésperas da proclamação do novo regime, se os dirigentes do Partido Republicano alguma vez se representaram no espírito a eventualidade de se verem em frente de uma situação revolucionária, embaraçados entre as pontas de um dilema: sustentar a Republica com sacrifício do seu programa ou sustentar este com sacrifício daquela. Pelo que me toca, nunca hesitei em pronunciar-me pela primeira alternativa». Tinham opinião oposta muitos dos que assumiram o encargo de liquidar a herança da Monarquia e cuja principal preocupação foi o estabelecimento rápido da legalidade, baseada na Constituição de 1911. Essa divergência levou-o a abster-se na altura em que mais necessária era a sua colaboração para encaminhar o regime consagrado pela vontade do povo.

Publicações

«ALMANAQUE DA AGRICULTURA — GUIA DO LAVRADOR PARA 1962»

E' uma util publicação e bem apresentada esta que entrou agora no segundo ano de publicação. E o aparecer do segundo volume, até melhorado, uma publicação do género do «Almanaque da Lavoura», mostra já por si que houve interesse no primeiro volume saído em 1961.

Com efeito o seu coordenador e director, Manuel Eduardo Valente Arnaud, procura e tem conseguido dar ao seu almanaque um carácter eminentemente prático, sem deixar de ser científico. Torná-lo util aos lavradores e pôr ao alcance da cultura dos lavradores em geral, a linguagem dos artigos e notícias, é tarefa sobremodo difícil mas que plenamente foi conseguida.

Em mais de 400 páginas o volume, bem impresso e com magníficas ilustrações, dá-nos todos os aspectos da lavoura e tornando conhecida a vida agrícola para os leigos, intrui os agricultores daquilo que mais lhes interessa saber. Na agricultura em geral se dá o calendário-guia, as sementeiras, a forma de proteger o solo e o melhorar; fala-se dos adubos e estrumes. A parte silvícola merece atenção particular.

Na fitossanidade inserem-se artigos e informações sobre a forma de cultivar os pomares e proteger e desenvolver as frutas.

Depois é a pecuária e cuidados a ter com os animais para que a sua criação se torne rentável.

Por ultimo as máquinas agrícolas em que se fala da recolha do tractor e nos descreve as máquinas indispensáveis ao lavrador.

Em todo o volume, a ilustração mereceu atenção especial, como auxiliar indispensável da descrição.

Os colaboradores procuraram que a sua linguagem, castigada e de rigor científico, não passasse daquele nível de divulgação em que fica ao alcance da maioria dos lavradores.

Edição da Livraria Escola Editora.

«BOLETIM DA ACADEMIA PORTUGUESA DE EX-LIBRIS»

O n.º 21 do «Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris», referente ao mês de Julho, mantém o habitual interesse e aquele nível de colaboração que já vem sendo habitual.

A direcção é do dr. Carlos Lobo de Oliveira e de D. Guida Keil. São reproduzidos os ex-libris de Carlos d'Ornelas, Romeu Matos, Marques Gastão, Branca Maria Braga de Macedo, Virgílio Pedroso e D. José Vaz de Olmeida, ex-libris alemães, da colecção do prof. António Alvaro Dória. Há um estudo erudito do cap. Gastão de Melo de Matos sobre «Letras Capitais», uma conferência de Horácio de Castro Guimarães sobre o poeta Narciso de Azevedo; outro estudo histórico sobre o Leão de Glamis, do dr. António Pedro de Sousa Leite; de C. L., notas sobre a marca autoral de um poeta, e um bilhete-carta do Ultramar, sobre um ex-libris árabe, de António de Moreira Rato; além de um documentário sobre a Exposição Lopes Vieira. Publica ainda a correspondência de Lopes Vieira dirigida ao maestro Francisco de Lacerda, o catálogo de ex-libris da Biblioteca de Elvas, e ainda o Arquivo Bibliográfico em que se faz a recensão crítica de livros recebidos.

Acto de honradez para com visitantes de uma praia algarvia

ARMAÇÃO DE PERA, 16. — E' extraordinária a afluência de veraneantes e turistas por todo o Algarve, assinalando-se invulgar animação nesta praia um dos trechos mais imponentes e sugestivos do litoral português e onde está em vias de conclusão o amplo e moderno hotel com todos os aliciantes para os visitantes. De todos os pontos da província aqui vêm diariamente muitos banhistas, atraídos pelas belezas locais.

Numa dessas habituais excursões, esteve aqui, o sr. arquitecto José Rafael Botelho, de Lisboa, com sua esposa e seu filho, que estão a veranear acampados na Praia da Rocha. Depois de tomarem banho e contemplarem o soberbo panorama do Passeio da Fortaleza, ali deixaram inadvertidamente, ao retirarem-se no seu carro, um saco com roupas e mais de 2000$00 em dinheiro. Deram pela falta ao chegarem ao acampamento. Aqui voltaram em seguida, mas as diligências para encontrar o saco não deram resultado. Em ultimo recurso, foi mandado apregoar pela povoação para quem o tivesse achado entregá-lo ao presidente da Junta de Freguesia.

Entretanto, aparecia a sr.ª D. Adelina Madeira Anastácio Martins, esposa do sr. Manuel Rodrigues Martins, pedreiro, de Silves, que já andava a procurar os donos do saco, a quem este foi entregue com todo o seu recheio. E os testemunhos de reconhecimento e os elogios daqueles visitantes e dos banhistas aqui instalados são o justo apreço pela honradez desta boa gente algarvia, a cuja hospitalidade se podem entregar confiantes todos os forasteiros.

A CIDADE

Um prédio em perigo
no Bairro Alto

Já em tempos nos referimos ao caso, mas como até agora o assunto não tenha sido convenientemente solucionado, voltamos a ele.

Em princípio de Março, a Camara Municipal de Lisboa iniciou na Rua da Atalaia as obras de construção do Mercado do Bairro Alto, há dias inaugurado, com evidente benefício para os moradores desta zona da cidade. As escavações feitas para os alicerces provocaram — como então foi reconhecido — perigosas fendas num dos edifícios anexos, com entrada pela Rua da Rosa, 162.

Dado o alarme pelos inquilinos do prédio, a respectiva senhoria comunicou o caso ás entidades competentes. Os bombeiros verificaram a gravidade da situação, tendo mesmo recomendado aos inquilinos não se aproximarem das varandas. Uma das cozinhas do primeiro andar oferece evidente perigo, dado que o sobrado se encontra desde então mal apoiado.

No segundo e terceiro andares foram tapadas umas fendas, mas a falta de segurança, que oferece mais perigos no rés-do-chão e no primeiro andar, mantém-se. Nada foi feito, verdadeiramente, para consolidar o prédio, abalado pelas referidas obras.

Há cerca de quinze dias, um dos inquilinos do primeiro andar requereu e pagou uma vistoria, que até agora não foi realizada. Ontem, os bombeiros, reclamados de novo, voltaram ao prédio e colocaram «testemunhos» nas fendas, chegando ainda á conclusão de que o perigo será iminente quando voltar o período das chuvas.

Dada a gravidade deste caso, impõe-se que o Município providencie, no sentido de ser convenientemente resolvido. Estamos certos de que o sr. presidente da Camara Municipal de Lisboa, ao tomar conhecimento deste assunto, não deixará de ordenar providências imediatas e eficientes, como é de justiça.

A iluminação
na Praça dos Restauradores

Em face dos trabalhos de pavimentação em curso na Praça dos Restauradores, vai proceder-se á remodelação da iluminação publica local, por meio de doze candeeiros de concepção artística adequada. O estudo dos candeeiros referidos será demorado, pelo que se torna necessário proceder a uma instalação provisória diferente da actual colocada no passeio situado entre o monumento e o Palácio Foz, insuficiente, inadequada e até inconveniente para o transito.

Os candeeiros a utilizar temporáriamente terão a altura util de doze metros e serão equipados com quatro lanternas reflectoras e lampadas de ampola fluorescente.

Inauguração solene
do mausoléu dos Bombeiros Voluntários da Cidade de Lisboa

Integrada no programa do II Congresso Mundial do Fogo, haverá no dia 23, ás 15 horas, a cerimónia de inauguração no cemitério do Alto de São João, do mausoléu dos Bombeiros Voluntários da cidade de Lisboa.

Ao acto presidirão os srs. ministro do Interior e subsecretário de Estado das Obras Publicas, e estarão presentes, entre outras entidades, e além de representações estrangeiras, os srs. governador civil de Lisboa, presidente da Camara Municipal de Lisboa e inspector de Incêndios da Zona Sul, bem como as direcções e comandos das seis associações de bombeiros voluntários da capital — Lisboa, Ajuda, Lisbonenses, Campo de Ourique, Cruz de Malta e Beato e Olivais.

Procederá á bênção do mausoléu, por delegação do sr. cardeal patriarca de Lisboa, o sr. arcebispo de Mitilene.

Pelos hospitais

ACIDENTE NO TRABALHO — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José, em estado grave, o carpinteiro José Ferreira da Silva, de 35 anos, morador na Rua de D. Estefania, 43, 2.º, que caiu de um andaime, quando trabalhava nas obras de construção dos novos pavilhões do Hospital do Rego.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): um porta-moedas de cabedal branco, vazio, e outro com três chaves, um pente e um lenço; três tampões de rodas e um pequeno aro de farol de veículo automóvel; uma camisola de lã para criança; um estojo de cabedal com óculos graduados; um relógio de pulso para homem; uma pequena capa de couro com um livro; uma declaração de uma sociedade automobilística, em nome do sr. José Navalho Jorge Novo; uma carteira de cabedal com documentos em nome do sr. Rui Manuel Rogado e diversas fotografias; e outra de plástico, também com documentos em nome do sr. Manuel Alves Ramalho; três sandálias de criança e diversas argolas com chaves.

No Sindicato dos Motoristas, estão depositados: dois sacos com artigos de bebé, uma sombrinha, uma mala de mão, um casaco de malha, uma máquina fotográfica, chapéus de criança e duas canas de pesca.

Bancos para jardins

Realizou-se hoje, nos Paços do Concelho, o concurso publico para adjudicação da empreitada de construção, fornecimento e colocação de 100 bancos em jardins de Lisboa. Foram recebidas várias propostas e a base de licitação era de 75 contos.

O pessoal dos Serviços de Fiscalização da I.G.A. cumprimentou o seu director

Por motivo do 16.º aniversário da criação da Direcção dos Serviços de Fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos, os funcionários daquele serviço apresentaram, esta manhã, cumprimentos ao seu director, sr. Candido Lopes de Almeida.

Em nome do pessoal, falou o inspector, tenente Francisco Pires Junior, o mais antigo funcionário, que se referiu ás actividades da direcção no ultimo ano e á ingrata missão que incumbe aos funcionários. Pôs em relevo as qualidades do sr. Candido Lopes de Almeida, que o levaram a ocupar o mais alto cargo dentro dos Serviços, e manifestou o agrado com que todos trabalham sob a sua direcção.

Ao agradecer a visita, o sr. Lopes de Almeida disse quanto lhe era grato receber os funcionários e os seus cumprimentos, que retribuía, afirmando depois:

— Dada a circunstancia de ser esta a primeira vez que, nesta situação, os recebo, quero afirmar-lhes que vamos continuar na linha de rumo que nos orientou nos anos decorridos, procurando fazer sempre mais e melhor, a fim de que se não perca, antes se reforce, o prestígio alcançado. Intransigentes na administração da justiça interna e exigentes no cumprimento do dever, não deixaremos de defender o bem-estar de todos e as legítimas aspirações ou direitos de cada um.

O director dos Serviços de Fiscalização da I. G. A. agradeceu, em seguida, a presença dos jornalistas e a colaboração que a Imprensa tem prestado áqueles serviços.

À noite, haverá no restaurante de Montes Claros, um jantar de confraternização, a que assistirá o antigo director, major Silva Pais, actual director da Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

Uma camioneta de carga chocou com outra que derrubou uma barraca

O estado em que ficou o veículo abalroado

VILA FRANCA DE XIRA, 16. — De madrugada, na estrada nacional entre Castanheira do Ribatejo e Carregado, a camioneta de carga pertencente a Augusto Marques Veloso, de Lisboa, conduzida pelo motorista Joaquim dos Santos Abreu, foi embater violentamente numa outra pertencente á firma Baptista Bruno, de Lisboa, e conduzida por Aníbal Fernando de Magalhães. Este ultimo veículo encontrava-se estacionado na berma da estrada, em reparação de uma avaria de luzes.

Devido ao embate, a camioneta que se encontrava parada entrou numa propriedade e deitou abaixo uma pequena barraca de madeira, onde pernoitava o guarda da propriedade, António José Lobato, que felizmente nada sofreu, a não ser o susto.

Os condutores das camionetas e os seus ajudantes também nada sofreram.

UM ACIDENTE NA PONTE DO XARRAMA

TORRÃO, 16. — Um automóvel com matrícula americana, conduzido pelo seu proprietário, Guillermo Faria, de 46 anos, que se fazia acompanhar da mulher, Lola Faria, e seus filhos, Anola Faria, de 18 anos, e Guillermo Faria, de 14 anos, naturais da Venezuela, ao entrar na ponte sobre o rio Xarrama, á entrada desta vila, embateu na guarda do lado direito da mesma, tendo ficado muito danificado e impossibilitado de seguir viagem.

Do embate resultaram vários ferimentos nos ocupantes. O condutor sofreu traumatismo craniano.

Transportados ao hospital da Misericórdia desta vila, foram tratados pelo sr. dr. Ponte e Sousa e pela enfermeira D. Lucília Mota, seguindo, depois, para Lisboa.

A solidariedade académica

e compreensivas facilidades permitem a 400 estudantes ir a férias a Moçambique

Cerca de quatrocentos estudantes universitários vão, este ano, da Metrópole passar as férias grandes a Moçambique, graças a uma iniciativa cuja importancia se torna desnecessário acentuar e para a qual contribuem, em íntima ligação com os estudantes, os Ministérios do Ultramar e das Comunicações, o Governo de Moçambique, a aviação daquela província ultramarina e a TAP.

A ideia surgiu em Maio do ano passado num dos jantares mensais da Delegação da Associação dos Naturais da Província em Lisboa, lançada pelo sr. prof. Ário de Azevedo, do Instituto Superior de Agronomia, actual secretário provincial em Moçambique e ao tempo presidente da referida delegação. O sr. dr. Ário de Azevedo sugeriu o fretamento de aviões á TAP e a comissão de estudantes, que então se constituiu e se lançou ao trabalho com o maior entusiasmo, solicitou o patrocínio do sr. almirante Sarmento Rodrigues. Prestes a seguir para a Província, investido nas altas funções de governador-geral, o almirante Sarmento Rodrigues visitou a Casa de Moçambique onde os estudantes lhe expuseram os seus planos, os quais tiveram o apoio estimulador e decisivo do governador-geral e a valiosa cooperação da TAP que garantiu, desde logo, preços especiais para a viagem e prazos para os embarques na ida e na volta.

Assim, em 1961, foram passar férias a Moçambique 170 estudantes, dos quais 74 com passagens abonadas pelo Ministério do Ultramar e 96 beneficiando das facilidades obtidas pela comissão referida.

Aquele Ministério vem concedendo, desde há anos, por meio de verbas da Província e consoante uma legislação que obedece a critérios pedagógicos, passagens de férias aos estudantes do Ultramar. A verba, apesar de relativamente volumosa (1500 contos) só dá, contudo, para oitenta viagens, o que é pouco dada a elevada frequência daqueles estudantes dos estabelecimentos de ensino superior na Metrópole. Este ano, porém, as inscrições foram além de 400 em 620 estudantes inscritos pelo seu organismo. Uns desistiram, apareceram outros candidatos e ao fim foram apurados 388 candidatos.

O ultimo grupo desses estudantes que vão passar as férias com suas famílias, dirigindo-se a Lourenço Marques e á Beira, partiu agora, ficando apenas cá os que, desejando aproveitar este tempo estival e a vilegiatura nas praias da Metrópole, decidiram seguir lá para o fim do mês.

Uma agência de viagens de férias na Casa de Moçambique

Este entusiástico empreendimento suscitou u mmovimento constante e desusado na Casa de Moçambique, nos Restauradores, onde trabalha a Comissão de Passagens de Férias dos Estudantes de Moçambique, que ali instalou uma autêntica agência de viagens para eles e por eles dirigida, cuja complexa organização inclui tesouraria, secretaria, ficheiros, telefones, expediente, serviços de conta bancária, com ramificações por todas as escolas superiores do País e duas delegações em Coimbra e no Porto. Dezenas de estudantes por ali têm passado diáriamente, chegando a encher-se a vasta sala de inscritos que ultimavam os preparativos para a viagem.

Os dezoito componentes iniciais da comissão reduzem-se agora a três, os estudantes Dias Fernandes, de Medicina; Manuel Sales, do Instituto Industrial, e Orlando Santos, do I. S. de Ciências Económicas e Financeiras, todos de Lourenço Marques, os quais ficaram para a «ponta final». O próprio tesoureiro, Angelo Ribeiro, também já partiu, deixando um cheque por preencher para acerto final de contas com a TAP. Também fecharam as delegações em Coimbra e no Porto, uma vez que tudo se ultimou, ao cabo de porfiados esforços e admiráveis dedicações, conjugando-se com decididas boas-vontades e valiosos auxílios, aqui na Metrópole e em Moçambique. Isso permitiu que fossem este ano passar as férias á sua província quantos quisessem ir. Ao cabo, vão 388, dos quais 115 com passagens abonadas pelo Ministério do Ultramar e pagas pela província de Moçambique e 273 beneficiando das facilidades que a comissão obteve.

A tarefa para a realização da importante iniciativa, relativamente aos objectivos em vista nas férias deste ano lectivo, começou muito mais cedo, em Dezembro do ano findo. Decorreu com o maior entusiasmo a eleição de comissões, prevalecendo, após várias assembleias aqui em Lisboa, em Coimbra e no Porto, o critério da mais larga representação por faculdades e escolas. Trabalho delicado que ocupou, também, diversas assembleias na capital, com a presença de delegados coimbrões e portuenses, foi o que conduziu á adopção de um princípio de classificação escalonada dos candidatos inscritos.

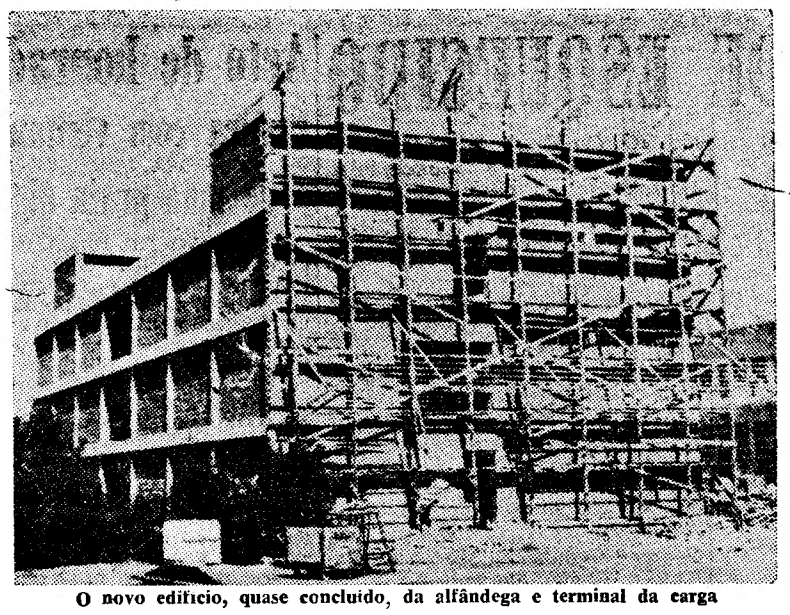
Foi trabalhoso, mas estabeleceu-se acordo e organizou-se um questionário com uma tabela de pontuação. Esta, somada nas respostas de cada inscrito, deu a posição de cada um na lista geral. O Ministério, por lei, dá mais valor, naturalmente, ás classificações escolares, enquanto que, para os estudantes, tem mais valor o período de afastamento de seus pais e da sua Província. Mas também o Ministério dá as passagens de graça e as daqueles são pagas pelas famílias.

Vencidas dificuldades que pareciam insuperáveis

Estruturada a organização dos estudantes, iniciaram-se as negociações com a TAP, que foi, dizem os interessados, de uma extensa e compreensiva atenção para eles, pois não só se comprometeu a transportar num mês 287 estudantes, 87 por parte do Ministério e 200 indicados pela comissão, como ainda se ofereceu para transportar, consoante as suas possibilidades, todos quantos quisessem ir a férias, nas mesmas condições de favor, indicados, também, pela comissão.

Mostram-se os estudantes sensibilizados por essa oferta do presidente do conselho de administração da TAP, sr. eng. Vaz Pinto, uma vez que não ousavam pedir á empresa o transporte de mais de 200 estudantes, convencidos da impossibilidade de seguirem 100. E foi

(Continua na 18.ª página)



O novo edifício, quase concluído, da alfândega e terminal da carga

Prosseguem em ritmo acelerado

as obras de modernização do aeroporto que ficará apto a satisfazer as exigências do tráfego

Num gesto de cativante gentileza, o sr. eng. José Maria Seguro, director do Serviço de Obras da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, acompanhou os jornalistas numa demorada visita ás importantes obras em curso no aeroporto da Portela de Sacavém, quer na aerogare, quer na pista nova, as quais entraram num ritmo acelerado e vão muito adiantadas.

As obras em execução — de ampliação e renovação — têm o objectivo de tornar o aeroporto de Lisboa apto a satisfazer cabalmente as necessidades do tráfego aéreo internacional, bem como a dos funcionários que nele prestam serviço, quer os do próprio aeroporto e os das companhias de aviação, quer os dos Serviços Aduaneiros, da Junta de Emigração, dos Correios, etc. O plano de renovação obedeceu a um sentido racional e prático e procurou, sobretudo, conseguir a melhoria dos serviços já existentes e a instalação de outros através de um inteligente aproveitamento dos espaços disponíveis e da utilização de novas áreas.

Durante a visita que fizemos com o sr. eng. José Maria Seguro, verificámos que o problema da insuficiência de instalações das companhias de aviação foi resolvido: encontra-se quase concluída uma série de dezoito gabinetes, numa ala de cerca de 60 metros de comprimento, a nascente da aerogare. São amplos e dotados das melhores condições de trabalho. Possuem aquecimento central, sistema apropriado de ventilação, instalações sanitárias, telefones internos e externos etc. Dentro da aerogare, no «hall» central, onde se encontram os actuais gabinetes, será instalado um tapete rolante para o transporte de bagagens, com um novo e mais prático balcão das companhias. Esse tapete levará as bagagens directamente para a ala exterior, lado Norte do edifício por onde se passa a fazer a circulação das bagagens. Deste modo, acaba-se com o sistema anacrónico e inconveniente dos carrinhos dentro da aerogare.

O prolongamento da ala que dá para o lado Norte, ficará ligado com a sala da alfandega por meio de outros tapetes rolantes destinados ás bagagens, que seguirão directamente para o rés-do-chão do edifício. Descongestiona-se assim o espaço e consegue-se maior desembaraço das actividades da chegada ou partida de bagagens dos passageiros. Do lado esquerdo da aerogare, a ala destinada á TAP foi consideràvelmente melhorada. O aspecto que já apresenta deixa antever a harmonia do conjunto, que tem acesso ao corredor das carreiras nacionais, dotado de um sistema moderno de iluminação, pequenas colunas de mármore negro, tecto de «muténe» envernizado, e óptima perspectiva para o «hall» central, destinado ao publico, através de vidraças amplas.

A sala de passageiros em trânsito é um melhoramento notável

Passámos á sala destinada aos passageiros em transito, quase concluída, e compreendemos imediatamente que estávamos em presença de um melhoramento notável. O sr. eng. José Maria Seguro revelou-nos que, dentro dela, na parede do lado esquerdo, será montado um magnífico painel de azulejos portugueses, com motivos nacionais. Com mais de 1000 metros quadrados (embora existisse um plano para uma sala totalmente nova e cujo custo seria de cerca de 10 000 contos, na ala Sul) a sala em conclusão terá condições para servir admirávelmente as necessidades do aeroporto, não só no presente, como em relação ao futuro.

Foi-nos revelado também pelo sr. eng. José Maria Seguro que existe ainda um plano para uma aerogare só para passageiros em transito, a instalar no centro da zona das pistas libertadas com a construção da nova pista de instrumentos, de 3800 metros de comprimento. Seriam criados novos postos de estacionamento sem os actuais condicionamentos da actual plataforma — mas não é chegado ainda o momento de realizar esse projecto, por motivos compreensíveis.

A sala dos passageiros em transito abrange toda a frente da fachada poente do edifício, e dá para a plataforma, com três saídas para a placa de embarque e desembarque, uma entrada para os passageiros em transito e outra para os passageiros locais. Dentro da sala, já em acabamentos, podem ver-se os locais para as montras e esca-

(Continua na 22.ª página)

O plano da aerogare só para passageiros em trânsito, a instalar no centro da zona de pistas agora libertada

A colaboração po

nos exercícios a ao largo da no

(Continuação da 1.ª página)

portugueses, durante vários dias desenvolveu no Atlantico, ao largo da nossa costa a operação «Riptide III», e vieram fundear ás 7 horas nas águas da luminosa baía.

Parte da importante formação, incluindo desde os enormes porta-aviões «Forrestal» americano, que, por várias vezes tem estado no Tejo e «Clemenceau», francês, aos navios das respectivas escoltas, fundeou na zona de Cascais, e outra, integrando alguns dos submarinos, aproaram em direcção ao Estoril. O escoltador-
portuguesa
tou-lhes as
do aos dist
americano,

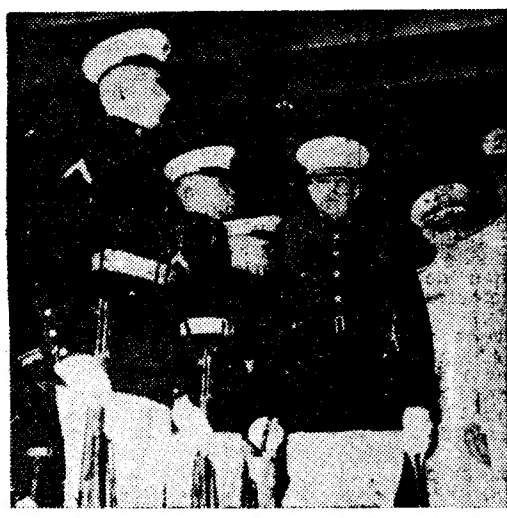
Com o c
a afluir á
praia do
nos varadi
be Naval d
tos salient
vando o
vios, mais
veram em
movimento
ções que s
cais em to

Os altos a bor

Entretan
do do giga
a anuncia
na qual ia
exercício,
ses, france
da o vice-
dante da
reunião.

O prime
trar naqu
rante ingl
da escada
do pelo se
gle, coman
ta-aviões,
vista á ci
constituída
com fanfa
o chefe d
da portu
Sousa Uva
chefe, sr.
do e Silva
revista áq

(Conti



O chefe do Estado-Maior da Armada, sr. almirante
á guarda de honra, a bordo d

Efectua-se em

amanhã à tarde a primeira apres da Escola de Tânsi

em colaboração com o

Principia amanhã o programa de realizações da Shell Portuguesa integradas na nossa campanha. A Escola de Transito daquela empresa, em colaboração com o «Diário de Lisboa», exibe-se em Leiria, no Largo do Norte junto á Avenida Heróis de Angola, ás 16 e 30. As inscrições das crianças devem fa-

zer-se na
Leiria, d
meio-dia.
-se-á um
25 partic

Estes
uteis e s
como um
tico ao
com regr
que se a
país dos
Shell, em
jornal, n
lembranç
ças e ac
monstraç

Por se
ciativa a

(Cont

RETRATOS EM 10 MINUTOS
Para passaporte, passes e B. Identidade, etc.
FOTOFILME — Rossio 101
Tel. 323192
(ao lado da Pastelaria Suissa)

TAKY (DEPILATÓRIO) Francês
Agora o CREME é:
MAIS MACIO
MAIS RÁPIDO
MAIS PERFUMADO
Pelo correio, Esc. 22$00, em selos
COUTO, LDA. — PORTO

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-la ou trocá-la pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

FOLIAR K
Para a adubação das plantas através das folhas
SOCIEDADE PERMUTADORA
S. A. R. L.
LISBOA PORTO
A venda nas casas da especialidade

...ração portuguesa

...xercícios aeronavais

...rgo da nossa costa

...ª página)

...ários dias de... ...co, ao largo ...ação «Riptide ...r ás 7 horas ...a baía. ...e formação, ...ormes porta... ...ericano, que, ...stado no Tejo ...ês, aos navios ...tas, fundeou ...e outra, inte... ...submarinos, ...ao Estoril. O

...ado

...ráfego

...s compreen... ...ros em tran... ...frente da fa... ...ens inaugurado ...na ...cio, e dá para ...s saídas para ...e desembar... ...os passagei... ...utra para os ...ntro da sala, ...podem ver-se ...ntras e esca...

...ª página)

escoltador-oceanico, da Marinha portuguesa, «Pero Escobar», prestou-lhes as honras do estilo, saudando aos distintivos dos almirantes americano, francês e inglês.

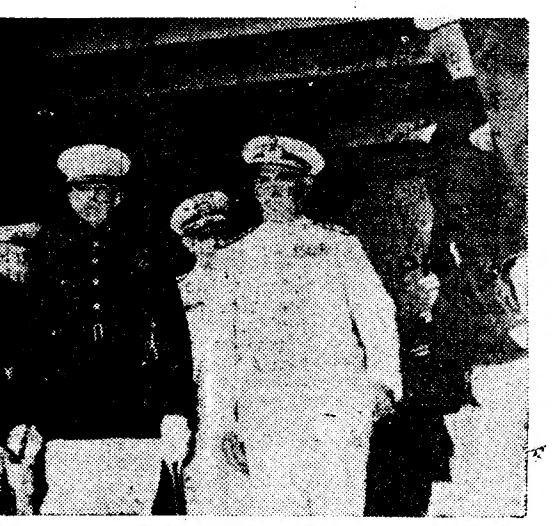
Com o clarear do dia, começaram a afluir á orla do mar, desde a praia do Guincho, aglomerando-se nos varadins das instalações do Clube Naval de Cascais e noutros pontos salientes muitos curiosos observando o vistoso conjunto de navios, mais de metade dos que estiveram em exercícios, e o desusado movimento de inumeras embarcações que sulcavam a baía de Cascais em todos os sentidos.

Os altos comandos reunidos a bordo do «Forrestal»

Entretanto, iam chegando a bordo do gigantesco «Forrestal», para a anunciada reunião de comandos na qual ia ser debatido o tema do exercício, os altos comandos ingleses, franceses e portugueses e ainda o vice-almirante Taylor, comandante da esquadra, que presidiu á reunião.

O primeiro oficial-general a entrar naquela unidade foi o almirante inglês Hopkins, que, ao cimo da escada do portaló, era aguardado pelo seu colega americano, Hogle, comandante da divisão de porta-aviões, que o acompanhou na revista á cintilante guarda de honra, constituída por fuzileiros navais com fanfarra. Pouco depois, chegou o chefe do Estado-Maior da Armada portuguesa, sr. vice-almirante Sousa Uva, acompanhado pelo subchefe, sr. contra-almirante Roboredo e Silva, que igualmente, passou revista áquela formatura. Enquanto

(Continua na 14.ª página)



...r da Armada, sr. almirante Sousa Uva, passando revista ...da de honra, a bordo do «Forrestal»

...a-se em Leiria

...á à tarde

...eira apresentação

...la de Tânsito da Shell

...oração com o nosso jornal

...o programa de ...Portuguesa in... ...panha. A Es... ...uela empresa, ...o «Diário de ...n Leiria, no ...o á Avenida ...16 e 30. As ...as devem fa...

...ntas

...ORA

...RTO

zer-se na Comissão de Turismo de Leiria, desde hoje até amanhã ao meio-dia. Antes do espectáculo, far-se-á um sorteio para escolher os 25 participantes na demonstração.

Estes serão contemplados com uteis e sugestivas lembranças tais como um «jogo de transito», idêntico ao «jogo da glória»; folhetos com regras para peões e outros em que se apontam as causas principais dos acidentes. Em edição da Shell, em colaboração com o nosso jornal, milhares destes folhetos e lembranças são oferecidos a crianças e adultos que assistam á demonstração.

Por seu lado, colabora nesta iniciativa a «Coporel», que oferece os

(Continuação da 13.ª página)

DUAS LETRAS DOIS CARROS AO SERVIÇO DO PAÍS

Os jornalistas portugueses na ponte do «Enterprise», com o comandante do navio

Voando em helicóptero

sobre três frotas a caminho de Lisboa e a visão rápida do primeiro porta-aviões atómico

A BORDO DO «FORRESTAL», NO ATLANTICO, 15 — O nosso dia de hoje foi aquilo a que, em inglês, se chama «a full day». O almirante Taylor, comandante da 2.ª Esquadra dos Estados Unidos e, também, desta gigantesca «Task Force» aliada, cuja vida intensa vivemos há três dias, quis que fossemos admirar, em helicóptero, a imponente formação naval e que «poisássemos», depois, sucessivamente, no porta-aviões atómico «Enterprise» e no cruzador «Newport News», que tem sido como que «o cérebro pensante» deste conjunto de quarenta unidades navais pertencentes a três nações, sob o comando daquele oficial general.

Pouco passava das 8 horas, quando o nosso helicóptero descolou suavemente da pista de voo do «Forrestal». Um espectáculo novo preenchia a manhã: tinham aparecido os grandes petroleiros das frotas, que estavam a reabastecer, em marcha, todos os navios. Cada petroleiro, com uma unidade de combate por cada bordo, procedia, através de largas mangueiras, ao reabastecimento da grande Armada. Navegando a velocidades perfeitamente iguais, a manobra é extremamente curiosa e exige aturado treino para que resulte bem, como costuma acontecer.

Com uma luminosidade surpreendente, o nosso passaroco vermelho-negro, accionado por duas hélices de compridas pás, deslocava-se rápidamente, apenas uns cem metros acima da superfície azul e enrugada do oceano. E' aliciante esta corrida sobre as águas que, já uma vez, há dois anos, o almirante George Anderson me proporcionara no helicóptero do «Des Moines», diantes, que estavam a reabastecer, em marcha, todos os navios. Cada petroleiro, com uma unidade de combate por cada bordo, procedia, através de largas mangueiras, ao reabastecimento da grande Armada. Navegando a velocidades perfeitamente iguais, a manobra é extremamente curiosa e exige aturado treino para que resulte bem, como costuma acontecer.

Com uma luminosidade surpreendente, o nosso passaroco vermelho-negro, accionado por duas hélices de compridas pás, deslocava-se rápidamente, apenas uns cem metros acima da superfície azul e enrugada do oceano. E' aliciante esta corrida sobre as águas que, já uma vez, há dois anos, o almirante George Anderson me proporcionara no helicóptero do «Des Moines», diantes, os recalcitrantes e vingativos insectos continuam a actuar sobre os inocentes e os incautos que desconhecem ainda os seus maléficos propósitos. Por isso, chamamos a atenção de todos para notícias do género da que publicamos a seguir e que ilustra bem a malévola acção dos insectos e as suas traiçoeiras intenções.

(Continuação da 13.ª página)

O CASO DA PRAGA DOS INSECTOS

Significativa mensagem interceptada a tempo

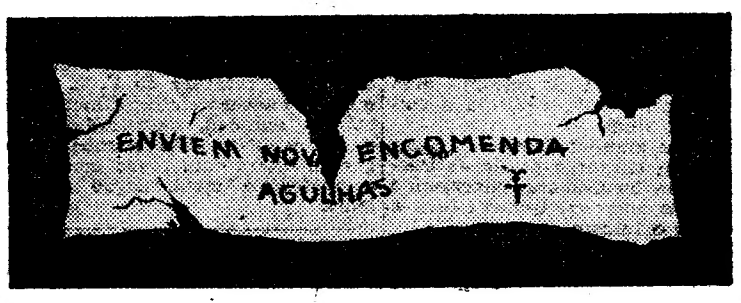
Atenção leitores: a P. I. C. A. S. continua a fazer das suas. Hoje já ninguém pode ignorar o que estas cinco letras significam, pois a Praga de Insectos para o Combate Anti-Shelltox continua a salientar-se e a dar-se a conhecer por toda a parte. Uma coisa apenas a perturba: o «Shelltox». Quando o insecticida que mata que se farta aparece, então sim, acabam-se P. I. C. A. S., comichões, borbulhas, etc., etc., porque os insectos não podem subsistir.

Infelizmente, porém, nem todos conhecem ainda o poder desta associação dos insectos, de outro modo já se teriam prevenido com as extraordinárias bombas «Shelltox». Entretanto, enquanto não chega essa hora de todas as pessoas previ-

Enviem nova encomenda de agulhas

Um leitor assíduo, que deseja conservar o incógnito, enviou-nos com o pedido de esclarecimentos, a seguinte mensagem encontrada ontem sobre uma mosca que falecera devido a uma pulverização de «Shelltox»

Eis o minúsculo papel:



É bem claro o terrível significado desta inquietante mensagem. Trata-se de um apelo da P. I. C. A. S. aos outros insectos do «gang» no sentido de serem feitos fornecimentos de ferrões envenenados com os quais a tristemente célebre praga pretende estender a sua acção de ferroadas. Mas temos que permanece ratentos ás picadelas. Sabemos que «Shelltox» é invencível, pois mata que se farta

O médico que observou uma das três crianças falecidas em Queixada quis recusar a certidão de óbito

GUIMARÃES, 16 (Do nosso enviado especial) — Na Quinta da Queixada, num lugar ermo, da freguesia de Urgeses, que atinge a própria cidade de Guimarães, fomos encontrar o casal que perdeu em pouco tempo três filhos, falecidos em circunstancias estranhas: António Salgado e sua mulher, Emília Martins Francisco, de 22 anos. Ele, um trabalhador do campo, não tão rude como é vulgar encontrar em pessoas dedicadas apenas á faina das terras; ela, rapariga de aldeia, com aparência de mulher um pouco mais idosa, mas de feições correctas, olhar expressivo e com bonita maneira de falar, sem deixar esquecer, porém, que é uma camponesa a quem o labor e a perda dos filhos deram já expressão um tanto ou quanto pesada.

Mais resignados com a fatalidade que lhes entrou na humilde casa em que habitam, pertença do senhorio da propriedade que cultivam, o comerciante sr. Joaquim Teixeira, o casal repetiu-nos, mais ou menos, tudo quanto ontem referimos sobre os tristes acontecimentos que os atingiram dolorosamente, com mais ou menos pormenores, que atribuimos á sua pouca cultura, citando factos que pouco adiantam para a explicação do que aconteceu.

A Emilia referiu em pormenor os antecedentes das mortes das três crianças — sempre ela a assistir a tudo quanto se passou, por fatalidade sua.

O pai, esse, além de ter ido com os dois filhinhos ao médico, sr. dr. Alberto Cotter, que mora em frente á estação do caminho de ferro, pouco ou nada testemunhou, além da morte, após a consulta, da Maria, de 2 anos, sem sequer ter tempo de tomar o que lhe foi receitado. A nada mais assistiu, poi foi sempre surpreendido, quando trabalhava perto de casa, com as tristes notícias que lhe foram comunicadas.

A segunda criança sofria de doença grave

Ouvimos pessoalmente o médico local. Sempre atentos ás naturais reservas que os médicos põem, em obediência á sua deontologia, foi cautelosamente que formulámos algumas perguntas, ás quais aquele clínico respondeu, quase sempre, com prudente reserva. Há, porém, um ponto, sobre o qual falou com clareza: sobre a morte da segunda criança, após ter sido levada á sua presença. Notou-lhe, de facto, doença grave, que diagnosticou e medicou, razão pela qual nenhuma duvida teve em assinar a certidão de óbito.

Quanto á ultima das três crianças, a Ana, porque a tinha examinado atentamente dias antes do seu falecimento, e não lhe encontrasse qualquer doença, quando lhe comunicaram a sua morte, manifestou, imediatamente, o propósito de se recusar a passar a certidão de óbito, aconselhando os pais a procurarem o delegado de Saude, a fim de que este determinasse o que se lhe oferecesse.

A moradia do humilde casal onde morreram as três criancinhas

O nosso redactor falando com os desventurados pais das crianças mortas

O dr. Alberto Cotter disse-nos nada saber quanto á forma como actuou aquela autoridade. Como

(Continua na 14.ª página)

O ministro da Saúde ordenou um inquérito

Por informações colhidas no Ministério da Saude, soubemos que o sr. dr. Martins de Carvalho ordenou que se proceda, através da Direcção-Geral de Saude, a um inquérito ás causas da morte, das três criancinhas do lugar de Queixada, caso estranho que o nosso jornal ontem revelou e ao qual hoje nos voltamos a referir.

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
Dinheiro Empresta-se
QUALQUER QUANTIA SOBRE PROPRIEDADES
TRANSACÇÕES EFECTUADAS EM 24 HORAS
JURO DE LEI
LISBOA: ROSSIO, 3-2.º-DTO - TELEF. 369384/5/6.
PORTO: R. PASSOS MANUEL 14-1.º-TEL. 20344/5/6 P.P.C.A

A 25.ª Volta a Portugal em bicicleta

GRANDE PRÊMIO «CERVEJA SAGRES»

Decreto dos corredores
—para nós também é feriado

(Por FERNANDO SOROMENHO, nosso enviado especial)

VILA DO CONDE, 16. — (Pelo telefone). — A fábrica de fazer dinheiro no ciclismo — a realização dos circuitos — deu boa produção, mas por aí se ficou, com a tremenda decepção dos milhares e milhares de pessoas que se deslocaram a Vila do Conde na expectativa de assistirem a uma corrida emocionante, porventura capacíssima de estremecer o «camisola amarela» — apenas com 1 minuto e 37 segundos de vantagem sobre o seu mais próximo competidor, o benfiquista Peixoto Alves.

Houve, concorda-se, uma boa jornada de ciclismo no respeitante a propaganda, partindo do princípio de que a modalidade ainda dela necessitada, o que é um erro crasso, porquanto desorganização não é de maneira nenhuma (dizem os dicionários) sinónimo de propaganda, mas no capítulo da competição registou-se um substancial... dia de descanso.

A entidade organizadora, sem muito dinheiro, melhor dizendo, sem nenhum dinheiro, resolveu fazer a «Volta» de enfiada, indiferente aos princípios que defendem a incrustação de um dia de repouso em quinze dias de actividade, num total de 2800 quilómetros. E ao proceder assim, integrou-se nos domínios da tese que agita, como argumento decisivo, a quebra de ritmo e perturbação no metabolismo de cada atleta que adquiriu a rotina.

Sem que houvesse reunião para os fins em vista, conclui-se em face dos 75 quilómetros de Vila do Conde, disputados em linha, que, no fundo, os corredores capricharam em inventar um dia de tréguas e de reserva de energias, pensando nos 757 quilómetros que ligarão Vila do Conde a Lisboa.

Nada a fazer, senão aceitar os factos tal qual são, muito embora a média registada, na casa dos 41 quilómetros, não seja desagradável. O hábito consegue destas coisas e mais proporcionaria se por esse País fora proliferassem as provas, á média de uma por semana, o que não é um exagero num meio onde a modalidade goza de extraordinária popularidade e onde muita gente, no Centro e Norte, anda de bicicleta — o «automóvel» do operariado e do trabalhador rural.

● Ovarense, de novo

Os ovarenses estão de parabens por causa da boa vitória de Jacinto de Oliveira o que, em certa medida, representa uma compensação para o desgosto motivado pela forçada desistência de Laurentino Mendes, por sugestão do médico, ocorrida na véspera antes da tirada no Estádio das Aantas.

O vencedor, que andou como todos os outros, no ramerrão de pedalar, sem ter qualquer ideia fisgada, quando faltavam 15 quilómetros para o termo da monotonissima tirada, «esticou» e, perante o pasmo geral, logrou vantagem apreciável, logo na primeira volta, de 20 a 35 segundos sobre o pelotão.

Depois, limitou-se a manter a cadência, a despeito de ter aumentado o avanço porque o pelotão assim o consentiu, sucessivamente para 45 e 57 segundos, a 9 quilómetros do fim.

Uns assobios dirigidos aos 36 homens, que continuavam grudados, terão perturbado o «dolce far niente» e, então, a reacção (uma caricatura, evidentemente) cortou 12 segundos na 24.ª volta e 17 na derradeira — insuficiente somatório porquanto Jacinto terminou com o saldo a seu favor de 13 segundos.

E o muito concorrido (de publico) circuito de Vila do Conde, previsto para 23 voltas com o total de 75 quilómetros, e que á ultima hora teve o acrésmimo do 2 aos dois factores, limitou-se a isto: novo triunfo ovarense na «Volta» e classificação geral, individual e colectiva, sem modificações.

Em conclusão, os corredores não trabalharam.

Se era dia feriado...

Anotações «voltistas»

De aplaudir...

1 — ...a inscrição das equipas representativas da Baixa da Banheira, e do Vianense.

2 — ...a gentileza, sempre constante, da Sociedade Central de Cervejas, ao oferecer «Sagres» e refrigerantes «Schweps» aos membros da caravana.

3 — ...a organização na meta de Vila do Conde que bateu de longe a infeliz confusão que se verificou, no ano passado.

4 — ...o bom serviço prestado pelo médico, Centro de Enfermagem e ambulancia «Aspro».

De lamentar...

1 — ...a deficiente preparação da maioria dos corredores que se inscreveram, mesmo os que pertencem a equipas cuja presença se sauda com um aceno de simpatia.

2 — ...a ausência de um delegado permanente da organização para atender os representantes dos orgãos de informação.

3 — ...a intenção do presidente da Federação de Ciclismo em excluir a Covilhã da «Volta» do próximo ano. A «Volta» sem estrela é como o negrume no céu...

4 — ...a ausência da equipa do Sangalhos precisamente quando a prova pára na região.

Rasto de pânico
no ciclismo português

● Mais de 66% de baixas é percentagem que confirma a crise da modalidade

VILA DO CONDE, 16. (Pelo telefone). — À partida para Monção, recorda-se o numero de «sobreviventes», citando-se o numero total com que cada equipa alinhou no passado dia 4, nas Antas:

OVARENSE (4)
2 — João Gomes
3 — Jacinto Oliveira
4 — António Oliveira
5 — António Candido
Apresentou 9 unidades

VIANENSE (1)
16 — Julio Abreu
Apresentou 5 unidades

ACADÉMICO (3)
19 — Manuel Melo
22 — Joaquim Costa
26 — Augusto Cardoso
Apresentou 8 unidades.

TAVIRA (4)
31 — Indalécio Jesus
32 — Jorge Corvo
34 — Otávio Trinta
35 — Virgilio Nunes
Apresentou 8 unidades

BENFICA (5)
37 — Peixoto Alves
39 — Manuel Simões
41 — Francisco Valada
45 — Alcino Rodrigo
47 — Florêncio Silva
Apresentou 14 unidades

OL. DO BAIRRO (1)
55 — Carlos Simão
Apresentou 5 unidades

BAIXA DA BANHEIRA (2)
59 — António Laranjinha
63 — Arménio Augusto
Apresentou 6 unidades

ALPIARÇA (2)
71 — João Brito
75 — João Centeio
Apresentou 12 unidades

SPORTING (3)
78 — Pedro Junior
79 — João Roque
82 — Pedro Carvalho
Apresentou 10 unidades

LOULETANO (1)
91 — Vitor Tenazinha
Apresentou 8 unidades

LEIXÕES (2)
108 — Augusto Fortes
116 — Julio Rodrigues
Apresentou 8 unidades

F. C. PORTO (8)
117 — Sousa Cardoso
118 — Mário Silva
119 — José Pacheco
121 — Azevedo Maia
123 — Sousa Santos
124 — Ernesto Coelho
125 — Mário Sá
128 — Mário Liranda
Apresentou 12 unidades

SANGALHOS (0)
Esta equipa, que desapareceu, por completo, alinhou com 8 unidades

Mais de 66% de baixas.

Um autêntico «escandalo» nos anais do ciclismo português. Sintomas evidentes de crise de valores, dado que as médias se têm limitado, praticamente, á observancia do que os técnicos previram.

Com o profissionalismo implantado no nosso ciclismo é de crer que os clubes — se, acaso persistir a actual estrutura que vigora na modalidade — procedam a profundas alterações nos seus métodos de treino.

A «Volta» deste ano, só com dois espanhóis, deixou um rasto de pânico. Imagine-se o que não teria sido se porventura houvessem concorrido agrupamentos estrangeiros. — F. S.

Diferença escassa ou diferença suficiente?

—O PROBLEMA DO MOMENTO SOBRE O DESTINO DA «AMARELA»

VILA DO CONDE, 16. (Pelo telefone). — A instabilidade da «camisola amarela», que já se colou ao tronco de cinco corredores, tem servido para conferir á «Volta-62» um pronunciado grau de interesse, não obstante determinadas decepções, que os acontecimentos, gradualmente, revelam e que de maneira nenhuma estão no plano da dignidade atlética que deve ser apanágio de qualquer competição que se preze de sê-lo.

O fascínio do 1.º lugar açambarca todavia, todos os restantes problemas, relegando-os para uma posição subalterna donde talvez nunca mais venham a sair.

Analisando-se as classificações gerais das 16 tiradas já disputadas, conclue-se que nunca o «camisola amarela»—e já foram quatro os donos, Peixoto Alves, Ilídio do Rosário, Azevedo Maia, e José Pacheco, num emocionante despique Benfica-Porto e que até á data tem sido a grande realidade — desfrutou de um avanço superior a dois minutos em relação ao 2.º classificado.

As maiores diferenças teve-as o portista José Pacheco (1 m 46 s na tirada Vila Viçosa-Portalegre; 1 m 42 s na tirada Vila Real-Porto; 1 m 37 s na tirada das Antas e de Vila do Conde e 1 m 09 s na tirada da pista de Tavira).

Peixoto Alves, o que é bastante curioso, vestiu o símbolo do melhor sem nunca usufruir de um segundo de vantagem sequer O mesmo aconteceu com Ilídio do Rosário, que abandonou já a prova. Azevedo Maia durante o seu «reinado» chegou aos 56 segundos.

Presentemente, José Pacheco e Peixoto Alves — as figuras destacadas e que constroem uma rivalidade só benéfica para o ciclismo, que bem necessitado anda dela e de várias do mesmo jaez estão separados por 97 segundos, margem que perante os 757 quilómetros que levarão a «Volta» até Lisboa não pode ser rotulada de confortável e muito menos, claro, definitiva.

Ao corredor do F. C. Porto, cuja forma magnífica, não será indiferente a quantidade de elementos que ainda figuram na sua equipa e, mais do que isso a qualidade de 3 deles, preciosa, se a entreajuda se processar sem peias, como aliás, os preceitos do ciclismo moderno exigem.

O benfiquista Peixoto Alves, outro lutador de boa têmpera é homem para desfeitear seja quem for, se proventura se «meter» numa ofensiva. A sua intuição táctica aliada á obstinação do seu orientador nesse sentido poderão contribuir para o êxito se a Pacheco acontecer o percalço de solução impossível.

Não limitando a questão a duas unidades (pensamos que um ataque imprevisto é susceptível de abalar com os alicérces da corrida e atirar com outro nome para a «fogueira» dos ultimos quilómetros) julgamos, porém, que a candidatura de Pacheco se afigura mais válida, devido, sobretudo á série de elementos coadjuvantes que são forte escolta do seu inegável talento. Mas o rapaz de Santo Tirso terá que redobrar de vigilancia...

Seja como for, a diferença, segundo o pensamos, é insuficiente muito embora se recorde, a propósito, do êxito de Carlos Carvalho quando, em 1959, venceu a «Volta» á custa de cinco segundos. — F. S.

● **A disputa do Prémio da Montanha termina amanhã, com a escalada de Portela do Vale. Se concluir a «Volta», Mário Silva, do F. C. Porto, será o vencedor. O jovem ciclista nortenho não precisou, todavia, de trepar como o fez em Espanha e em França. Limitou-se, práticamente, a «sprintar» com o risco da chegada á vista.**

● No Estádio das Antas, durante a tirada da noite, estrelejaram foguetes. Comentário de um corredor do Sul: «Tenho cá um pressentimento de que isto pode «estragar» o que falta percorrer». O que significará a afirmação?

● **José Pacheco vestiu, pela terceira vez, a camisola amarela, conseguindo essa honra, em Lisboa e no Porto, dois dos grandes objectivos.**

● A eliminação de três corredores do Sporting na tirada que terminou no Porto impressionou a caravana, porquanto não era costume verificar-se entre os «leões» uma «delapidação» desta natureza a cinco dias do final.

● **Um dos grandes desejos do Benfica era chegar e partir do Porto com um homem seu, envergando a camisola amarela. Quase esteve a conseguir o intento.**

● Jorge Corvo não está desanimado por completo. Ainda alimenta pretensões para conquistar o 1.º lugar.

● **Inácio Ramos, o veterano das «Voltas», não concluirá a competição deste ano, por ter sido eliminado. Segundo nos declarou, tenciona despedir-se da actividade em princípios de Setembro durante um festival a realizar em Loulé.**

● «Tudo indicava que ele (Pacheco) me atacasse. Por isso, tomei a decisão de ser eu a tentar desgastá-lo e a atrasá-lo na subida do Marão». Esta declaração de Peixoto Alves tenta explicar a razão de ser da fuga do rapaz de Aldoar, sózinho, a poucos quilómetros de Vila Real.

● **A Associação Desportiva Ovarense ganhou pela 2.ª vez uma tirada. Uma proeza de tomo.**

● *«Palavra, que é muito melhor pedalar numa «fuga» do que andar metido no pelotão». A declaração é da responsabilidade de Mário Sá que pensa, esclarecemos, em proceder a uma revisão do quadro da sua bicicleta logo que termine a «Volta».*

● **Um dos vencedores da «Volta», o portuense Carlos Carvalho, que desistiu, estava no Estádio das Antas. Mas preferiu ocupar uma posição no «peão». Longe da multidão, o pequeno corredor do F. C. Porto, quando Pacheco cortou a meta, destacado, abraçou, entusiásticamente, o companheiro. Um parabém eloquente que atrasou, por momentos, a apoteótica manifestação do publico.**

ETAPA DE HOJE

«FAMEL»

Vila do Conde-Monção (141 km.)
Meta volante **PHILISHAVE**
em Esposende

A equipa do Benfica que conquistou com grande mérito o campeonato nacional de handebol de sete

DESPORTOS

O Benfica conquistou com brilho

o Campeonato Nacional de Handebol de Sete

Concluindo o Nacional, sem derrotas, o Benfica voltou a repetir as suas excelentes exibições anteriores, o mesmo se podendo afirmar no que respeita á equipa leonina, quanto á sua nítida baixa de rendimento.

De facto, os «encarnados» evoluiram ontem em Campo de Ourique, de forma categórica, chegando a usufruir da apreciável vantagem de 19-5, para acabar por vencer por 21-11, depois de, no período final do jogo terem substituído César e Pintado, dois dos seus elementos mais brilhantes que até então tinham obtido doze golos.

O Sporting, se é certo ter sempre lutado com entusiasmo, demonstrando os seus jogadores inegável vontade de acertar, não é menos certo, que nunca o conseguiram, enquanto o novo campeão nacional foi sempre eficaz, desde o seu guarda-redes Guilherme — que defendeu duas grandes penalidades — até aos suplentes que, embora menos incisivos, não fizeram quebrar o bom ritmo da equipa.

Conseguiu assim o Benfica o seu primeiro título na categoria, com a proeza de o fazer sem ser batido e a sua vitória não merece discussão, já que a sua acentuada subida de forma em que atingiu um plano como nunca fora capaz desde sempre, não foi acompanhada pelos restantes, o F. C. Porto, ainda em rodagem para a sua futura equipa; o Sporting longe do valor habitual e o Padroense a tradicional quarta equipa sem possibilidades.

Quanto ao campeonato dos mais jovens, o jogo foi muito equilibrado, com vantagem escassa por vezes de ambas as equipas; várias situações de igualdade e triunfo tangencial dos «encarnados» (9-8), a colocar a equipa com boas possibilidades para a conquista do título.

Os resultados, foram em séniores 21-11 (8-4) e em juniores 9-8 (4-4), indicando-se entre parêntesis, o marcador, ao intervalo.

Guilherme, César, Pintado, Plácido, Cardoso, bem acompanhados pelos restantes, estiveram em evidência no Benfica; Rogério, Feist e Gonçalves, no Sporting.

Nos juniores, Marques (Spt.) e Teixeira (Bf.), este com sete golos marcados, foram os melhores.

Uma fuga de dois corredores animou o final da tirada de hoje

(Continuação da 1.ª página)

sentes em todas as iniciativas esboçadas.

A Meta Volante, situada em Esposende, onde toda a gente, pode dizer-se veio para a rua ver passar os corredores, foi ultrapassada em primeiro lugar por António Pedro Junior, seguido de Manuel de Melo e Azevedo Maia, no tempo de 1 h 03 m e 50 s.

Esperava-se que o sportinguista esticasse, aproveitasse o balanço mas não. Voltou tudo á mesma toada e formou-se um pelotão. Entretanto Octávio Trinta tentou também uma fuga mas Sousa Cardoso peremptório colou-se e o tavirense viu os seus esforços anulados.

A passagem em Viana do Castelo

Em Viana do Castelo os corredores passaram ás 11 e 43, em marcha moderada a dar a ideia que desfrutavam as belas paisagens que a proximidade do Atlantico tornam mais frescas e convidativas para umas excelentes férias.

Aos 80 quilómetros, Mário Ferreira sofreu um furo. Próximo de Vila Praia de Ancova o pelotão partiu-se em dois grupos. A velocidade aumentou verificando-se que o grupo da retaguarda era formado por 11 unidades e que o da frente tinha 25. Mário Ferreira era, nesta altura, o mais atrasado. Em Caminha, ultrapassada ás 12 e 23, Pedro Junior após ter ultrapassado em primeiro lugar a meta ali instalada, abalou sózinho, mas o Benfica moveu-lhe uma tenaz perseguição e num quilómetro, o sportinguista foi apanhado. Todavia, aos 98 quilómetros nas imediações de Vila Nova de Cerveira, fugiu o ovarense António Oliveira, logo seguido de João Centeio. Nesta altura a tirada começou a despertar mais interesse pois nesta localidade os dois fugitivos levavam já a vantagem de 20 segundos sobre um grupo formado por João de Brito, António Laranjinha, António Candido, Carlos Simão, Indalécio de Jesus e Virgílio Nunes e estes 30 segundos sobre o pelotão que também estava fraccionado e se alongava na estrada.

Os fugitivos rolavam em excelente ritmo, revelando boas qualidades de roladores. A 7 quilómetros de Caminha o avanço dos homens da vanguarda cifrava-se em cerca de 3 minutos e este avanço dizia respeito ao pelotão, uma vez o que o grupo de cinco unidades já fora apanhado.

Em Valença o avanço aumentou para 4 m 53 s, com o pelotão absolutamente desinteressado, admitindo, assim, o aumento progressivo do avanço dos fugitivos. No pelotão verificava-se este pormenor curioso: Mário Silva e João Roque revezavam-se no comando e o «camisola amarela» vinha no meio, com uma guarda de honra impressionante, formada por «camisolas vermelhas». Queremos dizer, o Benfica só se preocupava em controlar os movimentos de José Pacheco. E até á meta nada mais digno de registo se verificou, a não ser a vitória ao «sprint» do ciclista da Ovarense, António Oliveira.

Ordem de chegada
a Monção
INDIVIDUAL

		H.	M.	S.
1.º	A. Oliveira (Ovar.)	3	30	32
2.º	João Centeio (Alp.)	m.	t.	
3.º	Alc. Rodrigo (Bfc.)	3	37	31
4.º	Jorge Corvo (Tav.)	m.	t.	
5.º	Sousa Cardoso (FCP)	»		
6.º	V. Tenazinha (Loul.)	»		
7.º	Peixoto Alves (Bfc.)	»		
8.º	A. Pedro Jr. (Spt.)	»		
9.º	José Pacheco (FCP)	»		
10.º	Azevedo Maia (FCP)	»		
11.º	Ped. Carvalho (Spt.) Mário Silva (FCP), João Roque (Spt.), Mário Sá (FCP), O. Trinta (Tav.), João Brito (Alp.), M. Melo (Acad.), Carlos Simão (O. B.), Augusto Cardoso (Acad.), Indalécio Jesus (Tav.), Augusto Fortes (Leix.) João Gomes (Ovar.), A. Laranjinha (B.B.) Ant. Candido (Ovar.), J. Abreu (Vian.), A. Augusto (B. B.), J. Oliveira (Ovar.), Florêncio Silva (Bfc.), J. Costa (Acad.), Julio Rodrigues (Leixões), Carlos Pires (O. B.), Manuel Simões (Bfc.), Virgílio Nunes (Tav.), Sousa Santos (FCP), Franc. Valada (Bfc.) e Ernesto Coelho (F. C. Porto)	»		
37.º	M. Miranda (FCP)	3	42	30

Por equipas

		H.	M.	S.
1.º	Ovarense	10	45	34
2.º	F. C. Porto	10	52	33
3.º	S. L. Benfica	10	52	33
4.º	Sporting C. P.	10	52	33
5.º	Tavira	10	52	33
6.º	Académico	10	52	33

Classificação geral
à chegada a Monção

		H.	M.	S.
1.º	— José Pacheco (FCP)	53	54	19
2.º	Peixoto Alves (Bfc.)	53	55	56
3.º	Jorge Corvo (Tav.)	53	56	01
4.º	Azev. Maia (FCP)	53	56	39
5.º	Franc. Valada (Bfc.)	53	57	26
6.º	P. Carvalho (Spt.)	53	58	58
7.º	Man. Simões (Bfc.)	54	03	53
8.º	Sousa Cardoso (FCP)	54	06	49
9.º	Mário Silva (FCP)	54	07	05
10.º	João Roque (Spt.)	54	07	22
11.º	V. Tenazinha (Loul.)	54	08	30
12.º	A. Pedro Jor. (Spt.)	54	08	39
13.º	Ernesto Coelho (FCP)	54	15	24
14.º	Sousa Santos (FCP)	54	15	41
15.º	Mário Sá (FCP)	54	18	41
16.º	Octávio Trinta (Tav.)	54	24	26
17.º	Manuel Melo (Acad.)	54	31	26
18.º	Alc. Rodrigo (Bfc.)	54	34	59
19.º	Virgílio Nunes (Tav.)	54	37	58
20.º	Carlos Simão (O. B.)	54	39	38
21.º	João Brito (Alp.)	54	40	26
22.º	Aug. Cardoso (Acad.)	54	40	53
23.º	Ind. de Jesus (Tav.)	54	41	42
24.º	Aug. Fortes (Leix.)	54	43	20
25.º	João Gomes (Ovar.)	54	46	38
26.º	Ant. Candido (Ovar.)	54	47	41
27.º	Ant. Oliveira (Ovar.)	54	51	01
28.º	Julio Abreu (Vian.)	54	59	46
29.º	Mário Ferreira (FCP)	54	59	57
30.º	A. Laranjinha (B. B.)	55	00	54
31.º	João Centeio (Alp.)	55	07	26
32.º	Arm. Augusto (B. B.)	55	22	29
33.º	Jac. Oliveira (Ovar.)	55	29	39
34.º	Florêncio Silva (Bfc.)	55	31	54
35.º	Joaq Costa (Acad.)	55	32	35
36.º	J. Rodrigues (Leix.)	55	56	26
37.º	Carlos Pires (O. B.)	56	28	15

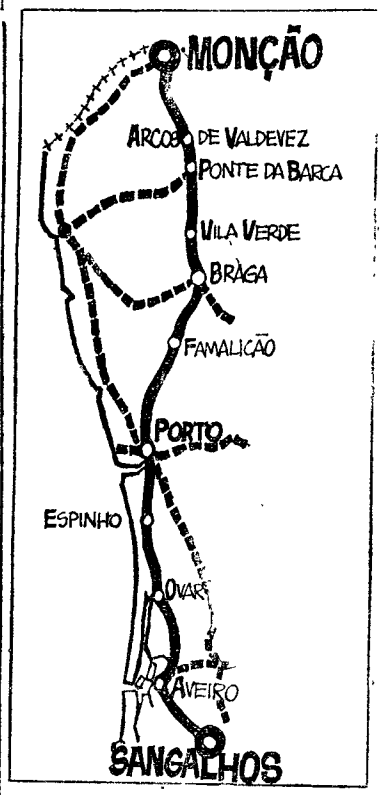
Por equipas

		H.	M.	S.
1.º	F. C. Porto	161	18	22
2.º	S. L. Benfica	161	18	13
3.º	Sporting C. P.	162	00	35
4.º	Tavira	162	13	44
5.º	Ovarense	162	47	11
6.º	Académico	163	34	03

A tirada de amanhã

Os corredores disputam amanhã a 18.ª tirada que é a antepenultima e estabelece a ligação Monção-Sangalhos, na distancia de 235 quilómetros.

A partida está marcada para as 9 horas e a média horária estabelecida é de 36 quilómetros, com uma tolerancia de 8 por cento. Na Portela do Vale faz-se a 10.ª e ultima contagem para o Prémio da Montanha.



O trajecto é feito através de Arcos de Valdevez (9 e 58), Ponte da Barca (10 e 6), Portela do Vale (10 e 24), Vila Verde (10 e 36), Braga (11 e 2), Famalicão (11 e 38), Trofa (11 e 54), Maia (12 e 15), Porto (12 e 54), Espinho (13 e 26), Estarreja (14 e 27), Oliveira do Bairro (15 e 26) e Sangalhos, onde a chegada está prevista para as 15 e 31.

Quadro de honra

Vencedores das tiradas

1.ª — Peixoto Alves (Bfc.)
2.ª — José Pacheco (F. C. P.)
3. — José Pacheco (F. C. P.) Lima Fernandes (Alpiarça).
4. — Lima Fernandes (Alp.)
5.ª — José Pacheco (F. C. P.).
6.ª — Lima Fernandes (Alp.).
7.ª — Azevedo Maia (F. C. P.).
8.ª — José Pacheco (F. C. P.).
9.ª — Perna Coelho (Bfc.).
10.ª — Ernesto Coelho (F. C. P.)
11.ª — Sousa Cardoso (F. C. P.) e João Roque (Spt.).
12.ª João Centeio (Alpiarça).
13.ª João Gomes (Ovar.).
14.ª — José Pacheco (F. C. P.).
15.ª — Sousa Cardoso (F. C. P.).
16.ª — Jacinto Oliveira (Ovar.).
17.ª — Ant. Oliveira (Ovar.).

O SPORTING VENCEU O BELENENSES e o «nacional» de juniores (voleibol) redobrou de interesse

Não há duvida que a Comissão Central de Arbitros ao organizar a sua escola deu um grande passo para a solução de um dos problemas — e tantos são — que mais tem afectado a modalidade. Depois, porque as arbitragens passaram a ser remuneradas pôde verificar-se a comparência frequente dos juízes dos encontros para que tinham sido solicitados, dando neste caso aos clubes uma tranquilidade que eles nunca tinham conhecido Todavia e embora a acção da C. C. nos mereça a maior admiração, muita coisa, neste sector, falta ainda realizar. E, entre outras, para só citar uma das mais, senão a mais importante, vamos referir o da uniformidade de critério na direcção das partidas. Há realmente necessidade imperiosa de se atentar no facto para se não repetir o que está a acontecer no campeonato nacional de juniores. Nesta competição, nas duas primeiras jornadas, assistimos na capital do Norte a duas arbitragens que, salvo um lapso de outra ordem, aliás, bastante grave, decorreram com excelente critério a pecar talvez por um exagerado rigor na recepção ao serviço. Pois ontem, no decorrer do Belenenses-Sporting aconteceu apenas este facto quase incrível: ao fim de três «sets» o árbitro apitara apenas quatro «transportes» quando, sem que encontremos explicação para o facto os jogadores de ambos os grupos exageraram no numero de faltas. Quer dizer, o árbitro fez praticamente figura de corpo presente, limitando-se a apitar para o início das jogadas, aguardando depois a sua resolução natural.

E' evidente que assim o jogo perdeu todo o significado ao mesmo tempo que a actuação do juiz a todos indignou pelo conformismo revelado. Ora este ponto devia merecer da Comissão Central a necessária rectificação porquanto assim as equipas sentem-se naturalmente lesadas com tal disparidade de critérios. E não nos venham dizer que o facto se registou por se tratar de um jogo de juniores porquanto o nível técnico dos praticantes da categoria é bem superior ao de muitos seniores.

Pròpriamente sobre o encontro há que referir que o Sporting venceu com inteira justiça. A equipa surgiu-nos a praticar um volei simples mas eficiente e mostrou acima de tudo estar recuperada totalmente das duas jornadas infelizes da capital do Norte. Os campeões nacionais souberam perder com dignidade, ante um adversário que indubitàvelmente lhe foi superior. A turma belenense no momento cruciante do campeonato viu-se forçada a alterar completamente o xadrez da sua formação, uma vez que se viu privada, por lesão, de dois dos seus jogadores mais influentes.

Porque o Porto venceu o Leixões também por 3-0, o campeonato tomou novo rumo, apresentando-se agora a segunda volta a iniciar no próximo sábado, como absolutamente decisiva. No momento, o Porto tem vantagem mas porque tem de defrontar em Lisboa, o Belenenses e o Sporting, a qualquer destas equipas resta também a possibilidade de discutir até final o título de campeão. Por todos os motivos redobrou de interesse o campeonato nacional de juniores.

No jogo de ontem, em Lisboa, arbitrou Carlos Almeida e os grupos formaram:

BELENENSES — Vasco Brasão, Ramiro Silva, João Pires, Carlos Gois, Rui Trancoso e Fernando Vasconcelos.

SPORTING — António Gonçalves, João Beirão, Vaz Jorge, José Sousa, António Jesus e Alfredo Duarte.

NUNO MOTA

OS CAMPEONATOS NACIONAIS de esqui náutico realizam-se brevemente

Nos dias 18 e 25 de Agosto pelas 10 h., realizam-se no Portinho da Arrábida, algumas provas de esqui náutico com o fim de estimular a prática desta já popular modalidade desportiva

No dia 18, realizam-se em primeiro lugar as provas de Infantis seguindo-se o Campeonato Nacional de Juniores: no dia 25 realiza-se uma competição de Seniores.

A's provas Infantis poderão concorrer rapazes e raparigas até 14 anos e ao Campeonato de Juniores, praticantes até aos 18 anos.

As provas de Infantis, terão por fim, não uma classificação ordenada mas sim a realização de testes destinados a avaliar as possibilidades de cada um dos concorrentes.

1.º Teste — Partida sobre dois esquis, saída e entrada de uma das ondas da esteira: levantar um dos esquis e voltar ao local de partida. 2.º Teste — Partida com dois esquis: saída e entrada das duas ondas da esteira: levantar um dos esquis 3 segundos; chegada ao local de partida sobre um esqui (percurso mínimo 20 metros). 3.º Teste — Partida em monosqui e esqui ordinário: largar o esqui saída e entrada das duas ondas da esteira; voltar ao local da partida. 4.º Teste — «Delfim» — Partida em monosqui em água profunda: passagem do «slalom» em velocidade livre. Figuras — virar 180° de frente para trás. Virar 180° de trás para a frente.

O concorrente deverá no acto de inscrição comunicar ao juri qual o teste que vai realizar.

O Campeonato Nacional de Juniores constará das provas de «slalom» e figuras, segundo os regulamentos da «Union Mondiale de Ski Nautique».

O torneio de Seniores constará das provas de «slalom», figuras e salto, também segundo os regulamentos da U. M. S. N.

O PORTO PELO TELEFONE

Faleceu inesperadamente um comissário-chefe da P. S. P.

PORTO, 16 — Esta manhã, cerca das 10 e 30, quando se encontrava no seu gabinete de trabalho, na secretaria do Comando da P. S. P. desta cidade, na companhia do comandante distrital da corporação, sr. coronel Santos Junior, foi acometido de doença subita o comissário1chefe sr. António do Oliveira, de 54 anos, casado. Conduzido imediatamente ao Hospital de Santo António, recebeu ali tratamento, após o que recolheu á sua residência, na Rua do Buçaco, 185, onde veio a falecer pouco depois.

O extinto alistou-se na P. S. P. em 1930, tendo sido promovido a 2.º e 1.º subchefe em 1935 e 1941, respectivamente. Em 1946 ascendeu a comissário, sendo então colocado na secção de Justiça, onde se manteve até Julho findo, altura em que foi promovido a comissário-chefe e passou a chefiar os serviços da secretaria, no comando distrital.

O funeral sai amanhã, ás 14 e 30, da residência para o cemitério de Campanhã.

Exposição de um camião montado em Portugal

Inaugura-se esta tarde, no Palácio de Cristal, com a presença do chefe do distrito e de outras entidades, um pavilhão da firma Barreiros, onde será exposto o primeiro camião montado em Portugal.

Furto de malas com mostruários

O sr. Gualtério da Silva Martins, viajante, residente em Gaia, na Rua Alfredo de Magalhães, queixou-se á P. S. P. de que lhe furtaram, do interior do seu automóvel, três malas com mostruários de bijuterias, no valor de 13 contos.

Queda grave

Recolheu ao Hospital de Matosinhos, com fractura das costelas e ferimentos numa perna, o estucador sr. Augusto da Silva Martins, de 25 anos, casado, morador em Cabanelas, no concelho de Matosinhos, o qual caiu de um telhado, de grande altura.

Falecimento

Na suá residência, na Rua Costa Cabral, 2427, faleceu o sr. José Ferreira, de 73 anos, viuvo, proprietário. O funeral, a cargo da Companhia Funerária, realiza-se amanhã, ás 15 e 30, para o cemitério de Paranhos.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — As 21 e 45 «O vagabundo das mãos de oiro» pelo T. E P (17 anos).
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45 «Cavalgada de estrelas» (12 anos)
S JOAO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 «Coisas da vida» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Stefanie no Rio» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «O vingador mascarado» e «Os cinco cavaleiros ... m m...» (12 anos).
ACTUA DE OURO — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Robin dos Bosques, o invencível» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e ás 21 e 30: «Homem de gelo» e «O homem do Oeste» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 ... «Dragões do deserto» (12 anos)
ASILO DO TERÇO — A's 21 e 30: «Romeu e Julieta» (12 anos).
CASINO DA PÓVOA — Varietades (21 anos).
CASINO DE ESPINHO — Varieda des (21 anos).
PALÁCIO DE CRISTAL — Feira Popular.

EM 3 LINHAS

A folha oficial publicou, hoje, a lista de antiguidades do pessoal da Intendência-Geral dos Abastecimentos.

///

O dr. José Madeira Rodrigues foi nomeado adjunto do agente-geral do Ultramar.

///

O licenciado Aristides Guedes Coelho vai prestar provas de doutoramento em Engenharia Civil na Universidade do Porto.

///

Foi hoje publicada a lista dos candidatos admitidos ao concurso para terceiros oficiais do quadro da Direcção-Geral da Contabilidade Publica.

///

À doutora Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira foi concedido o título de professora agregada do 1. grupo (Filologia Clássica) da 1.ª secção (Ciências Filológicas) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

///

O «Diário do Governo» publicou hoje, na sua terceira série, o relatório do conselho de administração da C. P., o parecer do conselho fiscal, o balanço e outros documentos referentes ao exercício de 1961.

A triste situação dos aprovados-reprovados

A sr.ª D. Maria Virgínia Cosme Rodrigues de Oliveira, de Torres Vedras — que se considera «uma quintanista desanimada» — escreveu-nos uma carta em que desabafa:

«Terminei este ano o meu 5.º ano de liceu, o qual me custou muito trabalho e despesa, pois sou empregada e disponho de escassíssimo tempo para estudar. Pois bem: fui aprovada, mas encontro-me na triste situação dos aprovados-reprovados, em virtude de ter duas deficiências, uma em Inglês e outra em Geografia. Tinha feito também uma cadeira do 7.º ano, na ansia de que me acho possuida, de aprender, e para poder seguir, mais ràpidamente, a carreira de que gosto. Assim, ao ver o meu resultado com a citada deficiência (Inglês), eu que tinha com certeza média para ser admitida á oral, perdi, automàticamente, o direito áquela disciplina».

E a nossa correspondente acrescenta:

«Agora, resta-me a mágoa de, com 22 anos, ter de repetir um ano inteiro, para obter mais um ou dois valores em Inglês, e ainda na expectativa de, para o ano, voltar a ter uma outra em qualquer das cadeiras. Além de tudo o curso que tenciono seguir não tem Inglês, nem Geografia e isto, desmoraliza muito um estudante!».

A terminar, a sr.ª D. Maria Virgínia de Oliveira, escreve ainda:

«Se, ao menos, nos fosse permitido repetir aquela cadeira, o que aliás seria justíssimo, ou, para ser menos exigente, toda a secção, em Outubro, evitaria, assim, dez meses de cansaço e despesa, que seriam já empregados em benefício do 7.º ano».

Falta de hortaliça e uvas mirradas

SANTA CRUZ DO DOURO, 16. — O calor intenso prejudica a vegetação e impede os lavradores de semearem os nabais e plantarem as tronchudas, pelo que as hortaliças escasseiam. Têm secado muitas videiras, apresentando-se as uvas mirradas nas terras de sequeiro.

com

EXCO PLASTIC

RESOLVA POR SI PRÓPRIO TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE REPARAÇÃO

ALUMINIO PLÁSTICO

PARA UTENSÍLIOS DE COZINHA, AUTOMÓVEIS, ETC.

PEÇA LITERATURA DETALHADA NO REVENDEDOR LOCAL OU NO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

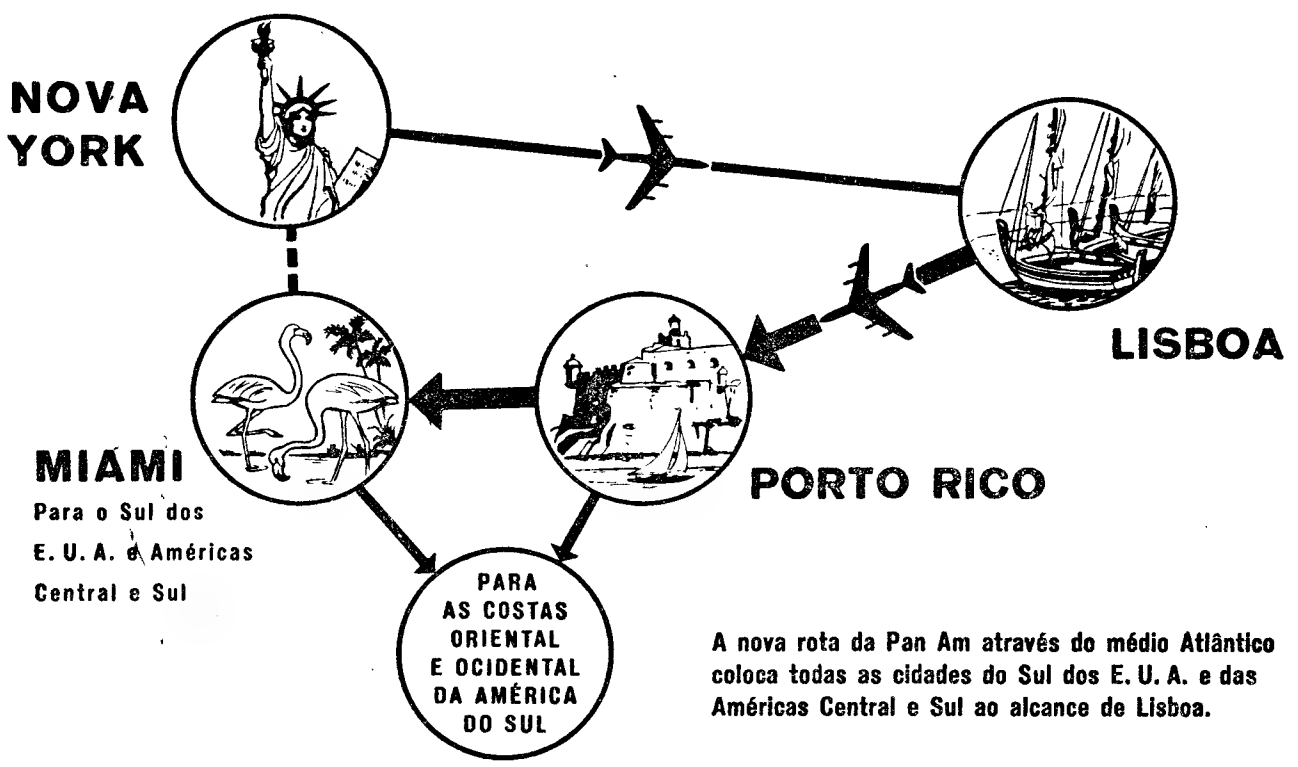
AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73-79

LISBOA

VIAJE NO NOVO SERVIÇO A JACTO DA PAN AM DIRECTO DE LISBOA PARA PORTO RICO E MIAMI

com ligações para as Américas Central e do Sul



A nova rota da Pan Am através do médio Atlântico coloca todas as cidades do Sul dos E. U. A. e das Américas Central e Sul ao alcance de Lisboa.

A Pan Am é a única linha aérea que liga Lisboa, directamente, a Porto Rico, Miami e Sul dos Estados Unidos.

O serviço mais rápido e mais directo para Porto Rico. Agora, com os gigantescos Clippers* a Jacto da Pan Am à sua disposição, está apenas a 7 horas de San Juan — uma das principais entradas para a América Latina... e sòmente a 11 horas de Miami na Flórida — grande centro turístico e de negócios e também uma das entradas principais para o Sul dos E. U. A. e Américas Central e do Sul.

Escolha de Rotas. De Lisboa, com um bilhete de ida-e-volta pode visitar, se quiser, tanto a cidade de Miami como a de Nova York sem qualquer aumento de preço. Por exemplo, pode viajar directamente para Miami regressando por Nova York. Os Jactos da Pan Am voam, sem escala, entre Nova York e Lisboa. Em cada voo tem à sua escolha a 1.ª Classe «President Special» ou a Classe Económica «Rainbow». A famosa cozinha da Pan Am preparada pelo Maxim's de Paris inclui na sua lista os pratos mais saborosos e os melhores vinhos.

Rápido serviço de carga, também! Esta nova rota da Pan Am proporciona aos Exportadores e Importadores um meio mais rápido e conveniente para troca de mercadorias entre Portugal, os E. U. A. e as Américas Central e do Sul.

A experiência é um «extra» precioso. Quando voar na Pan Am, voará com confiança pois sabe que voa na Linha Aérea de Maior Experiência no Mundo. Apreciará o serviço cortês do pessoal de bordo, poliglota e atencioso. A experiência da Pan Am é um «extra» precioso que faz de cada passageiro um amigo. Para mais detalhes e informações consulte o seu AGENTE DE VIAGENS ou a PAN AMERICAN — P. dos Restauradores, 46 Lisboa 2 — Telefone 36 21 81 (5 linhas)

PAN AM

Clipper, marca registada da Pan American World Airways Inc.

BENEFICIE DO INCALCULÁVEL VALOR DA EXPERIÊNCIA NA LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA NO MUNDO!

PRIMEIRA SOBRE O ATLÂNTICO • **PRIMEIRA** SOBRE O PACÍFICO • **PRIMEIRA** NA AMÉRICA LATINA • **PRIMEIRA** À VOLTA DO MUNDO

A Campanha de Segurança Rodoviária

(Continuação da página central)

seus agradáveis refrigerantes «Fanta» e «B. B.».

Camiões da Shell, da Fanta e do nosso jornal estarão presentes nesta primeira realização prática da III Campanha de Segurança Rodoviária, em contacto directo com o publico.

Colaboração da P. S. P.

Desde o primeiro momento que contamos com a colaboração do comando-geral da P. S. P., que informou os respectivos comandos distritais no sentido de serem dadas todas as facilidades a realizações locais do género da que amanhã iniciamos em Leiria.

Compreendendo o alcance e importancia nacionais desta obra, aquela corporação interessou-se na nossa campanha, de forma efectiva e util. Completa-se, desta maneira, o apoio oferecido pelo ministro das Comunicações e Direcção-Geral das Comunicações Terrestres, necessários ao bom êxito da nossa iniciativa, que visa apenas um fim altruista e humano.

No ano de 1960 existiam em Portugal os seguintes veículos:	
Automóveis ligeiros ...	*191 462*
Automóveis pesados ...	*25 154*
Motociclos	*26 283*
Tractores	*8 856*
Neste mesmo ano registaram-se os seguintes acidentes:	
Mortais	*520*
Não mortais	*11 917*
Só danos materiais ...	*6 363*
Total de acidentes ...	*18 900*
Numero e espécies de veículos que intervieram nestes acidentes:	
Automóveis ligeiros ...	*16 026*
Veículos pesados	*2 179*
Motociclos	*1 601*
Outros veículos	*7 934*
Total	*27 758*

MORREU
o condutor dum carro
que chocou com uma árvore

SOUSEL, 16 — O sr. Manuel Joaquim Birra Valente Rebelo, residente nesta vila, resolveu ir passar o feriado de ontem numa propriedada que possui no Cartaxo.

O veículo, a meio do percurso por se ter partido a direcção, foi de encontro a uma árvore ficando muito danificado.

Retirado o condutor, e levado ao Hospital, faleceu ali uma hora depois, em consequência dos ferimentos recebidos.

Morte dum ciclista

SOUSEL, 16. — Quando regressava a casa vindo de um baile e utilizando uma bicicleta, caiu, mortalmente, atacado por uma síncope o trabalhador rural Francisco Chibateiro, de 22 anos.

PRINCIPAIS CAUSAS DE ACIDENTES

III CAMPANHA DE SEGURANCA RODOVIÁRIA-ORGANIZACÃO DO Diario de Lisbôa

Diversas realizações
da Shell Portuguesa
integradas na nossa campanha

Numa colaboração estreita com o nosso jornal nesta iniciativa da III Campanha de Segurança Rodoviária, a Shell Portuguesa vai dar início a uma série de realizações tendo por fulcro o seu maior campo de acção na luta contra o acidente e educação rodoviária. Assim, a sua Escola de Transito começa a exibir-se, a partir da próxima sexta-feira e até ao dia 27, num itinerário que abrangerá as zonas onde mais se faz sentir a necessidade de uma eficiente propaganda rodoviária, junto das crianças, dos automobilistas e dos peões. A par disso, numa perfeita e larga compreensão dos objectivos da nossa iniciativa, promove a distribuição de centenas de milhar de folhetos elucidativos, a par de jogos para crianças e brindes.

Um desses folhetos — «Principais causas de acidentes» —, tem na contra capa uma cativante referência a esta campanha:

«A Shell Portuguesa não podia alhear-se de uma iniciativa tão altamente patriótica e necessária como é a III Campanha de Segurança Rodoviária em tão boa hora instituída pelo «Diário de Lisboa», jornal que caminha na vanguarda daqueles — entidades oficiais e particulares — que procuram pôr termo á onda avassaladora de desastres que caracteriza o natural incremento de transito nas ruas e nas estradas de Portugal.

E não podia alhear-se porque também, desde há muito, na sua esfera de acção, a Shell tem procurado, através da sua Escola de Transito e colaborando com campanhas alheias como a de «Segurança Rodoviária», contribuir para a disciplina indispensável quer de automobilistas quer de peões, sem a qual o numero de lamentáveis acidentes crescerá, perante a dor e o desespero das famílias dos que morrem ou ficam inválidos e a indignação e protesto de todos quantos têm conhecimento desses desastres.

Com este modesto folheto, a Shell Portuguesa tenta uma vez mais despertar a atenção dos automobilistas para o facto — tão singelo mas que tantíssimos esquecem — de que tomar o volante de um carro, ligeiro ou pesado, constitui iniludível responsabilidade, quer para o condutor em relação a si próprio, quer em relação aos outros volantes e aos peões que circulam nas ruas e nas estradas.

Simultaneamente, a Shell Portuguesa, faz votos para que a III Campanha de Segurança Rodoviária do «Diário de Lisboa» — cuja inspiração merece todos os louvores — galvanize a opinião publica e dê os resultados que ardentemente esperamos: a diminuição dos desastres e a poupança de preciosas vidas.»

Corrigir defeitos
e emendar deficiências
para fazer diminuir
o número de acidentes
rodoviários

Não seria completa uma campanha de segurança rodoviária que não chamasse a atenção para a necessidade de actualização de muitas das nossas estradas e sua perfeita e completa sinalização. Impõem-no os aumentos do numero de veículos, e suas velocidades, maior tráfego em vias que ligam as cidades de maior actividade industrial e comercial, assim como o natural desejo de encurtar distancias, facilitando as comunicações sem as quais é impossível o desenvolvimento e progresso locais. Esta melhoria que se pede vai desde a melhoria de pisos ao alargamento de troços de grande tráfego, do desbaste de curvas á abertura de novas e actualizadas rodovias, construídas em obediência ás exigências dos nossos dias e do futuro.

Não pode impor-se uma limitação ao crescimento do parque automóvel e ao acréscimo da circulação automóvel. Há, portanto, que enveredar pelo rumo do interesse económico, facilitando e fomentando esses aumentos fazendo todos os esforços no sentido de melhorar a rede rodoviária nacional. Como vários leitores o têm confirmado, por experiência pessoal, multiplicam-se nas nossas estradas as curvas inevitáveis e perigosas, os cruzamentos traiçoeiros, as lombas e a insuficiência da largura de faixas de rodagem.

São também raros os caminhos para peões e pistas para os ciclistas e é frequente o transito de animais por estradas, em condições reprováveis, mas impossíveis de fiscalizar totalmente, por não bastar para isso o numero e disponibilidades dos agentes capazes de o fazer. Há, também por isso, que reforçar os magros recursos materiais nesse sector da prevenção e «contrôle» rodoviários, tanto como se torna preciso haver cortesia, civismo e prudência, por parte de todos quantos transitam nas rodovias

Bem menor seria, assim, o numero de acidentes trágicos que enlutam, anualmente, milhares de famílias portuguesas se todas essas deficiências e defeitos fossem corrigidos, melhorando o tráfego rodoviário em todos os seus aspectos.

REDE TELEFÓNICA
no Lobito

LOBITO, 16. — Anuncia-se que esta cidade angolana disporá em breve de servicos telefónicos.

Está já a ser elaborada a lista dos futuros assinantes. — (A. N. I.).

Em CAMARATE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na PASTELARIA NEZITA.

A bordo do «Forrestal»

(Continuação da página central)

te da costa algarvia. Não esqueci esse passeio, como não esquecerei o de hoje. O helicóptero é bem uma sedução, que deixa em quantos o utilizam um rasto perdurável de simpatia e de saudade.

Mas o nosso passeio prossegue. Passamos, quase «á fala» sobre dois grandes contratorpedeiros americanos, que traçam nas águas longas estradas de espuma. Mais além, eis-nos sobre o cruzador lança-mísseis «Boston», com as suas rampas de lançamento quase verticais. Daí a pouco, temos sob os nossos olhos ávidos o cruzador pesado «Newpor News» (distintivo azul tri-estrelado do vice-almirante John Taylor que nos espera mais tarde), para atingirmos, poucos minutos depois, o lança-mísseis «Farragut», de silhueta modernissima, que já admiramos ontem, ao longe, através do binóculo. Ficam-nos por estibordo os dois porta-aviões britanicos — o «Hermes» e o «Centaur» — avançando a uma velocidade média e, também, cada um, com o seu petroleiro a reabastecer os tanques de nafta largamente esvaziados nestes ultimos e trabalhosos dias de manobras.

Intermédio atómico
no «Enterprise»

O meu piloto faz-me sinal de que vamos interromper o passeio para fazer escala sobre esse aeroporto de 335 metros de comprimento, que é a pista gigantesca do «Enterprise» — o primeiro porta-aviões atómico e o maior navio que sulca hoje os oceanos. Vamos a voar sobre ele. Tocamos á pista quase sem dar por isso. Quando se abre a porta, está a receber-nos esfusiante de alegria e de amabilidade, o chefe das «Public Relations» do navio, o capitão-de-fragata Schuh: — Welcome on board «Enterprise»!

Atravessamos a pista deste colosso de 86 000 toneladas, por entre «jactos» de asas dobradas, e, agora, sob um sol que dardeja e que já queima. Olhamos, desde logo, a estranha torre quadrangular, onde se instala a aparelhagem complexa do radar tri-dimensional deste navio sem chaminé e sem fumo, sem caldeiras e sem nafta — navio singular, onde vamos ser muito bem recebidos, mas onde vamos ver muito pouco... Há que reconhecer, todavia, que nos consentem, sob um compreensível «contrôle», a utilização das nossas máquinas fotográficas. O comandante Schuh mete-nos num dos trinta e dois elevadores, accionados atómicamente — neste navio até a luz é de produção nuclear — e leva-nos ao piso mais alto da torre. Estamos a quarenta metros acima do nível do mar, no sector donde se comanda, como num aeroporto, o movimento geral da pista de voo. A cupula da torre, revestida de radares tem um aspecto invulgar, como que a dizer-nos que este navio representa «qualquer coisa de novo» sobre as águas. Surge o comandante, um jovem capitão-de-mar-e-guerra — Vincent de Poix, nome de sabor francês — cujo diploma de valor profissional deve residir no próprio comando que lhe foi confiado. Fala pouco, como é natural, mas diz-nos que o seu navio dispõe de oito reactores atómicos, cada um dos quais desenvolve 35 000 cavalos. Quando lhe perguntamos qual a velocidade de que nos pode falar, afirma, com um sorriso pronunciadamente intencional: — Pelo menos, 40 nós, mas *suponho* que seja capaz de dar mais...

A visita prossegue — a sectores não militares — como o hospital, as cozinhas, as messes, alguns alojamentos individuais ou pontos de reunião, onde se nota conforto e até bom gosto, o paiol das amarras — as quais seguram ferros de 30 toneladas cada um — e pouco mais, além do hangar, maior ainda do que o do «Forrestal», concebido com um sentido mais moderno e mais prático e servido por quatro elevadores de aviões, cada um capaz de «pegar» em 120 toneladas. Almoçámos rápidamente, numa camara para cento e tantos oficiais (do outro bordo há outra igual) rodeados de atenções — e de fotografias—pelo imediato, capitão-de-mar-e-guerra Harnish, que procura conhecer as nossas impressões, necessáriamente excelente, embora sejam em reduzido numero, como é natural. No «Enterprise», ainda que para «ver pouco» andasse muito. Mas é cedo, muito cedo ainda, para que uma arma de guerra desta natureza (que tem apenas como artilharia duas peças de salva...) possa ser fácilmente devássada. A vida deste navio e a sua sobrevivência dependem, fundamentalmente, de dois factores — a sua cobertura naval e a sua cobertura aérea. Para a primeira, não há limitações; a segunda, é constituída por mais de uma centena de aviões, desde os aparelhos de intercepção, até aos bombardeiros ligeiros e pesados e aos de reconhecimento a distancia.

Arma de poder inconcebível, com bombas atómicas a bordo, o «Enterprise», de autonomia quase ilimitada, vivendo uma vida independente por períodos incalculáveis— dado o seu sistema de propulsão — é um navio que se encontra e que deixa como um enigma do nosso tempo. Que será o «Enterprise» no mar, em plena batalha, e na máxima pujança da sua indomável força? Foi com esta interrogação a dominar-me o espírito, que o segui com a vista — direi quase que enternecida — enquanto o meu helicóptero se elevava por sobre a sua estrutura disforme, em cujas entranhas mais de 4000 homens servem — dentro de uma organização insuperável — um navio que é um mundo inteiramente novo para todos, talvez mesmo um mundo misterioso para alguns ..

E logo poisamos na popa do cruzador «Newport News», onde desce momentos depois, vindo também em helicóptero, de uma visita operacional ao porta-aviões francês «Clemenceau», o almirante-chefe desta Armada da N. A. T. O. — John Taylor — que nos recebe, sem demora, na sua camara, entre uma chícara de café e um bom cigarro americano. Fala-nos das manobras. Está satisfeito: — Encontramo-nos em aperfeiçoamento constante e temos todos os dias uma tarefa nova — ou seja melhorar a nossa cooperação naval da véspera.

Perguntamos-lhe o que pensa da força de submarinos da Russia. Responde como se já esperasse a pergunta: — E' muito importante, mas só com submarinos e aviões, não se ganha ainda hoje uma guerra.

Fala depois da valiosa colaboração portuguesa na N. A. T. O. «que não reside apenas no valor de grandes bases estratégicas, mas também no mérito das suas forças armadas — que a Organização do Ocidente conhece e compreende».

Estamos há doze horas fora do *nosso* «Forrestal», que vemos agora ao longe, da tolda do cruzador, para lá do «Enterprise» que há pouco abandonámos. O oceano está povoado de navios. O porta-aviões francês «Clemenceau», imponente, com a sua proa delgada a erguer montanhas de espuma, vem nas águas do «Newport News», muito perto de nós, a afirmar o renascimento da Armada da França. Por bombordo, temos o «Hermes», porta-aviões britanico, mais longe o seu irmão «Centaur», e em redor, escoltadores, muitos escoltadores, entre os quais descortino as belas fragatas inglesas da classe «Withby», nas quais pensaram um dia os chefes da Marinha Portuguesa...

O helicóptero já me leva, quase a razar o mar, a caminho do «Forrestal». Tocamos a pista. Confesso que desejava ardentemente regressar e estender-me, uma hora que seja, naquele camarote tão acolhedor que me destinaram. Hoje, sem exagero, foi um dia arrasador...

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

VEM A LISBOA
o ministro iraquiano
das Obras Públicas

Chega ao fim da tarde a Lisboa, a convite da Fundação Calouste Gulbenkian, o ministro das Obras Publicas do Iraque, que visitará amanhã, ás 11 e 15, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

As comemorações
da Batalha de Aljubarrota

Por iniciativa da direcção do «Caldeirão do Santo Condestável», na capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo celebrou-se o aniversário da Batalha de Aljubarrota, com as seguintes solenidades: ás 10 horas, missa celebrada por um sacerdote missionário do Coração de Maria, por intenção do Exército e pela paz na nossa Pátria, seguida de distribuição de um bodo em géneros aos pobres protegidos por aquela insttuição de caridade; ás 17 horas, solene «Te Deum» precedido da recitação do terço pela vitória das armas portuguesas no Ultramar.

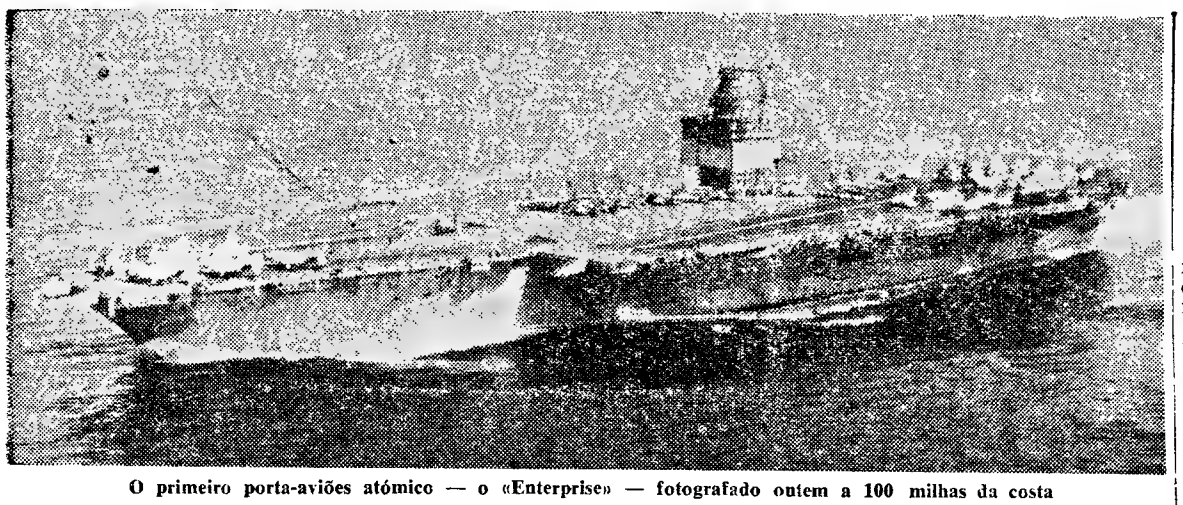
CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANÍBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISOBA

A casa que melhor trabalha



O primeiro porta-aviões atómico — o «Enterprise» — fotografado ontem a 100 milhas da costa

A esquadra da N.A.T.O. no porto de Lisboa

(Continu a página central)

isso, começaram a sobrevoar o «Forrestal» vários helicópteros com os restantes oficiais-generais. Desses aparelhos foram desembarcando, sucessivamente, os srs. generais Mira Delgado e Francisco Chagas, respectivamente, chefe e subchefe do Estado-Maior da Força Aérea; brigadeiro Brilhante Paiva, comandante da Primeira Região Aérea; os almirante francês Lainé e português Cardoso de Oliveira, comandante naval do Continente. O almirante Hogle convidou o seu colega francês e o sr. general Mira Delgado a passarem revista á guarda de honra, com a mesma imponente cerimónia.

Numa das amplas salas do porta-aviões, decorreu, á porta fechada, a reunião dos referidos oficiais-generais, dos comandos superiores americanos e dos comandantes das unidades, enquanto noutra, oficiais do Estado-Maior do almirante Taylor tinham uma conferência com os representantes da Imprensa portuguesa e estrangeira, respondendo-lhes a várias perguntas sobre os principais pormenores dos importantes exercícios.

Na ausência do almirante, os referidos oficiais informaram que a realização dos mesmos teve o êxito previsto, registando-se apenas dois acidentes ocorridos com «jactos» ao manobrarem para aterrar na pista do porta-aviões atómico «Enterprise», sem que houvesse, felizmente, a assinalar desastres pessoais.

A colaboração portuguesa

Um jornalista americano inquiriu se, na verdade, fora detectada a presença de qualquer navio russo.

— Sim! — respondeu um oficial americano — Como já vem sendo habitual foi assinalada a presença de uma traineira soviética.

Perguntas e respostas breves sucederam-se algumas das quais se registam:

— O sistema de alerta português foi perfeito?

O oficial a quem cabia responder escusou-se amàvelmente, convidando o jornalista a dirigir a pergunta aos comandos da Força Aérea portuguesa.

—E a colaboração portuguesa na parte táctica correspondeu, como se esperava?

Resposta rápida e incisiva de um dos oficiais americanos:

— A colaboração de Portugal foi excelente!

Pouco depois, e dado que não fora possível obter a anuência do almirante Taylor para que os fotógrafos fixassem um aspecto da reunião com jornalistas, findava a conferência.

A esquadra sobe o Tejo

Pouco depois das 13 horas, á excepção do «Forrestal» e das unidades da sua escolta, os restantes navios começaram a entrar a barra subindo o Tejo em coluna simples. Á frente o cruzador norte-americano «Newport News», navio-chefe, logo seguido dos porta-aviões francês «Clemenceau» e inglês «Hermes», os quais salvaram á passagem diante do forte do Bom Sucesso, que retribuiu a saudação. Logo a seguir, mais um porta-aviões o inglês «Centaur», e depois os restantes navios: os escoltadores «Jaureguiberry», «Vauquelin», franceses; «Berwick», «Battleaxe» e «Cross Bow», ingleses, e, a fechar a coluna, o submarino, também francês, «Argonaute».

Os referidos vasos de guerra fundearam ou atracaram nos locais que lhes estavam destinados.

A meio da tarde, o almirante Taylor desembarcou para os cumprimentos da praxe e avistou-se com o embaixador do seu país, sr. Charles Burk Elbrick; com o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e o ministro da Marinha, em nome de quem um oficial-general retribuiu, mais tarde, esses cumprimentos a bordo.

Cerca das 18 horas o sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias ofereceu uma recepção em honra do almirante Taylor no forte de S. Julião da Barra.

Vida religiosa

XIII Semana Gregoriana de Fátima

Atendendo numerosos pedidos, as entidades organizadoras da XIII Semana Gregoriana de Fátima, decidiram prolongar, até 30 do corrente, o prazo de inscrição naquele certame, que decorrerá entre 22 e 29 de Setembro, sob o patrocínio do sr. bispo de Leiria.

Para presidir a esta Semana, foi convidado o presidente da União Federal Francesa de Musica Sacra, monsenhor Jean Beilliard, que foi recentemente nomeado para bispo e é mestre-capela da Catedral de Arraz e director da Escola de Musica Sacra da Universidade Católica de Lille.

Peregrinação de gente do mar à Cova da Iria

A Grande Peregrinação Nacional da Gente do Mar ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, que sob o alto patrocínio da Junta Central das Casas dos Pescadores, em colaboração com o Apostolado do Mar, será levada a efeito nos próximos dias 15 e 16 de Setembro, está a despertar grande fervor religioso nos centros marítimos e piscatórios de todo o País.

A inabalável fé dos homens do mar terá a sua maior expressão nesta simbólica peregrinação, segundo tudo leva a supor.

CONGRESSO Internacional

de Psiquiatria Infantil

Seguiu para a Holanda, onde vai participar no Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil, o sr. prof. Vitor Fontes, director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira.

Preparativos em Moscovo

Os cosmonautas Nikolaev (á esquerda) e Popovitch, antes dos seus voos espaciais, em férias numa praia soviética

(Continuação da 1.ª página)

primeiro cosmonauta soviético, como «o comandante da unidade de cosmonautas».

A emissora fez essa alusão ao anunciar que Gagarine tinha escrito um artigo sobre o ultimo voo espacial soviético no jornal «Pravda».

E' a primeira vez que o título mencionado é atribuído ao primeiro cosmonauta.

«A minha missão consistiu em manter ligação directa com os cosmonautas nos momentos que precederam a partida e nas fases activas do voo» — escreve Gagarine na «Pravda».

«Por várias vezes, durante esses quatro dias, encontrando-me de serviço no posto operacional, comuniquei com Nikolaev e com Popovitch, quando as suas naves gravitavam em órbitas próximas uma da outra» — acrescenta, revelando que Titov, os «numeros 5 e 6» e os outros cosmonautas se encontravam também presentes. — (F. P. e R.).

Vão ser impressos 110 milhões de boletins para o Totobola

Até hoje ás 12 horas, foram recebidas, nos Serviços de Abastecimentos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, cartas fechadas e lacradas, com propostas de preços de impressão e fornecimento de cerca de 110 milhões de bilhetes de apostas para o Totobola da temporada de futebol que começa no princípio de Setembro e termina em Junho de 1963.

Esses bilhetes terão as dimensões rigorosas de 210 por 148 milímetros; de modo que, colocados ao lado uns dos outros cobririam uma extensão de perto de 23 000 quilómetros!

A abertura das referidas propostas será feita hoje á tarde, e o seu estudo feito pela Provedoria, a fim de se resolver a que concorrente deve ser adjudicada tão importante empreitada.

A morte das criancinhas do lugar de Queixada

(Continuação da página central)

não nos foi possível encontrar o delegado de Saude, também ficámos sem saber a opinião deste.

Não encontrámos, igualmente, o pároco da freguesia, que mais de perto, e interessadamente, acompanhou o desenrolar dos acontecimentos.

De positivo, e porque vimos a respectiva intimação do Tribunal do 2.º Juizo de Guimarães para os pais das infortunadas crianças, sabemos que estes foram, no passado dia 7, prestar ali declarações, acompanhados do rev. Francisco de Oliveira, do presidente da Junta de Freguesia, do regedor e de um cabo de ordens.

Quisemos saber o que lá se passou, e o Salgado referiu tudo quanto nos houvera dito já, e coincide precisamente, com o que ontem relatámos

Obra do Diabo! — diz o pai

Perguntámos ao Salgado se tinha qualquer suspeita, a pairar no seu espírito, quanto á possibilidade de envenenamentos, com raticida, por exemplo, ou outro produto que pudesse estar ao alcance das crianças. Respondeu-nos formalmente:

— Isto não é mais do que obra do Diabo!

E tal convicção do pobre pai só podia possivelmente ser abalada pelo resultado da autópsia — que se impõe seja feita com brevidade

No meio da nossa conversa com os pais das crianças, ambos nos referiram um pormenor estranho: após a morte, todas as partes dos corpinhos que se encontravam em contacto com o leito, ficaram rápidamente enegrecidas.

Outro pormenor que não nos escapou: um caso de tamanha retumbancia, para mais, ocorrido numa aldeia, onde as vidas de todos não constituem segredo, é ignorado por alguns vizinhos que residem bem perto da humilde residência do casal Salgado.

Ignoram ou fingem ignorar?

A verdade é que não conseguimos falar no local com mais ninguém que nos pudesse dar qualquer ideia do que se pense fazer quanto a possíveis investigações para esclarecer o mistério da morte das três criancinhas.

E' incompreensível que essas mortes, uma ocorrida já em 12 de Julho, ou seja há mais de um mês, não tenham originado ainda diligências, designadamente a autópsia aos corpos.

No entanto, é esta ainda a vontade dos pais, que nos confessaram que, sendo imensa a sua dor, talvez, se conhecessem as causas das mortes dos filhinhos, isso constituí-se um lenitivo para o seu sofrimento e lhes dessem animo para esperar o nascimento de mais filhos.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Dr. Joaquim Fernando de Abreu Figanier

Na sua residência — Avenida Estados Unidos da América, 130, 9.º, Esq.º — faleceu ontem o sr. dr. Joaquim Fernando de Abreu Figanier, professor aposentado do Liceu Pedro Nunes, antigo professor da Faculdade de Letras de Lisboa e leitor do Instituto de Línguas Africanas e Orientais, sócio correspondente da Academia Portuguesa de História.

Era uma figura de relevo na nossa vida intelectual e universitária a do prof. J. de Abreu Figanier. Os seus discípulos apreciavam-no, como o apreciavam quantos alguma vez recorreram ao seu saber, boa-vontade e cooperação. A sua modéstia não o deixou ir onde chegaram muitos outros com menos valor, mas muita ousadia.

Desde a morte de David Lopes, de quem foi discípulo predilecto, o prof. Figanier era o nosso maior arabista, mantendo a tradição dos estudos árabes e medievalistas. As suas memórias, estudos e lições comprovam a sua competência e a dedicação aos assuntos que tratava.

Além do Liceu Pedro Nunes, onde se aposentou, exerceu o ensino nos liceus do Funchal, de Viseu e de Braga. Exerceu ainda o professorado na Universidade de Bordeus, onde foi leitor de Português. Tomou parte em vários congressos de linguística e pedagogia. Esteve ainda no Instituto de Altos Estudos Marroquinos, em Rabat, onde frequentou as cadeiras de língua árabe.

Entre os livros que publicou contam-se «A Cidade Portuguesa de Ceuta no sec. XV», «História de Santa Cruz de Cabo de Gué (Agadir)», e «Contribuição para a História dos Estudos Arábicos em Portugal», este ultimo aparecido no livro de homenagem aos professores David Lopes e Pierre de Genival.

Deixa viuva a sr.ª D. Margarida Antónia Poñe Figanier e era pai do sr. engenheiro João Fernando Poñe Figanier, casado com D. Maria Teresa da Penha Coutinho Figanier, irmão do sr. Carlos Jorge de Abreu Figanier, casado com D. Maria Madalena de Abreu Figanier, e cunhado do sr. D. Fernando de Lancastre, casado com D. Maria Luísa de Lancastre.

O funeral, a cargo da Casa A. G. MAGNO, LDA., realiza-se amanhã, dia 17, pelas 10 horas, da igreja do Campo Grande, para o cemitério do Lumiar.

FUNERAIS

D. Maria do Anjo Barahona de Fragoso e Mira

EVORA, 16 — Da sua propriedade de Castelo Ventoso, em Azaruja, onde faleceu, saiu para jazigo familiar no cemitério desta cidade o funeral de D. Maria do Anjo Barahona Fragoso e Mira, de 94 anos, viuva, senhora virtuosa e de generoso coração, muito estimada, pelo que o funeral constituiu sentida manifestação de pesar.

José de Sousa Fernandes Cabral

ÉVORA, 16. — Realizou-se, com grande acompanhamento, o funeral do sr. José de Sousa Fernandes Cabral, importante lavrador e proprietário, cujos restos mortais ficaram em jazigo de família no cemitério local.

Natural desta cidade, contava 64 anos, era casado com a sr.ª D. Maria Celeste Mexia Nunes Barata de Sousa Cabral, pai do sr. dr. José Luís Barata Cabral e das sr.as D. Maria da Conceição Cabral Fialho e D. Maria José Cabral Nunes Mexia e sogro dos srs. Carlos Garcia Fialho, vice-presidente da Camara Municipal e eng. José Mira Neves Mexia, deputado pelo círculo de Évora.

VIDA MARÍTIMA

Excursionistas estrangeiros em Lisboa

Com destino a Londres e no regresso de uma viagem de turismo pelo Mediterraneo, fundeou hoje no Tejo o paquete britanico «Chusan», no qual viajam cerca de 1000 passageiros. Estes, desembarcaram em Lisboa, tendo percorrido os pontos de maior interesse turístico da capital e dos arredores.

FEIRA DA LUZ

Efectuou-se esta tarde, com início ás 14 horas, no Pavilhão dos Desportos, a hasta publica para arrematação de 81 lugares de venda na Feira da Luz, a realizar em Setembro.

Presidiu o sr. dr. Sales Gomes e a hasta foi muito concorrida. Uma hora depois, tinham sido já arrematados um lugar por mil escudos, para a louça de Barcelos, e nove por 25$00 cada, destinados á venda de louça de Mafra.

DISTRIBUIÇÃO DE CORREIO no Norte de Angola

LUANDA, 16. — O chefe da estação dos C. T. T. do Negage solicitou ao aeródromo-base ali instalado que fosse transportado nos aviões da Força Aérea todo o correio para as localidades ainda isoladas. O comandante daquele aeródromo militar atendeu o pedido e, assim, o correio que do Negage é enviado para Maquela, Damba, Toto e outras localidades, passa a ser transportado pelos aviões da Força Aérea, sendo as malas postais despachadas com muito maior prontidão e aproveitando as carreiras de rotina dos aparelhos militares. — (A. N. I.).

Boletim do dia

HÁ (30) ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Agosto de 1932 publicava:

— Um jornalista que em Estocolmo se dedicou a investigações sobre o passado de Greta Garbo apurou que a famosa «vamp» nasceu numa modesta casa com o n.º 32, da Rua Blekingegaten, sendo o seu apelido de família Gustafsson.

A menina Margarida Gustafsson começou por ser engraxadora nos baixos da Academia de Belas-Artes, daquela cidade. Depois, foi empregada da secção de chapéus duma casa de Estocolmo, fazendo-se notar pela forma como exibia boinas, colocando-as com tal graça na cabeça, que as freguesas não resistiam á tentação de as comprar.

O primeiro filme que fez foi de propaganda comercial de certa cooperativa de géneros, limitando-se a sua acção a comer e a dar mostras de satisfação. Erik Zetschler viu-a comer e descobriu nela qualidades fotogénicas que o levaram a «arranjá-la» modificando-lhe a cara, com maçagens e mudanças de penteado, e o corpo com um regime alimentar que lhe reduziu as proporções.

Depois de suficientemente modificada, passou para as mãos de Maurice Stiller e, finalmente, para a dos mais famosos directores de Hollywood, que fizeram dela a Greta Garbo que todos conhccemos.

RÁDIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m — 655 k/s — A's 17: A casa e o mundo; 17 e 30: Cançonetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: O organista Steve Bernard e conjunto; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos; 19 e 30: Selecção da opereta «O Conde de Luxemburgo», de Lehar; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Melodias; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: A nossa terra; 21: Varanda da Europa e Crónica de Angola; 21 e 40: O organista Bert Buhrman; 21 e 45: Teatro das comédias: «Isabel», original de Carlos Wallenstein; 22 e 15: Musica portuguesa; 22 e 30: Conjuntos vocais; 22 e 45: Jornal sonoro, 2.ª emissão; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: O pianista Stephane Grapelly e conjunto; 23 e 20: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa «B» — 397 m — 755 kc/s — A's 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Festival Estocolmo deste ano, gravações cedidas pela Rádio Sueca: «Quarteto op. 18 n.º 3, em ré maior», de Beethoven; 20 e 23: Musica de tecla: «Três peças para piano», de Ravel, pelo pianista Theo Bruins; 20 e 40: Árias de óperas, de Mozart, pelo soprano Pierrette Alarie, acompanhado pela Orquestra Filarmónica de Hamburgo, dirigida por Albert Bittner; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Musica e poesia; 21 e 50: Recital, pela pianista Maria Filomena Campos; 22 e 15: «Concerto, op. 3, n.º 3, em mi menor», de Manfredini, pelo violinista Robert Michelucci e Orquestra de Camara I Musici; 22 e 20: Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 50: «Nas Estepes da Ásia Central», poema sinfónico, de Borodine; 23: A Voz do Ocidente, programa internacional; 1: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — A's 17: Solistas; 17 e 15: Artista; 17 e 30: Motivos portugueses; 17 e 45: Noticiário; 18: Fados e guitarradas; 18 e 45: Interludio feminino; 19: Sumário do programa da noite — Artista; 20 e 20: Conjuntos; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22 e 15: Musica variada; 23 e 30: Orquestra; 23 e 45: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Sumário do programa; 19 e 15: Imagens por musica; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Aguarelas francesas, por Roland Arday e Gabi Verlor; 22 e 15: Programa «jazz»; 22 e 45: Cançonetas; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — A's 18: «Gaudeamus Igitur», anuncio da estação e resumo do programa; 18 e 2: Nota de abertura; 18 e 5: Novidades em disco; 18 e 15: Um ritmo: a valsa; 18 e 25: Discos pedidos — Secção clássica; 18 e 45: Noticiário; 18 e 50: Os dois ultimos discos; 18 e 53: Resumo do programa do dia seguinte; 18 e 54: Anuncio de encerramento e marcha da M. P.; 18 e 55: Fecho da emissão.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Fantasias; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: O meu programa; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 45; Jornal da Volta; 20 e 55: Meditando; 21: Dez minutos com você; 21 e 15: Estrelas da alvorada; 21 e 30: Recital de poesia, por Carlos Pinho; 21 e 50: Melodia no Poente; 22: Quando o telefone toca; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal (edição da tarde); 19 e 45: Episódio da série Rin-Tin-Tin; 20 e 10: Vida sã em corpo são; 20 e 30: Temas Literários — Montra falada; 20 e 50: «Estudio «Philips»; 21 e 30: Telejornal (edição da noite); 22 e 5: Programa Mabor (filme da série Tightrope); 22 e 35: Poesia, Canto e Dança (transmissão dos Estudios do Porto); 23 e 16: Aventuras de Eva, com Eva Todor, Alexandre Vieira e Joaquim Rosa; 23 e 30: XXV Volta a Portugal em Bicicleta (transmissão dos Estudios do Porto); 23 e 45: Telejornal (ultimas notícias).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — Ás 21 e 45 — «Meu amor é traiçoeiro».

CINEMAS

EDEN — «Quando fala o coração»
S. JORGE — «Mordidos pelo ódio».
ROMA — «Bala sem destino».
ODEON — Violetas imperiais.
COLISEU — «Salomão e a rainha do Sabá».
JARDIM CINEMA — «Pequeno homem, grande Norman».
ROYAL — «O fio da meada».
PAVILHÃO PORTUGUÊS — «3 vidas errantes».

(Para maiores de 17 anos)

CINEMAS

TIVOLI — «Viagem de loucos».
CONDES — «Aventura em Marselha».
MONUMENTAL — «As sete vinganças».
POLITEAMA — «Tipos da praia».
SÃO LUÍS — «A aldeia dos malditos».
ALVALADE — «A aldeia dos malditos».
AVIS — «Os degraus do terror».
IMPÉRIO — «O jogo da verdade».
LIS — «Feliz aniversário».
CHIADO TERRASSE — «Estação clandestina».
CAPITÓLIO — «Um criminoso á solta».
IDEAL — «Ele, elas e os espiões».
ARCO-IRIS — «A rapariga daquela noite».
SALÃO LISBOA—«Deus sabe quanto amei».
OLÍMPIA—«Eddie, agente secreto».
CINE-MOSCAVIDE — «Os assassinos do bairro».
S. L. BENFICA — «Horror de Drácula».
CINE-ESPLANADA ODIVELENSE — «O sangue e a rosa».
ESPLANADA PORTUGALIA — «Os caminhos da ambição».

MARES

PREIA-MAR

Dia 16 — Às 4 e 35 (4,10 m.); 16 e 54 (4,38 m.).
Dia 17 — Às 5 e 18 (4,18 m.); 17 e 37 (4,42 m.).
Dia 18 — A's 6 e 04 (4,16 m); 18 e 22 (4,38 m).

BAIXA-MAR

Dia 16 — Às 10 e 11 (0,71 m.); 22 e 44 (0,59 m.).
Dia 17 — Às 10 e 58 (0,65 m.); 23 e 31 (0,58 m.).
Dia 18 — A's 11 e 43 (0,68 m).

FARMÁCIAS

TURNO E

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão da Ajuda, Est da Cruz, 20-C-D (633248).
ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632).
ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (ao Pote de Agua) (710131).
AMOREIRAS — Cartaxo, Av. Igreja, 21 (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho 10 (40471).
AREEIRO—Avis, Av. de Roma, 56-B-C (776070) ✻ Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (727721) ✻ João XXI, Av. João XXI 16-A (726462).
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 2 (468558).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av de Berne, 24 (763107) ✻ Avenidas Av da Republica, 27 (733688) ✻ Império, Lda. — R. Filipe Folque, 40 (48002) ✻ Ducal, Av Duque de Loulé, 21 (48946).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R Angela Pinto 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27 n.º 41 (389216).
BAIXA — Costa, Pr da Figueira, 6-B-C (28381) ✻ Barral, R. Aurea, 126 (31535).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos 14-C (631699)
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✻ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (27896) ✻ Véritas, R. da Misericórdia, 133 (24554).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✻ Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab, R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✻ Salutar, R. B., n.º 75-A-B Bairro da Liberdade (683694) ✻ Pátria, Calç dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE DE REDONDO — Capuchos, R. Luciano Cordeiro, 2 (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920) ✻ São Miguel, Pr. Francisco de Morais 1 (771469).
ESTEFANIA — Mundial, Largo D. Estefania, 9 (45578).
ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661453).
GRAÇA — Monte, R Senhora do Monte, 30-A-B (367842) ✻ Rosa & Viegas, R de S. Vicente, 31 (864351) ✻ St. António, R. Leite de Vasconcelos, 72 (862333).
JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga, 39 (667460).
LUMIAR — Alameda, Al das Linhas de Torres, 20-B (790942).
MADRAGOA—S. Nunes Simões, Suc. R do Quelhas, 1 (661275).
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia 19 (389237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordallo Pinheiro 98-A (764629)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo R Padre Sena Freitas 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R. 2 n.º 16 (B St. Engrácia) (728395-720703).
REGO — Universitária, R O., n.º 29-D (Bairro Santos) (778953).
ST. AMARO — Sepol. Calç da Boa Hora 94-A (631958) ✻ Teles, R. João de Barros 2 (638249).
S. SEBASTIÃO — Sírius, Rua Fialho de Almeida, 36-E (44000).
DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63 (381185) ✻ Oriente, R. Lopes, 120 (843381).

Tauromaquia

Diamantino e Manuel nas Caldas

CALDAS DA RAINHA, 16. — Com uma enchente lidaram ontem touros de Sommer de Andrade os cavaleiros Manuel Conde, com bela actuação nos seus dois e D. José de Ataíde, ambos com volta á arena acompanhados dos forcados amadores de Santarém, Diamantino, a quem coube o melhor lote, foi ovacionado com a capa, e com a «muleta» ao som da musica, dando duas voltas a arena. No seu 2.º voltou a ser ovacionado e a dar duas voltas á arena.

Manuel dos Santos bandarilhou superiormente o seu 1.º e usou da «muleta» por naturais e de peito, ao som da musica e com volta á arena, e bandarilhou também o seu 2.º, ao quarteio e ao «quiebro», logo com voltas á arena que repetiu ao terminar a lide. — (E.).

Em Espanha

Em Baeza foi ovacionado José Julio na corrida da feira e, na novilhada, Amadeu dos Anjos, que foi colhido, em Sevilha, foi ovacionado, Armando Soares que ouviu musica no seu 2.º, com volta á arena. — (E.).

Praça de touros do Montijo

O Governo concedeu á Santa Casa da Misericórdia do Montijo, pelo Fundo de Desemprego, a comparticipação de 150 contos, para a construção da praça de touros daquela vila, obra orçada em 375 contos.

Externato Angolano
Ens. Infantil — Primário — Técnico
Ambos sexos. Transporte.
Tel. 701338

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	640$00	—	640$00
Cons. 3 % T. 10	690$00	—	692$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	—	815$00	—
Centenários 4 % 1940...	1.860$00	1.855$00	1.860$00
Obg. Tes.2 1/2 % 1942	—	1.013$00	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1943	—	1.013$00	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1944	—	1.013$00	—
Externo 1.ª série.....	—	1.040$00	1.060$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.100$00	1.120$00
Externo 2.ª série	—	1.070$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.070$00	—
Externo 3.ª série	—	1.300$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.300$00	1.345$00
Caut. 3. série s/j.	—	215$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	500$00	502$00
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás Elect. 3 3/4 % ...	—	—	935$00
Gás Elect. 4 %	—	945$00	955$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	980$00	985$00
Gás Elect. 5 %	—	—	1.005$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	85$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	96$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	975$00	970$00	978$00
H. E. S. Estrela 3 1/2%	—	725$00	—
C. P. 4 1/2 %	1.003$00	1.003$00	1.005$00
Metropolitano	948$00	945$00	950$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	—	7.500$00
Lisboa & Açores	—	1.900$00	1.920$00
Portugal	—	1.800$00	2.000$00
Ultramarino	1.150$00	1.145$00	1.155$00
Agricultura	46$00	45$00	47$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	290$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.500$00	2.000$00
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	550$00	545$00	560$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	—	120$00	—
Açucar de Angola	620$00	610$00	630$00
Boror	—	95$00	120$00
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	830$00	860$00

C.as Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Colonial do Buzi	91$00	90$50	91$00
Ilha do Principe	—	—	600$00
Incomati	—	990$00	—
Moçambique	—	—	—
Zambézia	—	50$00	55$00
Diamantes	448$00	446$00	450$00
Lobito	321$00	320$00	325$00
C.as Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	700$00
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	36$00	35$50	36$50
Industrial Aliança	—	310$00	—
Portugal e Colónias ...	—	540$00	548$00
Nacional Navegação ...	—	750$00	790$00
Colonial Navegação ...	—	500$00	530$00
Port. de Celulose	3.050$00	3.050$00	—
Portuguesa de Pesca...	—	1.000$00	1.050$00
Port. de Tabacos	—	246$00	250$00
Tabacos de Portugal...	—	—	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934.....	—	330$00	340$00
Aguas Lisboa 1936.....	—	320$00	325$00
Eléct. das Beiras	—	1.550$00	1.570$00
Gás e Electricidade ...	279$00	278$50	279$50
H. Alto Alentejo	145$00	144$50	145$50
H. E. Cávado	—	1.065$00	1.070$00
H. E. Zêzere	1.165$00	1.160$00	1.170$00
Nac. de Electricidade	1.180$00	1.180$00	1.185$00
União Eléctrica Port.	—	141$00	142$00
H. E. do Douro	1.020$00	1.015$00	1.020$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
África do Sul	38$25	39$50
Alemanha	7$05	7$25
América:		
Dólares de 1 a 2	28$20	28$50
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$70
Argentina	$21	$25
Áustria	1$10	1$15
Bélgica	$56,5	$58,5
Brasil	$04,5	$06
Canadá	26$10	26$60
Congo	—$—	$14
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,5	$48,5
França (N. Franco) ...	5$73	5$88
Holanda	7$85	8$10
Inglaterra	79$50	81$00
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	5$00	5$30
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$55	6$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra) ...	279$00	289$00
Portugal — Barra	32$30	33$00
Portugal — Barra fino	32$50	33$20

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE EMPRESTIMO COM GARANTIA HIPOTECARIA ATRAVÉS DA

COMPANHIA IMOBILIARIA AZO PORTUGUESA, S. A. R. L.

Sede: Avenida da Liberdade, 3-2 — LISBOA
e Sucursais no PORTO e COIMBRA

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
TELEF 321273

CESSAR-FOGO NO SÁBADO NA NOVA GUINÉ OCIDENTAL

NOVA YORK, 16. — E' interpretado como triunfo pessoal para o secretário-geral interino das Nações Unidas, Thant, e como derrota diplomática para a Holanda o acordo firmado dentro do ambito da O. N. U., e que transfere a administração da Nova Guiné Ocidental para a Indonésia.

O documento, «resultado de oito meses de negociações, patrocinadas pelas Nações Unidas, foi ontem, á noite, assinado pelos plenipotenciários holandeses e indonésios, na sede da O. N. U.».

Redigido pelo antigo diplomata norte-americano Ellsworth Bunker, na qualidade de representante de Thant o texto estipula que:

— O território cuja soberania tem sido exercida pela Holanda desde o século XVII seja colocado sob a administração das Nações Unidas, provávelmente em Outubro.

— Uma vez ratificado o acordo pela Assembleia Geral, na sua sessão de Setembro, Thant seja incumbido de nomear um administrador da O. N. U. e enviar uma força internacional para manter a paz no território durante a transferência de poderes. Calcula-se que o contingente militar será constituido por mil homens e a equipa de especialistas da administração por cerca de 150.

— As Nações Unidas confiem a soberania da Nova Guiné Ocidental á Indonésia no dia 1 de Maio.

— Se realize em 1969 um plebiscito entre os nativos do território, cujo numero se calcula em 750 mil papuas, a fim de decidir se o território deve permanecer com a Indonésia ou ascender á independência.

— O cessar-fogo entre as forças holandesas e indonésias, no território, comece a vigorar no sábado, ás zero horas e 1 minuto, TMG.

— A bandeira das Nações Unidas seja hasteada durante o Governo de transição, ficando Thant encarregado de resolver com os Governos holandês e indonésio o espinhoso problema das bandeiras dos dois países.

— O custo desta operação da O. N. U. seja dividido entre a Indonésia e a Holanda.

Círculos bem informados revelaram que a Indonésia não tenciona lançar mais pára-quedistas na Nova Guiné, apesar do cessar-fogo só entrar em vigor no sábado. — (A. N. I.).

Há quinhentos indonésios prisioneiros dos holandeses

HOLLANDIA (Nova Guiné Ocidental), 16 — O comandante das Forças holandesas na Nova Guiné, contra-almirante Leendert Resser, anunciou que ainda não recebeu instruções do seu Governo acerca dos indonésios que se infiltraram no território. Supõe, no entanto, que se procederá á sua concentração em um ou dois centros, onde ficarão até que a soberania seja transferida para a Indonésia.

Sobre os prisioneiros detidos na ilha de Woendi, perto de Biak, em numero aproximado de 500, Resser prevê que sejam repatriados.

Será um problema de difícil solução informar os indonésios que vagueiam pela selva de que o conflito terminou—salientou o comandante. Sugere, por isso, que sejam lançados nas regiões infestadas impressos assinados pelo medianeiro das Nações Unidas, Ellswoth Bunker, comunicando o fim das hostilidades. — (A. N. I.).

Intervenção israelita na questão angolana?

TEL AVIV, 16 — Israel correspondeu aos apelos de nacionalistas angolanos para auxílio na preparação de jovens, segundo declararam círculos geralmente bem informados

As referidas fontes confirmaram a notícia publicada no jornal «Maariv» dizendo: «Diversos jovens angolanos estão a ser treinados nos cursos do Gadna (batalhão da juventude) israelita e novos grupos são aguardados em breve».

Um funcionário israelita disse que a política do seu país é «auxiliar qualquer movimento nacionalista africano em luta pela independência».

O «Maariv» afirma, ainda, que dirigentes de um movimento nacionalista da Guiné portuguesa pediram também assistência a Israel. — (R.).

As senhoras brasileiras da alta sociedade lançam-se na política

BRASÍLIA, 16. — Certos grupos económicos procuram actualmente fazer pressão sobre a opinião publica e perturbar as eleições de Outubro. Prepara-se mesmo, uma campanha de terror contra os democratas — declarou á Imprensa, em Brasília, Candido de Oliveira, ministro da Justiça.

Este acrescentou que o Governo tinha um «dossier» das manobras desses grupos económicos. «Chega-se ao ponto de efectuar reuniões secretas e conta-se para isso com a colaboração das senhoras da alta sociedade» — afirmou designadamente.

● **UMA VERDADEIRA «REDE DE ESPIONAGEM ANTI-DEMOCRÁTICA»**

Estas declarações vieram confirmar os rumores de que a Imprensa se tinha feito eco e segundo os quais o «Café Society» (círculo de altas individualidades que se reunem regularmente em serões mundanos) tinha arranjado um novo estratagema para combater o comunismo. Segundo o semanário «Manchette», as senhoras da alta sociedade do Rio de Janeiro e de São Paulo combinaram excluir das suas relações todas as pessoas com ideias da esquerda. Ainda segundo o mesmo semanário, essas senhoras montaram uma verdadeira «rede de espionagem antidemocrática» para denunciar ás suas amigas os «elementos suspeitos». Esta liga feminina anticomunista teria também decidido boicotar as lojas que fazem publicidade nos jornais das esquerdas, designadamente na «Ultima Hora», órgão oficioso do Partido Trabalhista (a que pertence o presidente Goulart). — (F. P.).

Lacerda aplaudiu Goulart na reunião em Brasília dos governadores estaduais

BRASÍLIA, 16. — Brasília lançou-se ao trabalho. Efectivamente, a capital federal do Brasil conhece neste momento uma actividade intensíssima com a ultima sessão do Parlamento antes das eleições e com a reunião dos governadores dos Estados da Federação, que se efectua no palácio do Planalto.

Na Camara, depois da abertura dos trabalhos, ontem, em que foram apresentados os 22 projectos do Governo referentes, nomeadamente, á concessão dos poderes especiais e á fixação da data para a realização, em breve, do referendo sobre as instituições, constituiram-se nove comissões para estudar as propostas do primeiro-ministro, Brochado da Rocha. Essas comissões devem redigir hoje os respectivos relatórios, com vista aos debates na sessão plenária.

Por outro lado, os governadores de Estados da Federação continuam reunidos, sob a presidência do chefe do Estado, João Goulart, no palácio do Planalto, a fim de estudarem problemas administrativos urpela primeira vez desde o crise de Agosto do ano passado, acedeu a gentes. A unica nota sensacional desta reunião é a presença do turbulento governador do Estado de Guanabara, Carlos Lacerda, que, encontrar-se com o presidente da Republica. Este ultimo foi aplaudido por Lacerda ao fazer notar numa intervenção que o objectivo da reunião era encontrar a maneira de tornar mais eficaz a administração do país.

A crise anda no ar — diz-se — mas Brasília lançou-se ao trabalho. — (France Press).

O MINISTRO DA GUERRA: «O DEVER DO EXÉRCITO É DEFENDER A CONSTITUIÇÃO»

SÃO PAULO, 16 — «O dever do Exército brasileiro é defender a Constituição e as instituições» — declarou ontem em São Paulo o general Nelson de Melo, ministro da Guerra, ao falar perante os oficiais da Segunda Região Militar.

O general suscitara recentemente viva polémica ao tomar posição em prol da realização imediata de um referendo sobre as instituições, de acordo com a tese do presidente Goulart.

O general não fez ontem nenhuma alusão á crise política.—(F. P.).

É excelente o estado dos quinto e sexto cosmonautas russos

MOSCOVO, 16. — A Imprensa de Moscovo publica extensas descrições da histórica aterragem dos «gémeos do espaço», mas sem fotografias.

O jornal «Estrela Vermelha», do Exército soviético refere-se á actividade no posto de comando da operação de recuperação, instalado num edifício de dois andares. O jornal declara:

«Numa enorme esfera do Mundo com um modelo da nave espacial «Vostok III» movendo-se sobre ela, verificámos que Nikolaev estava, então, a Leste do continente africano, concluindo a sua ultima órbita — a 65.ª — ao Globo.

«Do cosmodromo veio a mensagem de que a unidade de freio da nave espacial foi ligada e o «Vostok III» iniciara a descida...

«O capitão Moskalevitch, comandante do grupo que partira ao encontro de Nikolaev num avião, avistou do ar a nave espacial aterrada num campo».

O mesmo jornal diz que minutos depois foram transmitidas informações sobre o «Vostok IV». «O capitão Breus fez evoluir o seu avião saudando o corajoso cosmonauta. Popovitch fizera uma aterragem segura...».

Nicolaev desceu numa estepe cercada por pequenas colinas. Entre os primeiros que chegaram junto dele encontrava-se Titov. Os dois cosmonautas abraçaram-se e beijaram-se calorosamente.

A face de Nikolaev apresentava uma enorme barba, mas entre os que acorreram a recebê-lo havia um barbeiro.

Precisamente seis minutos depois, no mesmo distrito, aterrava Papovitch.

A primeira coisa que Popovitch fez foi perguntar se Nikolaev aterrara a salvo. Responderam-lhe afirmativamente e perguntaram-lhe como se sentia, tendo o cosmonauta replicado: «esplêndido».

Os médicos que inspeccionaram os astronautas descreveram o seu estado como excelente. — (R.).

Adiado o lançamento da sonda americana em direcção a Vénus

CAPE CANAVERAL, 16 — Problemas de ordem técnica forçaram os cientistas norte-americanos a adiarem, por «vários dias», os seus planos para o lançamento de uma complexa sonda electrónica em direcção ao planeta Vénus.

Inicialmente, os Estados Unidos, procurando recuperar o seu perdido prestígio na corrida espacial, projectavam efectuar o lançamento na segunda-feira. Não foi estabelecida nova data para a experiência, mas julga-se que não será antes da próxima semana ou no começo da outra.

A RESPOSTA A UM ENIGMA

Segundo as linhas gerais do projecto interplanetário, a sonda consiste num engenho denominado «Mariner-2», com cerca de duzentos quilos, chapeado a ouro e prata e transportado por um foguetão «Atlas Agena», de dez andares.

O projecto, avaliado no equivalente a mais de 500 mil contos, pretende desvendar um dos grandes mistérios do Universo: a existência ou não de vida no planeta Vénus. Se tudo correr bem, os astrónomos obterão a sua resposta dentro de quatro meses, aproximadamente — o tempo necessário para que o «Mariner-2» percorra uma trajectória de mais de 300 milhões de quilómetros e intercepte Vénus na sua órbita em redor do Sol, aproximando-se até cerca de 16 mil quilómetros daquele planeta. — (A. N. I.).

OS E. U. A. LANÇARAM DESDE NOVEMBRO 20 SATÉLITES SECRETOS

LONDRES, 16 — A revista inglesa «Flight» anuncia que os Estados Unidos lançaram 20 satélites secretos desde 22 de Novembro, seis dos quais do tipo «Samos», que pode servir para espionagem.

A revista identificou os outros satélites como sendo um «Midas», doze «Descobridores» com equipamento de «Midas» e de «Samos» e outro satélite que não chegou a entrar em órbita. Todos estes lançamentos teriam sido feitos pela Força Aérea.

A revista critica os Estados Unidos e a Russia por conservarem secreto o lançamento de satélites.

Os Estados Unidos deixaram de anunciar todos os lançamentos de satélites em Março porque os russos se recusavam a dar pormenores dos seus lançamentos. — (R.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **ATENTADO NA COLÔMBIA — Desconhecidos atacaram com explosivos um autocarro, na Colômbia, matando 25 passageiros e ferindo 10.**

● BALDUINO INTERROMPEU AS FÉRIAS — Interrompendo as férias que está a passar em Zarauz (Espanha), o rei Balduino regressou, inesperadamente a Bruxelas. O rei viajou num avião militar. A sua estadia na Bélgica não deve durar mais de 48 horas, regressando depois a Zarauz para se juntar á rainha Fabíola e continuar as férias.

● **NASCIMENTO DE QUINTUPLOS — Margaret Pearson, de 24 anos, deu á luz, ontem á noite, depois de uma cesariana, cinco gémeos prematuros — três raparigas e dois rapazes — que foram instalados em incubadoras. A mãe e os recém-nascidos estão bem.**

● ESCALADO PO RINGLESES O MONTE COMUNISMO — Quatro alpinistas ingleses escalaram o monte Comunimso, a mais elevada montanha da União Soviética, no sábado. Os alpinistas pertencem a uma expedição anglo-soviética ás montanhas do Pamir. O monte Comunismo, que tem a altitude de 7495 metros, era antigamente designado por Monte Estaline.

UM MEMBRO DO GOVERNO EISENHOWER EM XEQUE

WASHINGTON, 16. — O antigo secretário do Tesouro do presidente Eisenhower, George M. Humphrey, conseguiu ganhar oito milhões de dólares (cerca de 232 mil contos) em oito anos com as suas acções nas companhias que vendiam níquel ao Governo — afirmou ontem um comissário contabilista governamental ao depor perante a comissão de inquérito do Senado sobre as reservas estratégicas.

Humphrey, que foi secretário do Tesouro de 1953 a 1957, comparecerá hoje perante a comissão.

Ike declara estar pronto a «deixar-se crucificar» se se provar que Humphrey cometeu alguma vez qualquer acto desonesto. — (F. P.).

O ROMANCE LIZ-BURTON

NOVA YORK, 16. — Uma das «coscuvilheiras» da Imprensa norte-americana, Dorothy Kilgallen, informa que, ao contrário das previsões dos amigos íntimos, o idílio entre Ricahrd Burton e Elizabeth Taylor não terminou com as filmagens de «Cleópatra».

A verdade é que — diz Doroth — Ricahrd está mesmo disposto a pedir o divórcio de sua mulher, Sybil, para se casar com Liz. — (A. N. I.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco a moderado de Norte, por acção do anticiclone dos Açores, centrado a sudoeste do arquipélago.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE: Porto, 17°; Coimbra, 17°; Lisboa, 19°; Funchal, 22°; Faro, 23°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado de Norte, soprando com rajadas na faixa costeira ocidental durante a tarde e princípio da noite.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 24°,6; mínima, 15°,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 36°,4; mínima, 22°,2.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 20°,3; na água do mar, 16°,2.

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Vida literária e artística

NÚMERO 211
16 - AGOSTO - 1962

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

CAMILO PESSANHA

: por MANUEL MENDES

Camilo Pessanha

SE pode haver em boa verdade mistério, extremos de sensível e comovida delicadeza humana na Poesia, milagre assim de rara suavidade, pela arte maravilhosa e pacientemente entretecida nos fios subtis do pensamento e da emoção, estranha e parece que flutuante em seus duridos estados de alma, essa é a formosura que com fulgor irradia, em motivos surpreendentemente originais, da obra poética de Camilo Pessanha. a tantos títulos incomparável e sobremaneira singular pipzhç,iM— ..:— ..:— — como porventura outra não conhecemos na nossa história literária O engenho que a concebeu, de tanta mestria sensibilidade e subtileza, realizou-a mercê de um artifício ao mesmo tempo enganoso e sincero, no qual as coisas prelevam em raridade sem perderem o seu fundo de tocante e dolorosa angustía, verdadeiramente humana.

Na sua obra, dir-se-ia que as palavras operam sortilégios que ninguém ousaria esperar impregnadas do seu vivo e ao mesmo tempo discreto encantamento, como porventura tocadas de um sopro de magia que ás vezes as alucina, mas sempre insinuantes, arteiras, comoventes pela indescritível e harmoniosa expressão, a melodia que de quando em quando tem um entono desgarrador, ora chorosa, ora por absurdo feliz, mas sempre e sempre imponderável, envolvente de sedução, bizarra nos caprichos e de essência volátil como certos perfumes. Se tudo se contém em rápidas e concisas formas, não é por isso que deixa de ser resplendente de luz, e. por mais estranho que pareça, resplendente também nas próprias sombras. Há brilhos de fogos latentes e negrumes de abismo nesta poesia admirável, que as palavras de subito revelam, trazem das profundas do seu significado para a claridade de um novo dia Vêm tão carregadas de loução nia, ou tão negras de luto, que nem as reconhecemos pelo uso em que sempre as trouxemos. O poeta descobriu-lhes segredos e fascinações nunca antes suspeitados, realçou-as a outra luz que não é comummente vista, tornou-as talvez irreais enfeitiçadas, deu-lhes o calor e o entusiasmo de outro sangue, ou trespassou-as, a seu belo capricho, não se sabe de que agonias. Ruborescem ou enlividessem, trabalhadas por aquela mágica inspiração criadora.

Este poder, ninguém decerto reve-

(Continua na página central)

O escritor Guedes de Amorim, fotografado em Jerusalém, no terraço do «Stadium Biblicum Franciscanum», quando da sua recente visita àquela cidade

Não me sirvo da literatura apenas a sirvo com solidariedade perante os homens do meu tempo

—diz-nos Guedes de Amorim

Novelista e contista de obra extensa e, em muitos aspectos, valiosa; crítico literário de sereno e claro juízo; historiador e intérprete de S. Francisco de Assis, sob um prisma que nem por ser vincadamente religioso deixa de ser profundamente humano — Guedes de Amorim é uma figura de inconfundível personalidade na vida literária e intelectual portuguesa. A sua experiência místico-moralística é um caso não só pessoal mas intelectual de grande interesse. Através da fascinação do franciscanismo, tem caminhado o escritor para uma visão da vida que se alarga em muitas perspectivas, sem excluir as de mais vibrante significado social contemporaneo. E, como regressou há pouco de uma viagem aos lugares do Próximo Oriente mais impregnados de evocações históricas e religiosas, que virão a ter projecção necessária na sua obra, quisemos ouvir o seu testemunho directo sobre as impressões recebidas e os projectos literários e intelectuais com elas germinados.

— Considera a viagem que realizou á Palestina como sinal de evolução na sua vida literária?

— Assim a poderão classificar. Porém, eu explicarei deste modo: Sempre a responsabilidade terá de acompanhar a evolução. Se a certa altura da jornada novelística preferi á observação da declinante vida nocturna citadina, nas encruzilhadas de falta de pão e abundancia de vícios, a recriação realista de um realismo objectivo a sangrar de

(Continua na 9.ª página)

NOTAS DE UM ROMANCISTA

AQUÁRIO

Por FERNANDO NAMORA

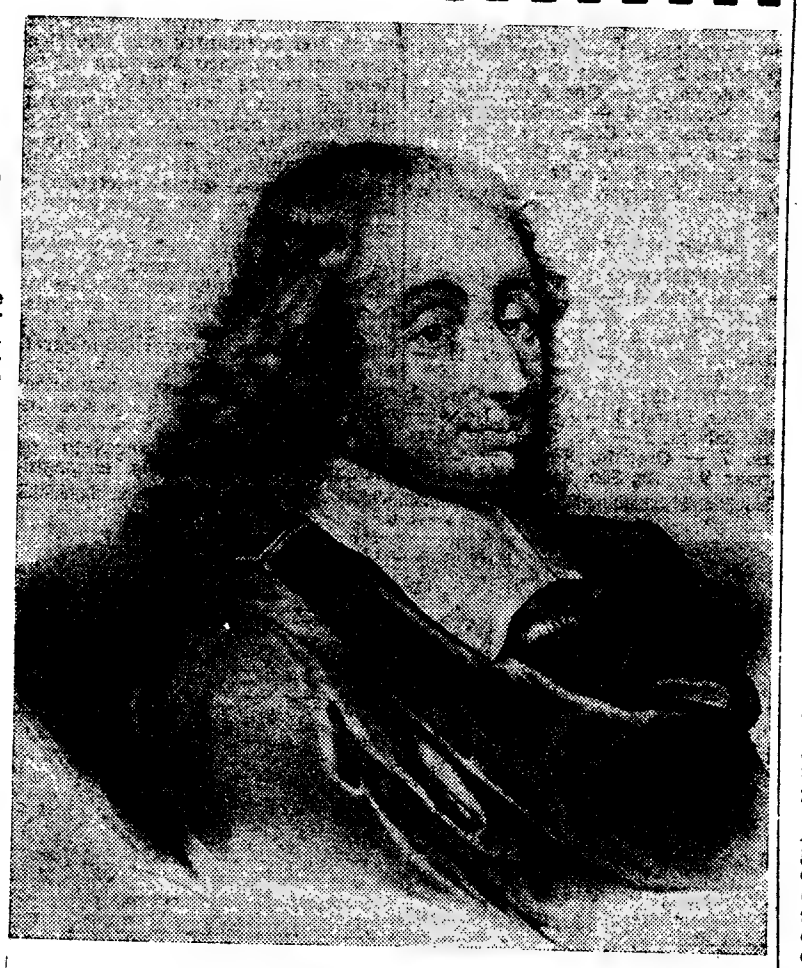
ESTE senhor que passeia de calções arrapazados, pés quase nus, no rosto um alívio de quem sacudiu as algemas de todo o ano e se dispôs a ser um animalzinho livre durante as curtas férias que lhe arruinam as algibeiras, julga que deixou lá na cidade, no escritório, na oficina, na repartição, o seu jogo de simulações, as suas grilhetas de engravatado. Mas não: ao exibir infantilmente a sua fugaz liberdade continua a obedecer a um ritual; despiu as calças, mas não despiu os sarros da alma. Ainda há dias, este senhor zelava porque os confrades citadinos respeitassem a compostura, a eficácia das mesuras e das aparências; aqui, com o largo mar a entrar-lhe, salgado e indócil, pelas narinas, cercado de pernas ao léu, de risos á solta, de uma fauna sem algemas, vigia nos outros, e com igual severidade, não já a obediência aos preconceitos mas o desdém, não menos preconceituoso, pelos constrangimentos. Pois não lhe parece ridículo este hóspede do hotel que vestiu o casaco para se sentar á mesa?; esta dama, um tanto suspeita, que muda de colar a cada refeição?; aquele presumido que utiliza minuciosa e conscienciosamente os talheres, — maneiras grotescas para a desprensão do ambiente?

Este senhor veraneante veio para férias, para a praia, bronzear uma pele de bicho que, aprisionado em onze meses do ano, reencontrou, de subito, um prado sem dono — e, ao primeiro contacto, não compreende que certos patégos não tenham, como ele, a coragem de rebolar-se no chão. Ao chegar, dilatou os alvéolos definhados, despiu-se, banhou-se, devorou os pitéus do hotel, escolheu no roupeiro as vestimentas menos convencionais; ao terceiro dia, porém, esgotada a embriagadora novidade de uma fusão desmistificada com a natureza, encontrou-se a investigar os fortuitos companheiros destes dias de sornice e desleixo, averiguando se se tornaria necessário acentuar, perante eles, uma posição social. Ao terceiro dia, as mesas dos hotéis começam a definir-se. Por mais que se reduzam o vestuário, os cosméticos e os hábitos protocolares — este senhor e os demais veraneantes vão perdendo, sem dar por isso, a flexibilidade de movimentos. Os primeiros sintomas são característicos: talvez se sintam um pouco menos eufóricos — «é o mar, é a mudança de clima» —, dormem menos, gri-

(Continua na 19.ª página)

A França celebra o tricentenário da morte de Pascal

por DANIEL ROPS
(da Academia Francesa)



Blaise Pascal

FOI em 19 de Agosto de 1962 que morreu em Paris o escritor e filósofo Blaise Pascal. Esta data, tão singularmente situada no fecho desse «grande século das almas» que foi o século XVII até á abertura dessa outra grande época que foi o «século de Luís XIV», é das que revestem, com o recuo do tempo, uma espécie de valor simbólico. Pascal morre — e com ele encerra-se um destino humano singular, como outro não houve, na verdade, em todo o ambito vasto da vida espiritual nesse tempo. Uma nova página se abriu também, com essa data, no livro da inteligência, da literatura, da ciência, da vida mística. Os olhos mortais de Pascal fecharam-se para a luz da terra nesse dia de Verão, há trezentos anos. Mas, com o que disse, pensou e fez esse homem, as nossas trevas humanas receberam para sempre uma luz que não mais se apaga.

(Continua na página central)

O TECTO DA ÓPERA DE PARIS

Foi ultimamente noticiado que o escritor e ministro dos Assuntos Culturais da França, André Malraux, em concordancia com o director da Opera de Paris — o maestro e compositor Georges Auric — teria decidido modificar a declaração pictural do tecto do famoso teatro e sala de concertos, substituindo-a por pinturas de Chagall. A ideia está a suscitar reacções contraditórias, opinando uns que será absurdo destruir a decoração Segundo Império existente, e que se harmoniza com o estilo geral da sala, para colocar em seu lugar uma arrojada composição ultramoderna; preconizando outros que a obra de Chagall valerá por si mesma, sem relação com o enquadramento arquitectónico e decorativo restante — e que é preciso abrir lugar aos modernos nos grandes edifícios publicos. Não se sabe ainda qual será a decisão do pleito ou se uma nova batalha como a de «Hernani» vai agitar os salões solenes da Opera de Paris.

PEQUENO MAGAZINE

CAFÉ É ÁGUA

consideram-nos os turcos essenciais à saúde

Ainda hoje tem fama, como dos melhores do Mundo, o café preparado pelos turcos, que o consideram uma das duas bebidas absolutamente essenciais para a conservação da saude.

Por isso eles não dispensam o café e a água a todas as suas refeições.

UM MOINHO HOLANDÊS para turistas

Por iniciativa do Departamento de turismo de Amsterdam, os turistas vão poder inspeccionar o interior de um moinho holandês; um desejo de todos quantos visitam aquele país.

O moinho em questão, que era usado para moer milho, intitula-se «De Bloem» e está situado em Haarlemmerweg, Amsterdam. As demonstrações são feitas ás segundas-feiras e sábados, com início ás dez horas da manhã e terminando ás quatro horas da tarde. O moinho estará aberto ao publico sómente durante o Verão (na Holanda, em Julho, Agosto e Setembro).

METROPOLITANO NO RIO

Baseado num projecto de engenheiros franceses, o metropolitano carioca será construido em três etapas: do Meyer ao Aeroporto, do Meyer a Deodoro e da Cinelandia ao Leblon. Uma vez concluidas as três etapas, terá capacidade para duzentos milhões de passageiros por ano, devendo custar cinquenta biliões de cruzeiros.

— Está já no «Zoo» há muitos anos...

RICHELIEU E A SAGACIDADE DO PAPA PAULO V

Quando Richelieu, que chegou a ser o poderoso senhor da França, foi a Roma, em 1607, para ser sagrado bispo de Luçon, perguntou-lhe o papa Paulo V se ele já tinha a idade indispensável para lhe ser conferida tal dignidade.

O cardeal respondeu afirmativamente e mostrou-lhe uma cédula de baptismo falsa. Mal acabava, porém, de ser sagrado apressou-se a pedir a absolvição pelo pecado que acabava de cometer.

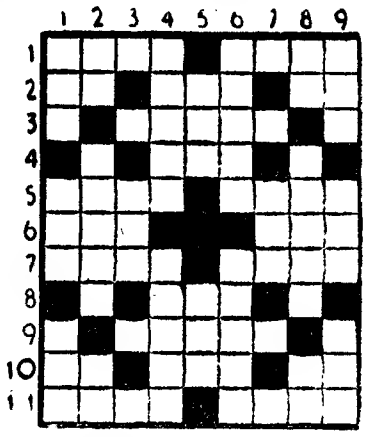
O pontífice concedeu-lhe, indulgente, mas teve o célebre comentário que Richelieu confirmaria em absoluto:

— Este jovem há-de ser um grande velhaco!

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2762



HORIZONTAIS: 1 — Superfície plana delimitada. Designação de uma parte da cidade de Coimbra. 2 — Pronome pessoal. Oferecer. Preposição e artigo definido. 3 — Segundo filho de Príamo que foi amamentado por uma loba. 4 — Seguiam. 5 — Pronome relativo. Poesias. 6 — Cantão da Suíça. Estima. 7 — Aves pernaltas. Caracteres tipográficos. 8 — Nome de mulher. 9 — Ave trepadora. 10 — Pata. Afluente do Douro que em Espanha se chama Tuela. Pronome pessoal. 11 — Rio da Crimeia junto do qual franceses e ingleses venceram os russos. Cidade de Itália.

VERTICAIS: 1 — Prende. Pronome relativo. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Asia. 2 — Troça. Adormeça. Artigo definido (ant.). 3 — Tempo do verbo ser. Camareira. 4 — Cabo de guerra. Vila e concelho do distrito de Castelo Branco. 5 — Pedra de altar. Baixio. 6 — Grande exploração agrícola em Angola. Marcar o peso da tara em. 7 — Oferecei. 8 — Basta. Duração calculável das coisas. Preposição. 9 — Preposição e artigo definido (pl.). Sadio. Nome de um planeta.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 2761

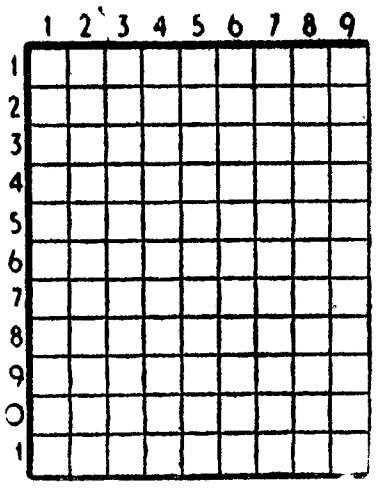
HORIZONTAIS: 1 — DEUS. Ruça. 2 — Asi. Airas. 3 — Nm. Arrife. 4 — Taipa. El. 5 — Eirados. 6 — Ser. NÃO. 7 — Soneira. 8 — Ut. Arsis. 9 — Reside. Ga. 10 — DORME. Per. 11 — Arão. Rima.

VERTICAIS: 1 — Dante. Surda. 2 — Esmais. Teor. 3 — Ui. Ires. Sra. 4 — Aparo. Imo. 5 — Arad. Nade. 6 — Rir. Onere. 7 — Uri. Sais. Pi. 8 — Café. Origem. 9 — Aselo. Asara.

Provérbio: DEUS NÃO DORME.

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4807



HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Itália. 2 — Preposição. Troças. Símbolo químico do rubidio. 3 — Víscera. Caminha. 4 — Bancadas na Sala dos Capelos onde se sentam os doutores. 5 — Guarnecer de asas. Rezam. 6 — Resíduo. 7 — Ecoa. 8 — Colocar. Preposição. 9 — Prenderia com ferro. 10 — Cinquenta e três em romano. Numeral. 11 — Em partes iguais. Fileira. Viração.

VERTICAIS: 1 — Sedas do javali. Bebedeira. 2 — Vozes de Gato. Cidade da Bulgária. 3 — Que é da raça dos mus. Monarca. 4 — Caminhar. Numeral. Esteiro. 5 — Célebre praia italiana. Ecoar. 6 — Campeão. Derrota. Pega. 7 — Encalho. Salário de soldado. 8 — Fronteira. Entornar. 9 — Sorvedouro. Rer.

Solução do problema n.º 4806

HORIZONTAIS: 1 — Afãs. Moca. 2 — Bari. Aras. 3 — Limaras. 4 — Paz. Rás. 5 — Aros. Aira. 6 — Na. Cã. 7 — Mal. Ema. 8 — Cá. Vil. Rs. 9 — Ária. Ermo. 10 — Varreriam. 11 — Atoa. Arre.

VERTICAIS: 1 — Ab. Par. Cava. 2 — Falar. Marat. 3 — Arizona. Iró. 4 — Sim. Salvara. 5 — Ao. 6 — Mar. Acelera. 7 — Orariam. Rir. 8 — Casar. Armar. 9 — As. São. Some.

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
Visite a
ORCOSI
R. 1. Dez. 45, 3.º — I. 367444
A FIRMA QUE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS FINANCEIROS NAS MELHORES CONDIÇÕES, RAPIDEZ E SIGILO

FOLHA-DE-FLANDRES — Sempre a preços muito acessíveis. — CICC, LDA. — Rua D. João V, 7-1.º — LISBOA — Telefs. 684141/2/3.

RETRATOS ANTIGOS
De velhos retratos fazemos optimas reproduções
FOTOFILME — Rossio, 101
Telef. 323192
(ao lado da Pastelaria Suissa)

400 estudantes a férias em Moçambique

(Continuação da página central)

bastante difícil a organização do questionário pelo qual, automáticamente, ficavam seleccionados os 200 privilegiados. Ao saber, contudo, que uma centena de estudantes, desejosos de passar as férias com as famílias corriam o risco de ver malograda essa aspiração, o sr. eng. Vaz Pinto, acentuando que a TAP compreendia esse anseio dos escolares e dos seus, tudo seria feito para conduzir a totalidade dos candidatos.

Os componentes da comissão, e todos os interessados, não ocultaram o seu reconhecimento áquela empresa, tanto mais que testemunharam as suas dificuldades em servi-los, acrescida pelo facto de este ano o tráfego não obedecer, ás curvas estatísticas normais no período mais favorável aos estudantes — a ultima dezena de Julho —, pois durante as festas do 75.º aniversário da cidade de Lourenço Marques, houve um movimento anormal nas carreiras de Angola para Moçambique, ficando também, os estudantes privados de um avião precioso que só levou hoquistas. Valeu-lhes na emergência a organização da Mocidade Portuguesa em Luanda, cujo apoio tinham pedido por intermédio do sr. dr. Castilho Soares, secretário provincial em Angola. E foram convenientemente alojados e assistidos pela M. P. 22 rapazes e raparigas que ali ficaram demorados durante alguns dias. Mostram-se reconhecidos, igualmente, pelas atenções dispensadas pela comissária nacional do Ultramar, sr.ª D. Maria José Salema, e pela comissária provincial de Angola, sr.ª D. Madalena Brás.

Fora prevista a utilização dos aparelhos da linha de Luanda para se concentrarem naquela cidade pequenos contingentes, os quais 24 h depois seguiriam para Moçambique. Também este recurso teve acentuadas falhas pela circunstancia de os aviões que vão só para Angola andarem cheios. Mesmo assim, a TAP antecipou consideràvelmente o transporte, e assim os cem estudantes que não tinham garantido o período de embarque já lá estão quase todos.

Um êxito devido a valiosas colaborações

Foi possível a realização do empreendimento — dizem os estudantes — porque tanto o Ministério do Ultramar como o Governo de Moçambique lhe deram apoio financeiro essencial. Assim, o sr. prof. Adriano Moreira, inteirado de que a TAP só poderia facultar tarifas muito baixas aos estudantes se o Ministério daquirisse inteiramente 1500 contos de passagens á TAP, de modo a obter-se pará o conjunto Ministério-Comissão uma fórmula compensatória, deu-lhes essa indispensável garantia. E isso elevou para 115 as passagens conferidas pelo Ministério. Havia, porém, cerca de 100 estudantes que não ficariam em Lourenço Marques ou na Beira, servidas pela TAP, pois seguiriam para o interior da província. Estava, entretanto, em Lisboa, o sr. eng. Brazão de Freitas, director dos Caminhos de Ferro de Moçambique, aos quais pertence a D. E. T. A.; e, com a boa-vontade característica da gente e dos serviços de Moçambique, resolveu-se, igualmente, o problema dos beneficiários do Ministério destinados ao interior. Em favor dos candidatos da comissão, esta apelou, mais uma vez, para o governador-geral, e o sr. almirante Sarmento Rodrigues assegurou-lhes, por comunicação telegráfica, os transportes internos na província.

Solucionados por completo os problemas fundamentais, conseguiram ainda maiores reduções nas passagens, ao acederem o ministro das Comunicações, eng. Carlos Ribeiro, e o director-geral da Aeronáutica Civil, sr. eng. Vítor Veres, ao pedido da comissão para a isenço de taxas de aeroporto.

Outras valiosas colaborações tíveram os estudantes e pelas quais manifestam grato apreço. Foi, por exemplo, o interesse da Direcção-Geral do Ensino do Ultramar, pela forma como acolheu, informou e deu seguimento ás suas pretensões. Por seu intermédio, e com larga compreensão, oficializaram-se as suas iniciativas. E tanto o director-geral, sr. dr. Justino de Almeida, como o sr. dr. Mário Pacheco, chefe da repartição por onde correm as passagens oficiais de férias, e o seu pessoal, foram admiráveis colaboradores que facilitaram a montagem de um sistema complexo, o qual assenta precisamente na colaboração.

A delegação da sua Associação dos Naturais da Província desenvolveu, paralelamente, frutuosas diligências em prol dos desejos dos estudantes, os quais apreciam, do mesmo modo, a sobrecarga de trabalho para a Repartição de Passagens do Ministério, especialmente depois de outro benefício que pediram para todos os estudantes ultramarinos, o qual consistiu em o sr. prof. Adriano Moreira ter autorizado a concessão de passagens aos que deixassem uma cadeira atrasada, além de duas para Outubro, desde que aquela não fosse de precedência e não houvesse perda de ano.

Compreensão da solidariedade académica

As coisas — como nos disseram os componentes da comissão — correram-lhes tão bem que á mesma se tornou possível, mercê das importantes economias resultantes das isenções concedidas, oferecer 13 passagens gratuitas a estudantes necessitados. Foram distribuídas pela delegação da Associação dos Naturais, especialmente pelos bolseiros da sua sede e dos Serviços de Instrução da Província, moçambicanos que trabalham e estudam, e a outros a quem os pais mandaram desistir por não poderem pagar as passagens. Alguns nunca poderiam ir de outra forma nem pensavam sequer em férias.

— Cremos — acrescentaram — que foi sensibilizado por esta solidariedade académica, a qual levámos, em nome de todos, aos limites do possível e sem risco dos compromissos, que o sr. prof. Adriano Moreira quis ter para com os estudantes de Moçambique mais uma penhorante gentileza, depois de tantas, oferecendo á referida delegação da Associação dos Naturais cinco passagens sobrantes das verbas da província, três a título de prémio para componentes da comissão, que de outra forma não iriam, e duas para outros necessitados, uma das quais a delegação conferiu a um estudante cego que está num Centro de Readaptação em Lisboa, e há-de voltar em Outubro para prosseguir nos estudos.

Manifestaram-nos ainda os estudantes moçambicanos o seu apreço pela colaboração do «Diário de Lisboa» e de todas as entidades que concorreram para o êxito da iniciativa, assinalando a que lhes prestaram a agência «Lusitania», o «Notícias», de Lourenço Marques, e o «Diário de Moçambique», da Beira, além da expansão dada ao acontecimento, de modo a haver sempre festivo entusiasmo á chegada dos aviões da TAP nessas «viagens da alegria» com os estudantes a férias nas suas terras da terra portuguesa de Moçambique.

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

267

NOTAS DE UM ROMANCISTA

(Continuação da 17.ª página)

tam e gralham menos, o aparelho digestivo ressentiu-se, as refeições tornam-se mais solenes e os cumprimentos mais regrados, mas nem ele nem os outros perceberam ainda que a transformação está neles próprios: a crosta que haviam trazido da cidade fendeu-se, talvez, mas continua bem agarrada á pele. Todas as incoerentes sujeições do senhor veraneante, neste aquário aonde ele arribou com as melhores intenções de despir os disfarces, sob a indiferença do mar soberano que lhe cospe, com desprezo, as costas tisnadas, partem daí. Continuemos, pois, a observar-lhe as agruras.

Estávamos á roda do terceiro dia, nos primeiros episódios das suas perplexidades. Alguém deve ter dito a estes burgueses de fresca prosperidade que é de bom-tom vir tarde para a mesa — não mostrar, enfim, sofreguidão, embora as travessas regressem á cozinha bem rapadas. Daí, esperarem cá fora, no pátio, em cadeiras protegidas pela sombra das acácias, que os hóspedes de mais evidente distinção se decidam a recompor o estômago. O senhor veraneante, conquanto de má vontade, de larica a desfazer-se em sucos digestivos, acabou por obedecer a esse ritmo, que lhe fazia despertar boas saudades dos horários citadinos. Mas não podia expor-se a um reparo. Sobretudo desejava que os criados, sempre de olho fito nesses nadas, o atendessem com deferência, pois os criados, bem o sabia, têm um faro infalível para reservar o seu servilismo a quem, pelo sangue ou pelo dinheiro, o merece. Em suma: devia acautelar-se; não havia necessidade de passar por grosseirão, esfomeado ou pelintra. Quê? Aquele linfático recusou a sopa? Então, recusemo-la também, embora seja pèrfidamente apetitoso o aroma que se desprende da terrina. E já que aquela grave senhora, de modos discretos, reduziu ao mínimo a parte comestível do peixe, separando perdulàriamente a pele e as espinhas, imitemo-la. E nada de abusar da fruta, — irão julgar que chegámos aqui aguados de coisas que, á nossa mesa, têm conta e medida! Beber água do jarro comum também poderá denunciar sovinice; venham as águas engarrafadas.

Com este gradual e sensato ajuste aos hábitos dos seus convivas, o senhor veraneante foi conduzido a alargar o campo das suas precauções. Reparou, por exemplo, que estes mocetões arrogantemente desembaraçados usam uns rante as horas de torreira. Vêm da praia meio nus, esbeltos e encalorados, mas daí a pouco percorrem as ruas da beira-mar com os tais camisolões invernais. Têm classe. São brutos, ocos, mas têm classe. Há no seu enfado insolente, e pelos vistos friorento, um sinal de casta. O senhor veraneante aprecia então com desgosto a sua blusa leve e sem mangas, ordinarona, e não compreende como a pôde suportar: no dia seguinte enfarda-se de lãs até ao pescoço, rebenta-lhe o suor por todos os lados — mas ficou certo da sua boa figura.

E depois, santo Deus, há esta história dos automóveis. O senhor veraneante levou o ano a dividir-se por mil tarefas, sempre a furar com o seu «Morris» pelo denso formigueiro da cidade; veio para férias enjoado de carros, de volante, de parques de estacionamento e de lubrificações. Plantou rancorosamente o «Morris» á porta do hotel e, num olhar vingativo, preveniu: «agora deixa-te aqui ficar até á volta». Mas não se pode estender um pé nestas azinhagas dos burgos do litoral sem que se ouça uma buzina, correrias, roncos ou ganidos de motores. Os jovens Fangios transformam as vielas em pistas de competição, vão e voltam, exibem-se, aceleram á procura de um suicídio que eles evitam, com magnífica perícia, no ultimo instante; e, além deles, os remoçados chefes de família, arrotando fartura por todos os canais de excreção, conduzem a sua tribo á praia, ao jardim, ao hotel, tudo a dois passos, sempre de automóvel. O automóvel é um símbolo e tanto mais significativo quanto o possamos rotular de «espadão». O «Morris», todo maneirinho, não é, de modo algum um «espadão», mas nem por isso deixa de ser um automóvel, que custa bom dinheiro e a que nem todos podem chegar. Talvez no hotel os outros hóspedes não tivessem reparado que o senhor veraneante chegara a banhos de carro, no seu legítimo carro; que remédio, pois, senão provar-lhes que ele não é qualquer zé-ninguém á mercê dos transportes colectivos!

As férias inventaram-se para retemperar forças, espevitar os musculos entorpecidos, desintoxicar os células cinzentas e os pulmões envenenados; para viver com a simplicidade que Deus manda; para dormir sem despertadores que imponham a disciplina á fisiologia. O senhor veraneante regalou-se com umas boas sestas e umas noites bem dormidas asim que desembocou na praia; nesses primeiros dias, ainda estafado, as soneças foram tão prolongadas que se sentou á mesa, para jantar, ainda com a pança atulhada da caldeirada do almoço. Em breve, porém, um outro hóspede, com um sorriso velhaco, perguntou-lhe:

— Então não vai á «boîte»?...

Efectivamente, o senhor veraneante havia já reparado que os outros hóspedes se aperaltavam á noite, com o aspecto de se dirigirem a qualquer lugar mundano, onde, enfim, sempre seria conveniente serem vistos. Que «gaffe»! Decerto todos teriam concluído que ele era um selvagem, incapaz de saborear essas distracções requintadas, deitando-se na cama, tal um cevado, logo após as refeições. E ele que não viera preparado com trajo conveniente! Daí, perdeu um dia de férias e correu á cidade a preparar-se minuciosamente, e á família, para essas inevitáveis contingências.

Felizmente que lhe restava a praia. Aí, meus amigos, não havia convenções que o domesticassem! Umas largas horas espreguiçado ao sol, feito lagarto, armazenando saude e juventude, seguidas ou entrecortadas de uns ousados mergulhos nas ondas. Acabara por adiar o banho para o fim da manhã, á hora em que o mar tem mais corpos do que algas, visto que a gente de bom-tom não punha o pé na água antes do meio-dia, — mas tal concessão de modo nenhum lhe prejudicava o repouso telurico da metade matutina dos seus lazeres. Foi o diabo, porém, ouvir aquela frase de um belga na barraca vizinha: «Então esta gente é analfabeta? Não lêem?». O belga confessava o seu espanto por não ter visto ainda um português abrir um livro na praia. E ele tinha razão. Era uma vergonha! Os estrangeiros vinham para o areal atulhados de livros: liam os homens, liam as mulheres, liam as crianças. E o nosso veraneante, animado de brios patrióticos, comprou uma duzia de romances e passou a ler com o afinco de quem se responsabilizou por uma empreitada. Quando recolhia ao hotel tinha os miolos exaustos.

Não sei, neste momento, que outras peripécias aconteceram ao nosso herói. O que prevejo, com razoável segurança, é que regressará á cidade ansioso por descanso, férias e... um deserto onde não haja que imitar ninguém.

FERNANDO NAMORA

À PORTA DA LIVRARIA

A OBRA DE LINS DO REGO

Incluído na colecção «Livros do Brasil», será lançado brevemente, o romance de José Lins do Rego «Riacho Doce», que faltava editar em Portugal. Com a publicação deste livro sugestivo do malogrado escritor brasileiro, toda a sua obra romanesca fica ao alcance do leitor português.

LITERATURA ESCLARECEDORA SOBRE PROBLEMAS SEXUAIS

«A verdade sobre a educação sexual», de Gérard e Lucienne Bonnot, apresentado entre nós, pela Editorial Estudios Cor, na tradução de Eduardo Nunes dos Santos, é um livro honesto, de valor inestimável para adultos responsáveis e jovens conscientes, como valiosa contribuição para esclarecimento de problemas fundamentais na vida.

POESIA MODERNA

O jovem poeta José Carlos de Vasconcelos, valor marcante da nova corrente da poesia coimbrã, director da «Via Latina», tem no prelo um novo livro característico da sua modernidade poética, a que deu o título de «Amor entre muralhas», e prepara um ensaio sobre a obra de José Régio.

EVOCAÇÕES DE FIGURAS E FACTOS

Após o êxito recente de «A Vida Quotidiana em Florença no Tempo dos Médicis», de J. Lucas-Dubreton, livro incluído na colecção «A Vida Quotidiana», da Editorial «Livros do Brasil», será lançada, na mesma colecção, a obra de Marcel Brion, «Vida Quotidiana de Viena, no Tempo de Mozart e Schubert».

HUMORISMO

Sairá, em breve, apresentado pela Editorial Notícias, o livro do conhecido humorista Art Buchwald, «Prenda para o Chefe».

NOVO ROMANCE DE AGUSTINA BESSA LUÍS

A Livraria Bertrand lançará dentro em pouco, o novo romance da Agustina Bessa Luís, que tem o sugestivo título de «O Sermão do Fogo».

«AS MIL E UMA NOITES»

Saiu mais um fascículo, o n.º 48, da obra maravilhosa «As Mil e Uma Noites», na edição de Estudios Cor. Nele se conclui, em tradução de Cabral do Nascimento, «A Torre da Ciência e da História», reunião de variados e deliciosos contos, e se inicia a «História da Rosa Marinha e da Adolescente da China», traduzida por José Saramago. As ilustrações são do desenhador Luís Filipe de Abreu.

«PANORAMA DAS ARTES PLÁSTICAS CONTEMPORANEAS»

Pleno de interesse, o 4.º fascículo da obra notável de Jean Cassou, «Panorama das Artes Plásticas Contemporaneas», em edição de Estudios Cor, completa o capítulo «Filosofia do Cubismo» e inclui, integralmente, os capítulos «Os Cubistas», «Braque», «Léger», iniciando ainda o estudo sobre Picasso, além de curiosos trechos de Apollinaire, Fernande Olivier, Max Jacob, Cocteau, Reverdy, Jacques Villon, Juan Gris e Robert Delaunay. Sugestivas as ilustrações, directamente relacionadas com o texto, entre as quais se salientam uma reprodução a cores de um quadro de Picasso, e reproduções em rotogravura de esculturas de Duchamp-Villon, Brancusi, Laurens, Gonzalez, Lipchitz e Zadkine, e de pinturas de Derain e Marquet.

O ROMANCE DA JUVENTUDE ANGUSTIADA

Vai aparecer em tradução portuguesa o unico romance de J. D. Salinger publicado até agora, «Uma Agulha no Palheiro». O autor é um ficcionista americano da primeira fila, que a crítica considera um dos valores perduráveis da literatura actual. Este romance é a narrativa impressionante de três dias de vagabundagem de um jovem nova-iorquino que, expulso da escola, não tem coragem para regressar a casa de seus pais. O drama da juventude de todos os quadrantes é relatado com uma beleza rara e pungente. «Uma Agulha no Palheiro», que tem obtido na América e na Europa, especialmente em França, êxito invulgar, inclui-se na coleção «Dois Mundos», de Livros do Brasil.

Entrevista com o escritor Guedes de Amorim

(Continuação da 17.ª página)

fomes e esquecimentos da felicidade, como se fora sentença de cruel morte lenta sobre os anónimos cavadores das vinhas, naquela província onde se nasce e morre entre enxadas de maldição, foi por entender que o alargamento de solidariedade deverá ser uma das constantes do homem a expressar-se e a realizar-se pela literatura; e, de seguida, se do romance realista enveredei pelo romance psicológico, foi ainda para mais largos horizontes e profundas raizes atingir, para explicação do sempre desconhecido nosso semelhante, em canseiras de auxílio e não de julgamento, pois nenhum homem terá nunca, afinal, o direito de julgar outro homem. Espere-se que o romancista dê a volta á ilha de angustia, sonho e inquietação que pode ser o seu vizinho, mas não e nunca como espectador ou juiz, antes como testemunha da sua complexidade. Com a biografia «Francisco de Assis, Renovador da Humanidade», nascida duma insubornável vontade de solidariedade total, encontrei a certeza plena de poder abranger todos os homens, num consciente e pertinaz esforço do Humano com o Divino, levem eles a direcção que levarem e digam «sim» ou digam «não» por todos os processos que entendam. Algumas advertências, de quem me sabia a escrever essa obra, de que a literatura também é grupo, compromisso, filiação, não conseguiram desviar-me do longo rumo definitivo. Por conseguinte, aqui está: tendo encontrado a responsabilidade extrema que sempre desejei assumir, em novos trabalhos teria de reafirmá-la.

— Talvez alguém se surpreenda por ter ido tão longe procurar assunto para o seu novo trabalho...

— Se tal surpresa se manifesta, cumpre-me dar-lhe resposta. Nem todos os livros podem nascer no morno aconchego dos gabinetes. Vivemos numa desesperada época em que tormentosas circunstancias pretendem valorizar-se sobre o Eterno, o que nunca conseguirão, por ser impossível, ou então, mascarando-se mascarando-o, o que está ao seu alcance. Ora, deixe-me aqui acentuar, com o imediato desejo de ser compreendido: Do Franciscanismo como regra ou estilo da existência, dentro da biologia e dentro da teologia, veio-me, antes de partir para a Palestina, o legítimo propósito de o mostrar, pelo confronto com regras ou pelo menos estilos de existência de várias religiões, na sua irredutível firmeza de que é na terra que os homens, todos os homens, sem fichas nem discriminações, e num convívio fraternal e sem distancias, principiam a caminhar para a completa libertação que lhes foi prometida e até conquistada com o sangue do Calvário. Ora, aquém e além Jordão, por exemplo, há misérias de vária ordem a chamar escritores não comprometidos nem alistados. A vida medieval que lá se continua a fazer, mostra que, em dignidade humana, os direitos e deveres de trabalho, pão e liberdade permanecem bem inferiores aos do mundo ocidental cristão. Como esquecer então que Jesus andou pelos caminhos da Palestina? Mas, o Cristianismo da Terra Santa, nas exigências justificativas do Humano com o Divino, caiu em silêncio no dia em que Saladino venceu os cruzados. Seriam vésperas do completo irremediável? A um pacifista não emudecido, que recusa aplauso e até compreensão a todas as espadas, afigura-se-lhe, muito acima dos dramas históricos explicados ou explicáveis, que fora antes correcção divina ao que homens estavam fazendo na terra do Messias. E, por isso mesmo, sucederam aos cruzados com armas os cruzados sem armas, os franciscanos. Agora, acrescentarei, baseado em conclusões dos meus estudos no Próximo Oriente, e, deste modo, sabendo bem o que vou dizer: sem franciscanos, já há séculos que não haveria Cristianismo na Terra Santa. Caridade de todas as dimensões a que eles têm realizado, fazendo Cristianismo de acção e acções, e, muitas vezes, pagando-o com a própria vida. A Epopeia Franciscana, no Líbano, na Síria, na Jordania e até no Egipto, embora este se encontre fora da geografia palestiniana, acrescenta e completa os actos apostólicos, ao nível das inadiáveis exigências humanas e religiosas dos modernos tempos, em que desassombrada e energicamente se reconhece que não pode ensinar-se a catequese á criança para se abandonar depois, o homem, materialmente, pela vida fora. Reclamam os Franciscanos tudo quanto seja justo e tudo quanto seja necessário para os homens, completando, dizia eu, os Actos dos Apóstolos. E, não é de admirar, já que eles são mensageiros de Cristo que não recusam compreensão ás prementes imposições do social. E eu, que perante tão profícuas lições, também estou mais empenhado na batalha dos exemplos do que na disputa das ideologias, julgo que, perante muitos desvairamentos actuais, importa revelar essa epopeia, sendo até de surpreender que ninguém o tivesse feito até agora.

— Será esse o livro que vai escrever sobre a Terra Santa?

— Primeiro, publicarei, lá para o fim do ano, um livro de impressões de viagem sobre contactos com povos, costumes e religiões, no círculo humano daquelas terras que ouviram primeiro que quaisquer outras os Evangelhos. Depois, para daqui a dois, três anos, não sei nem posso saber, aparecerá talvez o livro da *Epopeia Franciscana na Terra Santa*, aquele livro, em suma, que, dentro da certeza atingida duma responsabilidade total, a que já fiz referência, mostrará como os discípulos do Mendigo de Assis e do Mundo, sem traição a Deus no auxílio das urgentes fomes dos homens, lá, nas vizinhanças das encruzilhadas do petróleo, exemplificam como um homem com pão pode ser responsável pela fome do seu vizinho e como um homem em liberdade poderá ser responsabilizado pela prisão do seu semelhante.

— Para terminar: quanto a literatura de ficção, abandonou-a ou tenciona publicar novas obras?

— Não se pode abandonar um destino próprio. Deixei um livro de novelas e um romance já muito adiantados, antes de partir para a Palestina. Pode ser que os termine ainda este ano, mas pode também acontecer que fiquem demorados meses ou anos, não sei quantos. Sou um mendigo de minutos e não tenho duas ou três rendosas profissões, como parece estar em moda. Num tempo de alienações para subir, vivo das migalhas do jornalismo, delas me servi para ir á Palestina, sem favores bancários ou eclesiásticos, mas vivo sem queixumes, até porque aos meus direitos repugnam quaisquer lástimas pessoais. Enfim, não me sirvo da literatura, apenas a sirvo, com responsável solidariedade perante os homens do meu tempo, e não espero nem aceitarei privilégios ou situações de favor.

HOMENAGEM a Orlando da Costa

Orlando da Costa, que, pelo seu romance «O Signo da Ira», obteve o Prémio Ricardo Malheiros, atribuído pela Academia das Ciências de Lisboa, conquistou justa audiência nos meios literários da capital. O seu livro, ponderado pelos representantes e expoentes da diferentes escolas e correntes literárias, é um dos que, ultimamente, se impõe com audácia e valor no panorama das nossas letras.

Por tal motivo, e até porque, para além do escritor, há também o homem de ideias íntegras e construtivas, um grupo de intelectuais e amigos de Orlando da Costa resolveu homenageá-lo esta noite, no decorrer de um jantar a realizar, pelas 20 e 30, na «Cozinha Alentejana», á Avenida Almirante Gago Coutinho

Entre outras personalidades do nosso mundo das letras, que presentemente se renova com o aparecimento de novos valores, assistirá o escritor brasileiro Massaud Moisés.

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS COMBOIOS DOS DOMINGOS

Esta venda começar-se-á a fazer ás 6.ªs-feiras na estação do Cais do Sodré.

Aos domingos, tanto do lado da Avenida 24 de Julho, como do lado do Jardim, funcionarão outras bilheteiras destinadas aos srs. passageiros que se dirijam a Santo Amaro Oeiras, Carcavelos e Cascais, mantendo-se nas bilheteiras normais a venda para todas as estações.

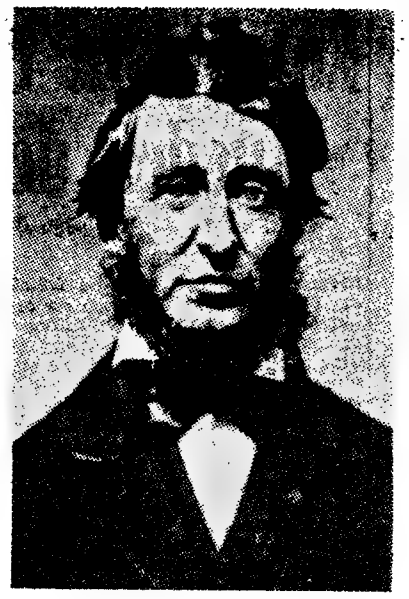
EVOCAÇÃO

de Henry David Thoreau

Há cem anos, apenas com 45 de idade, morreu Henry David Thorcau, naturalista e escritor norte-americano que só póstumamente conquistou a aura mundial bem merecida pela sua obra. O estreito círculo de amigos que o haviam conhecido — o moralista Emerson, Nathaniel Hawthorne, Margaret Fuller — só então compreendeu a profunda genialidade que existia nesse homem aparentemente, tão simples, solitário, divagante, para quem só a Natureza constituira um ardente e inesxtinguivel amor.

Formado em Harvard, professor de «humanidades» durante breve tempo, Thoreau foi um reflexo vivo da crise que todos os norte-americanos experimentaram, em maior ou menor grau, na passagem do pioneirismo primitivo para a civilização industrial moderna. Em 1845, para demonstrar que o homem, mesmo requintadamente civilizado, pode regressar á Natureza e nela viver em plenitude, refugiou-se numa cabana que ele próprio construira nas florestas de Walden e aí permaneceu durante alguns anos em completo isolamento. Como S. Francisco de Assis, amou os animais e as plantas com ternura imensa — e desse amor deixou o testemunho literário singular no livro «Walden», publicado em 1854. «Fui para a floresta, escreveu Thoreau, porque quis viver voluntàriamente, enfrentar apenas os factos essenciais da vida, para que quando a morte chegar, não ter de descobrir que afinal não chegara a viver.

Um dia Emerson perguntou-lhe: «Então não fazes nada? Porque não escreves um diário?» Daí nasceu uma das obras mais singulares de toda a história da inteligência humana — o documentário fiel de um espírito e de uma sensibilidade ardentemente voltados para si-próprio, para a natureza, para o sentido essencial da vida, para o destino de tido essen da vida, para o destino de todas as coisas. Em 39 volumes ficaram assim compendiados os mais variados e penetrantes ensaios filosóficos e mo-



Henry David Thoreau

ralísticos que a cultura norte-americana até hoje criou. A obra de Henry David Thoreau é hoje largamente lida. A posteridade trouxe-lhe o prestígio literário que na vida lhe foi completamente indiferente.

O Museu Monográfico de Conímbriga

—o mais recente museu português e o primeiro no seu género que é instalado no nosso País

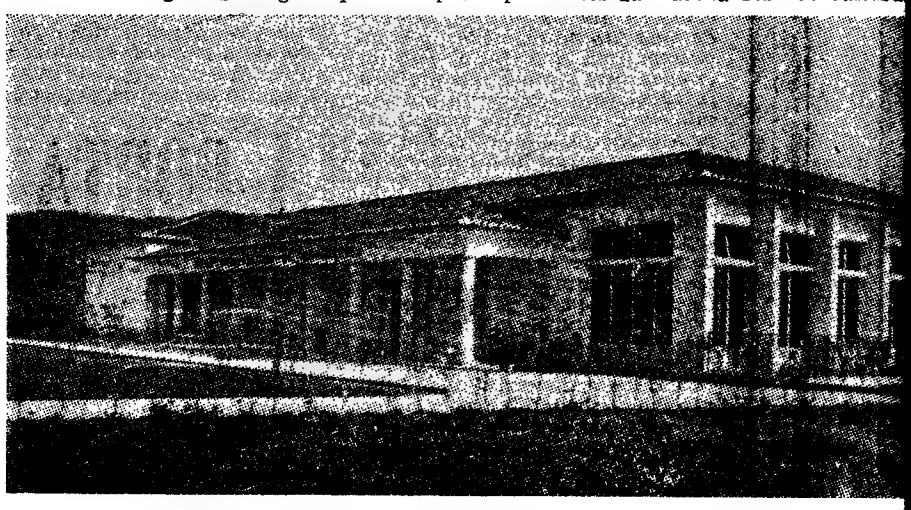
VEM desde o século XVI o interesse de eruditos e investigadores pelas ruinas romanas de Conimbriga, que o manto de terras nunca chegou a cobrir inteiramente. Só no final do século XIX, todavia, se iniciaram as primeiras sondagens arqueológicas e escavações sistemáticas no vasto perímetro das proximidades de Condeixa-a-Velha onde se sabia existirem notáveis vestígios de uma civilização extinta. E foi apenas em 1930 que a Junta da Educação Nacional concedeu á Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra um subsídio que lhe fora pedido para início das escavações. Com ele a Faculdade adquiriu terreno e começou os trabalhos com a preocupação, a todos os títulos louvável, de dar um complemento prático ao ensino da Arqueologia, Epigrafia e Numismática. Da comissão de professores então nomeada para orientar as pesquisas fazia parte o doutor Virgílio Correia cujo nome ficará para sempre ligado a Conimbriga. Nesse mesmo ano a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais estende a actividade dos seus serviços de Monumentos ás ruinas de Conimbriga. Com ela colaborou até á dáta da sua morte, em 1944, aquele ilustre professor e arqueólogo.

Assim documenta a história da exploração das ruinas uma breve mas elucidativa publicação agora divulgada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. De 1955 para cá, segúndo essa publicação — que põe em relevo o particular interesse que as ruinas têm merecido ao ministro Arantes e Oliveira — novo impulso foi dado aos trabalhos. Acelerou-se o ritmo da consolidação, adquiriu-se todo o terreno situado *intra muros*, fizeram-se reescavações e sondagens, escavou-se um grande edifício destinado a termas publicas, melhoraram-se os acessos, estudou-se a reconstituição de canalizações, jogos de água, jardins, etc. Essa persistente obra de recuperação e valorização conduzia, natural e lógicamente, áquilo que era desejado há muito e por muitos: a construção, na imediata proximidade das ruinas, de um museu Monográfico que recolhesse todos os testemunhos que, por diversos e compreensíveis motivos, não pudessem ficar no próprio local em que haviam sido encontrados. Essa antiga aspiração concretizou-se finalmente: o Museu Monográfico de Conimbriga é uma realidade, como se documenta gráficamente em algumas imagens que acompanham esta notícia.

O edifício, situado á ilharga oriental das ruinas postas a descoberto, é o primeiro deste tipo que se ergue em Portugal. Possui três salas de exposição, armazém de materiais arqueológicos e colecções-reserva, uma ampla sala de trabalho, laboratório, camara escura, residência do guarda e, ainda, uma casa de chá e respectivos serviços, para acolhimento de visitantes e de turistas. Esta ultima instalação, situada no extremo ocidental do edifício, com largos espaços envidraçados e uma varanda aberta para o belo enquadramento natural, domina a funda ravina do Rio dos Mouros e toda a extensão do campo de ruinas. No piso inferior, servidas por entradas próprias e reservadas ao pessoal dos respectivos serviços, encontram-se as arrecadações de materiais arqueológicos, a vasta e bem iluminada sala de trabalho, o laboratório dos restauros e tratamento de peças, e camara-escura; a cozinha e instalações para o pessoal da casa de chá (sem possibilidade de comunicação com as dependências reservadas ao serviço do museu); e no topo leste, a residência do guarda permanente.

Do edifício do museu o visitante tem acesso ás ruinas por caminho que permite atingir de automóvel as zonas escavadas e já abertas ao publico. A pé essa pequena distancia é vencida em escassos minutos. Uma pista provisória, cujo traçado e utilização terão de estar sempre dependentes da marcha dos trabalhos e conveniências dos serviços, permite dar a volta de carro ao longo do circuito de muralhas.

Conimbriga é agora, com o seu museu e instalações anexas, um lo-



Aspecto geral do edifício do Museu Monográfico de Conímbriga

Aspecto de uma das salas de exposição do novo Museu de Conímbriga

Há trezentos anos morreu Blaise Pascal

(Continuação da 17.ª página)

Não é fácil dizer em poucas linhas, decerto, o que significa Pascal para qualquer homem com a plena consciência dos mais altos valores humanos. «Esse génio aterrador», de que falava Chateaubriand, é dos que tornam arriscada qualquer tentativa da fixação em fórmulas breves e simples. De algum modo e por algum lado, a apreensão do que há de mais profundo na sua genialidade furta-se á nossa ambição definidora. A imensa, a inesgotável bibliografia que lhe diz respeito — e que ocupa nada menos de cinco volumes na obra exaustiva de Albert Maire — não permite abrangê-lo inteiro. Porque, muito mais do que a nossa obra escrita, o que conta é o sulco profundo que deixou marcado neste mundo, é a germinação de almas e de inteligências que o seu pensamento ficou a alimentar pelos séculos adiante, é o grande clamor, feito de angustias e de esperanças confundidas, que nos faz ouvir e que nunca mais finda de nos tocar o coração e o espírito.

Como entrar sériamente, dominando as razões imediatas e transitórias que nos inquietam, nos caminhos a que nos chama a recordação dessa personalidade extraordinária, meditar na suá lição e no seu exemplo, sondar a sua perene angustia, prescrutar as suas razões? As cerimónias evocativas oficiais raras vezes conseguem elevar-se ao nível das figuras que pretendem evocar. Mas basta que o circunstancial da data comemorada leve alguns espíritos de hoje a retomar **Les Pensées**, a encontrar neles uma ou outra resposta á sua ansiedade, para que as celebrações — sejam elas quais forem — ganhem prontamente um sentido.

Diz-se que o ano de 1962 é, para a França culta, «o ano de Pascal». O presidente da Republica, general de Gaulle, deu o seu patrocínio expresso á Comissão Oficial que se constituiu para comemorar o tricentenário da morte do pensador. O editor Jean Mesnard publica uma edição completa das suas obras; um volume especial recolherá os depoimentos de homenagens dos que mais deliberadamente reconhecem o que devem a Pascal. Haverá, até, um filme cinematográfico com que se pretende revelar o filósofo no enquadramento da sua época e das suas paisagens; um selo postal reproduzindo a sua efígie segundo o famoso retrato de Domat; uma medalha comemorativa fabricada na Casa da Moeda; uma Exposição na Biblioteca Nacional de Paris. A Sorbonne vai prestar-lhe homenagem solene; em Port Royal, grandes figuras do teatro recitarão textos pascalianos; e, em Clermont-Ferrand, que foi a terra natal do místico pensador e cientista, um Congresso vai estudar actualizadamente a obra filosófica e científica que Blaise Pascal legou á humanidade.

Tudo isso pela data da morte de um homem, há trezentos anos? Tudo o que se fez e vai fazer-se não será muito. A própria diversidade das manifestações previstas corresponde, de algum modo, á amplitude do homem de génio que celebram. E' toda a escala imensa dos aspectos perenes da obra de Pascal que a França quer mostrar ao mundo — e também, entre eles, a genialidade de estilo do escritor fulgurante, cujo verbo se grava em quem lê como flecha ainda vibrante e trémula. E ainda o matemático, o físico, o técnico, que se situou com intuição formidável como precursor da era da máquina — essa «primeira realização exemplar do homem moderno, como lhe chamou um insuspeito intérprete, o marxista L. Goldmann. Em torno de tão extraordinária e gloriosa figura não é apenas a França, mas todo o mundo civilizado, que têm de manifestar-se em admiração e em caloroso entendimento.

O «TEATRO DO ABSURDO»

e a crítica britânica

A apresentação em Londres da peça de Boris Vian «Os Construtores de Império», pela Real Companhia de Shakespeare, deixou desconcertada a crítica inglesa, motivando apreciações diversas mas sempre vivamente interessadas. No *Sunday Times* escreveu o crítico principal: «Disse-me um amigo que o tema em causa na peça é a política francesa na Argélia. Mas se me dissessem que o tema era a defesa do Mercado Comum, o efeito seria o mesmo. Quando o autor quer meter medo, diverte-nos. E é pena que meta medo tão poucas vezes».

O crítico do *Observer* interroga-se: «Medo da morte, sentido da culpabilidade, reacção da burguesia francesa perante as atrocidades argelinas? O símbolo é multiplo, talvez por corresponder a um estado de espírito universal». E logo assevera que a peça «Amadeu», de Ionesco, traduz tudo isso muito melhor.

«Há humor negro, muitos jogos de palavras, na peça de Vian», afirma-se no *Daily Herald*, cujo crítico acrescenta: «Creio que a mensagem do autor é tão pessoal que só ele pode compreendê-la». O crítico do *Guardian*, por seu turno, declara que «os apreciadores do teatro do absurdo devem gostar de ver esta peça». E o do *Daily Mail:* «E' uma miniatura penosa, aterradora e depressiva de uma grande peça». O crítico do *Times*, finalmente, é de opinião de que a peça de Boris Vian «tem a força e a fraqueza do teatro de vanguarda francês... mas a voz do protagonista é coberta, muitas vezes, por truques copiados de outras peças».

Imagem das perplexidades que o «teatro novo», como o «novo romance», está a suscitar nos meios literários e intelectuais, este leque de opiniões da crítica inglesa não deixa de testemunhar o vivo interesse de uma curiosidade insatisfeita.

FESTAS DE VERÃO NA CORUNHA

Nos dias 1 a 31 de Agosto de 1962

Por motivo destas festas, a C. P. tem á venda, nalgumas estações, (entre as quais Lisboa-Santa Apolónia, Coimbra, Porto Braga, Viana do Castelo), bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos, para a estação de Corunha.

Período de venda — 27 de Julho a 31 de Agosto.

sairam
mais 2 volumes da
ENCICLOPÉDIA
DIAGRAMAS

A VERDADE SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

Um assunto de importancia capital que nenhum pai ou educador deve desconhecer

DA BACTÉRIA AO HOMEM

Uma breve história da vida desde o seu aparecimento até ao homem, cupula da evolução

cada volume 20$00
condições especiais
de assinatura

ESTÚDIOS COR
Calçada dos Caetanos, 20 - A
LISBOA

O 400.º CENTENÁRIO DE SHAKESPEARE

Foi há pouco nomeada uma comissão destinada a coordenar os planos de toda a Grã-Bretanha, para celebrar dentro de dois anos, o 400.º aniversário do nascimento de Shakespeare. A comissão é constituida por representantes do Arts Council, British Council, Teatros, B. B. C., Rádio, Televisão, etc. Em Stratford-upon-Avon, as comemorações estão a cargo de um conselho especialmente constituido.

A comissão conservar-se-á em estreito contacto com os teatros, universidades, sociedades, etc., para fins consultivos e coordenadores, a fim de que as comemorações nacionais correspondam dignamente com a ocasião celebrada.

Entretanto, o British Council está a publicar oito ensaios integrados na série «Writers and Their Work» sobre as peças e os poemas de Shakespeare, a saber: «As Primeiras Comédias», por Derek Traversi; «As Ultimas Comédias», por G. K. Hunter; «As Crónicas», por Clifford Leech; «As Peças Problemas», por Peter Ure; «As Grandes Tragédias», por Kenneth Muir — todos eles já aparecidos; e «As Histórias», por L. C. Knights; «As Peças Romanas», por T. J. B. Spencer; «As Ultimas Peças», por Frank Kermode, e «Os Poemas», por J. W. Lever, a aparecer brevemente. O ensaio de autoria de C. J. Sisson, publicado anteriormente nesta série, apresenta um comentário e bibliografia para todos aqueles que se interessam pelos estudos shakespeareanos.

ESC

(De 7 a

Aut

Título —
— (Arte,
Ano).
Editora
Numero
Preço —

Título —
Autor —
Editora
Colecção
ção n.º 47
Numero
Preço —

Aut

Título —
Autor —
Editora
Colecção
ção n.º 46
Numero
Preço —

Título —
Circo».
Autor —
Tradutor
Editora
Colecção
Numero
edição).
Preço —

Título —
(2.º volum
Autor —
Tradutor
Editora
Colecção
Minerva, n
Numero
Preço —

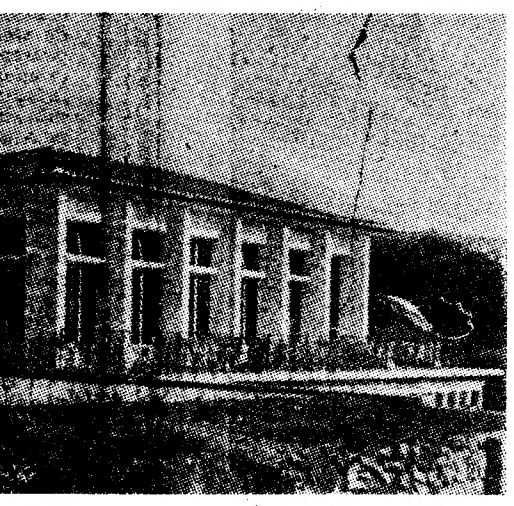
riga

tuguês
género
País

de materiais
ções-reserva,
abalho, labo-
, residência
ma casa de
rviços, para
tes e de tu-
stalação, si-
ental do edi-
ços envidra-
aberta para
natural, do-
do Rio dos
são do cam-
inferior, ser-
orias e reser-
respectivos
as arrecada-
ieológicos, a
sala de tra-
os restauros
, e camara-
alações par
há (sem r
ção con
s ao serv
Neste, a re-
manente.
o visitante
por caminho
e automóvel
abertas ao
equena dis-
escassos mi-
isória, cujo
ão de estar
marcha dos

Pórtico da entrada do Museu de Conímbriga

cal histórico e arqueológico ainda mais atraente para os que o visitarem. A obra realizada merece, sem duvida, o aplauso de todos os que prezam os valores patrimoniais de cultura e arte no nosso País.



Monográfico de Conímbriga

ias dos ser-
ta de carro
e muralhas.
com o seu
exas, um lo-

Museu

RE

Ultimas
or Frank
e «Os
por J. W.
aparecer
te. O en-
utoria de
on, publi-
riormente
ie, apre-
comentá-
ibliografia
s aqueles
nteressam
udos sha-
nos.

Estão abertos os concursos para os prémios do S. N. I.

Estão abertos os concursos para os prémios literários do S. N. I., «Camões», «Ocidente» e «Afonso de Bragança».

O primeiro (30 000$00), que é atribuído em anos alternados, destinado a galardoar, no estrangeiro, o interesse pela vida e pela cultura portuguesas, distinguirá a melhor obra literária ou científica de autor estrangeiro, publicada além-fronteiras sobre Portugal, nos idiomas português, francês, inglês, alemão, espanhol ou italiano, publicada em primeira edição, no período de dois anos que vai de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro do ano seguinte.

A candidatura poderá ser apresentada pelos escritores, pelos editores, pelo Instituto de Alta Cultura ou por qualquer membro do juri, sempre com a prévia anuência do autor, o qual solicitará a admissão ao concurso, juntamente com os documentos prescritos no respectivo regulamento.

Como habitualmente, o S. N. I. convidará o laureado a visitar o País, como hóspede oficial, durante quinze dias, e a recompensa ser-lhe-á entregue em Lisboa na festa para distribuição dos prémios literários.

*

Os prémios «Ocidente», no valor de 20 000$00 cada, para trabalhos em prosa e poesia, têm o objectivo de distinguir e estimular os escritores portugueses que nas suas obras defendam o sentido ocidental e cristão do mundo português.

A candidatura pode ser apresentada pelo escritor, por seu representante qualificado ou por qualquer membro do respectivo juri, com a anuência do autor. Serão admitidos trabalhos originais em prosa (história, romance, conto, novela, ensaio, literatura infantil e teatro) e em poesia, escritos em língua portuguesa e publicados em Portugal ou no estrangeiro, em primeira edição, dentro do período de tempo estipulado no regulamento.

Ficam excluídos do concurso os autores que tenham sido premiados, por duas vezes, em anos anteriores.

A entrega dos prémios far-se-á em acto solene, de preferência no «Dia de Portugal» (10 de Junho) ou em data a designar pelo S. N. I.

*

O «Prémio Afonso de Bragança» (jornalismo), no valor de 6000$00, é atribuído anualmente. Podem concorrer os trabalhos publicados, em jornais ou revistas, entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro do ano a que o prémio se refere.

Os pedidos de admissão serão entregues no S. N. I., acompanhados de cinco exemplares dos jornais ou revistas. Quando os trabalhos sejam editados em volume, além dos cinco exemplares exigidos, deverá ser enviada, também, uma colecção daquelas publicações que os tenham publicado.

ESCAPARATE

(De 7 a 14 de Agosto de 1962)

Autores portugueses

Título — «Almanaque Bertrand» — (Arte, Recreio, Ciência — 64.º Ano).
Editora — Livraria Bertrand.
Numero de páginas — 318.
Preço — 25$00.

Título — «O Canto Puro».
Autor — Jorge de Sampaio.
Editora — Edições Panorama.
Colecção — «Poesia» — Publicação n.º 47 das Edições Panorama.
Numero de páginas — 51.
Preço — 7$50.

Autores estrangeiros

Título — «A Deriva».
Autor — Serafim Rodrigues.
Editora — Edições Panorama.
Colecção — «Ficção» — Publicação n.º 46 das Edições Panorama.
Numero de páginas — 290.
Preço — 22$50.

Título — «História de um Cão de Circo».
Autor — Jack London.
Tradutor—Cabral do Nascimento.
Editora — Editorial Minerva.
Colecção — «Terra e Mar».
Numero de páginas — 269 (2.ª edição).
Preço — 22$00.

Título — «A Ferro e a Fogo» (2.º volume).
Autor — Henryk Sienkiewicz.
Tradutor — L. Pinto Ferreira.
Editora — Editorial Minerva.
Colecção — Biblioteca Popular Minerva, n.º 9.
Numero de páginas — 232.
Preço — 12$50.

CAMILO PESSANHA

(Continuação da 17.ª página)

lou como ele, em tão alto grau de pureza, de deslumbrante encantamento. Passou a vida num continuo, num incansável e insaciado sonho de artista, e também numa dor amorosa, porventura surda, perpétuamente ocupado a tecer de enfeites e a temperar da máguas a escassa e admirável meia centena de pequenos poemas, quanto muito, que só raramente publicava, e mãos amigas, mãos devotas haviam um dia de recolher num breve e maravilhoso livro. Recitava-os aos companheiros de acaso e aos apaixonados da sua arte, e dizem que a recitá-los se transfigurava. Só os escreveu quando lho suplicaram. A alma enebriada queria-os para sempre a ecoar na memória, aperfeiçoando-os a cada instante, burilando-os na finura mais acabada da forma, a instilar-lhes a graça daquele seu aroma sem par. Vinham de longe, decantados pelo tempo, expurgados do que de impuro lhes dera a nascença, permanentemente a serem murmurados num sussurro ou numa reza, mil e mil vezes rememorados, até atingirem tamanha beleza e tão completa perfeição.

Foi assim, trabalhadas nesta lenta forja, que as palavras ganharam na sua voz por vezes surpreendentes significações, soam com outro timbre, sugerem ideias e visões nunca pressentidas, transcendendo-se na força e formusura do que exprimem. Ao seu contacto enriquecem, sublimam-se, ganham em estatura e grandeza, brilham decerto num mais vivo esplendor. O tempo rolou-as, poliu-as, como os seixos que a água arrasta. Eram pedras informes, mas, naquele constante atrito, foram descobrindo veios de prodigiosa coloração, diferente beleza da forma, uma mais delicada transparência á luz que as toca, animaram-se da vida que não tinham — vida ao mesmo tempo estáctica e de irrequieta vibração. Foi num labor paciente, demorado na luta silenciosa do seu espírito, que estes prodígios se operaram.

Cada peça da sua obra saiu-lhe das mãos completa, perfeita, limpa de detritos, a fulgorar de luminosidade. E o que espanta, e mais que espanta, deslumbra, é que a despeito de tão elaborado artifício, a força de humanidade se haja mantido pura, intacta na sua comoção, de estreme exemplaridade. Desenhe ele as coisas com mais lucida precisão, ou manche o quadro de sombras evocativas, vagas no seu recorte, tudo resulta de uma sequência impressionante do estilo, que, desde o mais remoto vibrar da alma até á forma em que se define, segue a sua irrepreensível linha.

Eis o que singulariza a obra do poeta Camilo Pessanha, torna tão belo o seu pequeno livro de poemas. Há a cada passo momentos de penumbra doentia, a fascinação de uma beleza espectral, o compraz-imento de certas agonias, as mágoas insidiosas de uma alma desterrada, mas nem sentimento, nem visão nem ideia que não venham inspirados pela mais fantástica das harmonias e por esse sentido penetrante, sagaz, adivinho, e por vezes miraculoso, que ele dá ás palavras. Ardente ou álgido, alucinado ou lucido, é sempre o artista em que transparece o homem na grandeza do seu sofrimento.

MANUEL MENDES

ACABA DE SAIR:

UM PAÍS DE CARNEIROS

por **W. J. LEDERER**

A MAIS VIOLENTA CRÍTICA À POLÍTICA EXTERNA AMERICANA

1 vol. **40$00**

CLÁSSICA EDITORA

Restauradores, 17 LISBOA

RELANCES DO MUNDO LITERÁRIO

● Quando em Portugal desponta o chamado «novo romance», na esteira de alheias e tardias sugestões, já em França se considera esse movimento ultrapassado e outros germinam com objectivos muito diversos. O «novo romance» foi util porque facilitou a rotura de certas disciplinas muito experimentadas ou gastas — mas o que se apresenta aos novos romancistas franceses é o caminho de um certo classicismo enriquecido por inovadoras pesquisas: «a transfiguração no plano superior de uma aventura vivida», propõe Sunsarié de Larcône; «a transformação de um mundo em escrita», preconisa Jean Ghibert; «uma visão que restitua a realidade», aponta Guez; «uma ficção premeditada e organizada, mas plausível e com raizes no real», sugere Boudard; «a transcrição de evidências interiores», assinala Sophie Brunet; «o romance como história das formas e actividades próprias da consciência: memória, percepção, etc.», alvitra Baudry. Como já vão longe as teses do «nouveau roman», na França que o fez nascer...

● Vladimir Nabokov, publicou há pouco um novo romance intitulado «Pnine». Na Imprensa francesa, que publicou recentemente largos extractos do livro, chama-se-lhe «un roman drôle». E a ironia estranha, diluídamente caricatural em que é envolvido o protagonista, deixa em suspenso, na verdade, intrigadas interrogações sobre a visão da vida e dos valores humanos que Nabokov pretende representar. Será Pnine um anti-Babitt? Os leitores do romance, na versão integral em inglês ou na versão francesa que Gallimard anuncia para Outubro, poderão constatá-lo.

● Na Alemanha Ocidental há actualmente 15 «Clubes do Livro», com um total de sócios que já vai além de cinco milhões. Em cada quatro famílias do país há um membro de sociedades de leitores. Estas abrangem todas as camadas sociais. Os sócios pagam uma determinada quota mensal e podem assim em intervalos regulares escolher livros de entre 400 a 500 títulos, aproximadamente, os quais são consideràvelmente mais baratos do que no mercado publico de livros. Os sócios que não queiram fazer uso do direito de escolha recebem um determinado volume enviado pela sociedade. Verificou-se um facto interessante: 95 % dos membros das diferentes sociedades fazem uso do seu direito de escolher, de forma que não se pode falar de uma massa sem vontade. A escolha dos livros á disposição abrange obras tanto de autores nacionais como estrangeiros, e os géneros mais diferentes.

● A primeira «Exposição de Livros Brochados Ingleses de Nível Universitário» (British University Paperbacks), organizada pelo British Council e de particular interesse e benefício para os estudantes universitários, vai ser apresentada no Sudoeste Asiático. A exposição será em triplicado e cada uma das suas partes é constituída por 384 livros publicados recentemente nos campos de filosofia e psicologia, belas artes, ciências sociais, linguística, ciências puras e aplicadas, medicina, literatura, história e geografia e livros de consulta.

● As reposições de teatro clássico em Espanha estão sendo orientadas por um sentido cultural e espectacular de que valeria a pena reter as significativas lições. No Teatro Goya, de Madrid, prosseguindo a série do «Teatro da Juventude», foi há pouco levado á cena, em revisão de Cláudio de la Torre, o autosacramental de Calderón de la Barca «El pleito matrimonial del cuerpo y el alma», com acompanhamentos musicais da poligonia espanhola clássica. Por sua vez, o «Ayuntamiento» de Barcelona patrocinou a representação de uma «Paixão de Jesus» escrita em catalão por volta de 1530 e até hoje inédita. A encenação foi realizada, á luz das directivas da arqueologia paleocristã, sobre quatro cenários giratórios.

● O professor de Filadélfia, Richard Kroner publicou ultimamente o estudo «De Kant a Hegel» em que apresenta a visão completa das concepções dos mais importantes pensadores dessa época, bem como das relações existentes entre os seus vários sistemas, Kroner lembra «os acontecimentos incríveis da trágica época da história universal, por nós vivida», que conduziu o homem pensante até «aos mais graves e mais altos de todos os problemas», tais como são descobertos e descritos na filosofia. Começando com os resultados de Kant, o autor apresenta a filosofia alemã de Era Clássica em toda a sua variedades de pensamentos e de respostas ás perguntas que a Humanidade formula sempre de novo. A obra fecha com uma análise profunda da filosofia da natureza do idealismo alemão e do seu relacionamento com as ciências naturais da respectiva época. Na obra de Kroner trata-se pormenorizadamente da teoria das ciências, da crítica da razão, da filosofia histórica, sob o ponto de vista dos respectivos pensadores.

● Na sua ultima entrevista, concedida ao jornalista Nils Dahlgren, o grande escritor norte-americano William Faulkner fez, entre outras, as seguintes declarações: «Escrever é um duro trabalho, mas deve ser, também, um divertimento. Comigo, foi sempre assim». — «Um romancista precisa de 99 por cento de talento, 99 por cento de disciplina... e 99 por cento de trabalho. E, com tudo isso, nunca deve considerar-se satisfeito com o que faz. Um artista é sempre impelido pelos seus demónios». — «É uma ilusão supor que os escritores precisam de libertar-se de preocupações materiais para criarem uma obra. A unica coisa de que precisam, realmene, é de papel, e lápis». — «Seja qual for o símbolo religioso que adoptarem, os homens têm de pensar, acima de tudo, nos seus deveres perante a espécie humana».

● Num estudo há pouco publicado afirma o presidente da Academia Brasileira de Letras, Peregrino Junior, que bem pesadas as coisas e em ultima análise, o clima espiritual do Simbolismo brasileiro é todo ele carregado de influências portuguesas, obscuras, algumas vezes, mas não raro ostensivas e nítidas. A fonte original do nosso Simbolismo foi evidentemente francesa Anallanié, Verlaine, Samain, sobretudo), mas os portugueses estiveram aqui também — e alguns lançaram ancoras e permaneceram...

Melhoramentos importantes no aeroporto de Lisboa

(Continuação da página central)

parates, «bar», «stands» destinados á criação do «Free-Shopp», venda livre aos estrangeiros, a preços acessíveis, por exemplo, dos produtos portugueses, o que, a par de proporcionar novas receitas para o País, permitirá ampliar a propaganda dos produtos nacionais. Vão ser abertos, nos termos legais, muito em breve, os respectivos concursos.

O passageiro terá na sala de transito, á semelhança do que acontece em todos os aeroportos do Mundo, todas as facilidades e comodidades, desde um «bureau» dos C. T. T.; possívelmente, um banco; serviços do S. N. I., do Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto; e ainda, como é de admitir, «stands» para vendas de flores, café, chá, ceramicas, bordados, artigos de ferro forjado, etc.

A sala terá ligação directa com o restaurante do aeroporto e será dotada de instalações sanitárias separadas, para homens e senhoras, com duches, etc.

Segundo nos declarou o sr. eng. José Maria Seguro, no decorrer da visita, a sala destinada aos passageiros em transito ficará em parte concluída e posta ao serviço dentro de três semanas.

A fachada da sala, que dá para a plataforma, tem um revestimento de chapa de vidro muito grossa e caixilharia preventiva, de modo a resistir perfeitamente ao sopro dos «jactos» na plataforma, no momento em que os aviões fazem a manobra de estacionamento. A visão é completa para os passageiros. O movimento dos passageiros em transito é separado dos passageiros locais, por uma antecamara que dá para a sala nova, dentro da qual se encontra a escadaria de acesso ao restaurante.

O restaurante actual beneficiará de diversos melhoramentos, especialmente no que respeita a condições de temperatura e diferenciação de espaços para os passageiros em transito e para o serviço nacional. Também a zona de entrada dos passageiros locais sofrerá diversas modificações, para desafogo da saída. A sala da alfandega verá modificada a posição do balcão e quanto ao mobiliário, vai ser aberto concurso para a sua aquisição. O actual será aproveitado noutras dependências do aeroporto.

Está previsto também que o «hall» central da aerogare, com os seus espaços brancos, nas paredes, receba também grandes melhoramentos, numa uniformização que se impõe: tipo de decoração adoptado para a sala de passageiros em transito.

A nova pista de instrumentos

No que se refere aos trabalhos no exterior, estão concluídos 3500 metros da nova pista, faltando apenas a iluminação no troço final e luzes centrais. No fim do ano, a pista entrará em completo funcionamento e utilização. Presentemente, estão a ultimar-se os trabalhos dos ultimos 300 metros de pavimentação, que ficarão concluídos dentro de 15 dias. Nestes 300 metros, a ultima cobertura é feita com uma rega de cimento com cola aderente ao betume, de modo a proteger a pavimentação da acção da temperatura e do sopro dos aviões de jacto. Para além da pista, há uma área de segurança de 200 metros, na descida para o vale de Camarate.

Como complemento da obra da nova pista, uma das melhores da Europa, vai ser promulgada a legislação relativa a servidões aeronáuticos do aeroporto, de modo a haver uma zona ampla de segurança, sem qualquer urbanização ou condicionada ao tipo de zona rural, na aproximação Norte da pista de instrumentos.

Para se avaliar da importancia da obra da pista, que teve a duração de dois anos e meio, bastará dizer que foram removidos 4 milhões e meio de metros cubicos de terra, o que daria para cobrir o Rossio, na altura de 200 metros!

— Dentro de um mês, as obras de ampliação da pista estão terminadas — disse com certo orgulho o sr. eng. José Maria Seguro. — Entretanto, está prevista a montagem do radar de aproximação, ao mesmo tempo que o radar de longa distancia será consideràvelmente melhorado, com interligação á torre de «controle» do aeroporto.

Outros melhoramentos

O armazém franco ou terminal de carga é outra obra importante que entrou na fase final de acabamento. Permite a transferência dos armazéns da D. G. A. C., de modo a libertar a zona das companhias de combustíveis, já separada por um muro todo á sua volta, de todas as actividades alheias áqueles serviços. Ao mesmo tempo, libertará igualmente a actual zona da alfandega do aeroporto dentro da própria aerogare, permitindo a expansão de outros serviços. Na zona das companhias abastecedoras ficará apenas a instalação do Centro de «Controle» Regional do Continente, que será transferida posteriormente.

Dentro de dias será também iniciada a construção da nova Central de Emergência, que alimentará o sistema de iluminação e ajudas de rádio da nova pista de instrumentos 03/21, fundamental melhoramento, de natureza técnica, determinado pela Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, e cujo custo foi orçado em 1000 contos. Tem todos os grupos de emergência imediata e a prazo de poucos segundos, funcionando com 3 grupos de geradores, o que salvaguardará qualquer emergência no caso de falta de luz das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, ao mesmo tempo que alimentará todo o aeroporto, determinando uma economia considerável para a administração do aeroporto, como uma segurança quase total no funcionamento dos serviços de assistência aos aviões.

Por outro lado, foi prevista, segundo ainda nos revelou o sr. eng. José Maria Seguro, a construção, ainda este ano, de uma nova torre de «controle» do aeroporto, que ficará instalada a meio da nova pista de instrumentos, á distancia de 2 quilómetros de cada lado do topo da referida pista.

E em breve serão iniciadas as obras de construção do novo quartel dos bombeiros, de grande amplitude, dotado de todos os meios técnicos, com capacidade para diversas viaturas, e que ficará instalado junto ao cruzamento da pista Norte-Sul, o que permitirá uma eficiência total em qualquer emergência.

George Macaulay Trevelyan

— um grande historiador desaparecido

Teve demorado eco na imprensa literária de muitos países o falecimento, há pouco ocorido, do historiador inglês «sir» George Macaulay Trevelyan. Nascido em 1876 na terra natal de Shakespeare, Stratford-on-Avon, o ilustre professor de Cambridge era sobrinho de outro historiador de largo prestígio universal «lord» Macaulay, e como ele se filiou numa tradição democrática da historiografia moderna. Além da «História da Inglaterra», em que testemunha o seu interesse profundo pelas grandes causas da emancipação humana e pelos problemas sociais, são especialmente significativos dessa formação intelectual generosa os três volumes que consagrou á unificação da Itália, exaltando a figura heróica de Garibaldi.

Os ultimos trabalhos de George Macaulay Trevelyan foram constituídos por lucidas e serenas meditações sobre o sentido da história e a vocação do historiador. E o «Times», que lhe consagrou extensa homenagem, finalizou a apreciação da sua obra com estas palavras: «Trevelyan será recordado como um grande inglês que consagrou o seu génio á evocação do que há de melhor no património histórico da Grã-Bretanha e ao serviço da história como género literário, tornando-o acessível ás gerações que vão ascendendo para a vida».

Concurso de gado bovino em Leiria

LEIRIA, 16. — Sobre a orientação técnica da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários com a cooperação da Junta dos Produtos Pecuários, o Grémio da Lavoura de Leiria e da Marinha Grande efectuou-se, no parque da cidade o 6.º concuso de gado bovino de trabalho (raça mirandesa). Este ano foi forçoso eliminar do concurso a espécie de gado suíno por a Intendência da Pecuária de Leiria ter proibido as feiras desse gado em virtude de alguns focos de peste suína africana.

A classificação dos animais expostos foi feita por um juri nomeado para o efeito pelo delegado da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.

Linha de CASCAIS

A «Volta a Portugal em bicicleta» (miniatura)

repete-se no sábado no Estoril

Repete-se no Estoril, no próximo sábado, no cimo do Parque e em frente do Casino, a «Volta a Portugal em bicicleta» (miniatura) para menores, iniciativa da Sociedade de Estoril-Sol que no ano passsado, em que se efectuou pela primeira vez, teve elevado numero de concorrentes de ambos os sexos.

O interesse então despertado aumentou o entusiasmo pela prova deste ano, pelo que já foram recebidas muitas inscrições, que podem ser feitas no casino até depois de amanhã, ás 20 horas.

A prova consta de vários numeros, que os concorrentes, dos 5 aos 13 anos, agrupados por idades, têm de executar num percurso assinalado com tabuletas em que estão inscritos os nomes dos distritos da Metrópole.

Exposição de pintura de Charlotte Robinson

A Secção Cultural da Sociedade Estoril-Sol, resolveu manter aberta até ao dia 20 do corrente a exposição de pintura que a artista americana Charlotte Robinson inaugurou no dia 1 deste mês no «hall» do Casino Estoril e que tanto interesse tem despertado, sobretudo por as obras expostas terem expressão muito acentuada e patentearem rara sensibilidade.

Cinemas

OEIRAS — *Oeiras Cine* — Às . . «Homens no escuro» (17 anos).

CARCAVELOS — *Vitória Cine* — Às 21 e 30: «O príncipe herdeiro» (17 anos).

PAREDE — *Royal Cine* — Às 21: «Onde vais triste de ti» e «Bomba, o filho da selva» (12 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Cinderelo dos pés grandes» (12 e 17 anos); *Cine-Esplanada* — Às 21 e 30: «Apartamento de solteiro» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «O caso do monóculo preto» (17 anos); *Académico* — Às 21: «Katia» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco* — Ave. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Avenida Patrão Lopes, 4 (Tel. 242039).

OEIRAS — *Central* — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).

PAREDE — *Brandão* — Avenida da Republica, 77-C (Tel. 2471052).

ESTORIL — *Parque* — Arcada do Parque. 3 (Tel. 260191).

CASCAIS — *Cordeiro* — R. Frederico Arouca, 16 (Tel. 280170).

VAI CONSTITUIR-SE o Forum Atómico Português

Por iniciativa da Secção Nuclear da Associação Industrial Portuguesa, uma comissão organizadora pediu autorização superior para a constituição de uma associação denominada «Forum Atómico Português», cujo objecto principal é o de «contribuir para a promoção e coordenação de todos os esforços ao seu alcance que favoreçam o progresso e o desenvolvimento das aplicações pacíficas da energia nuclear em todos os campos».

Graças a esta iniciativa, Portugal poderá finalmente ingressar como membro efectivo no «Foratom», agremiação de associações congéneres de países da Europa Ocidental.

A futura associação está aberta ao maior numero de interessados, pois que «podem ser sócios todas as pessoas físicas ou morais, de nacionalidade portuguesa ou não, que manifestem esse desejo e sejam recomendadas, para esse fim, por dois sócios de nacionalidade portuguesa».

Todos os pedidos de informações devem ser remetidos para o seguinte endereço: Comissão Organizadora do F. A. P. — a/c da Associação Industrial Portuguesa, Praça das Industrias — Lisboa 3.

Grupos onomásticos

O Grupo Onomástico «Os Joaquins» festeja o seu patrono, S. Joaquim, no próximo domingo, com o seguinte programa: ás 14 horas, distribuição, na sede, de donativos aos Joaquins pobres; ás 16, sessão solene, para a qual estão convidados todos os grupos congéneres; e ás 20, jantar de confraternização.

BOMBEIROS

Voluntários de Soure

SOURE, 16. — Os bombeiros voluntários desta vila comemoraram mais um aniversário com o desfile do corpo activo e das suas viaturas pelas principais artérias.

Realizou-se, depois, um almoço de confraternização, oferecido aos soldados da paz no bar do Parque Dr. Oliveira Salazar.

Nova loção de luxo para depois de barbear

...fá-lo sentir-se bem, e também faz bem à sua pele.

ICE BLUE AQUA VELVA arrebatou a América. Aqui a tem agora! Espalhe apenas um pouquinho na face, sinta a sua revigorante frescura polar, e ficará sabendo por que razão ICE BLUE é a loção para depois de barbear mais usada em todo o mundo. Aquela frescura maravilhosa e estimulante dá-lhe o máximo da sua forma — e aquele subtil perfume masculino que atrai as mulheres.

Loção refrescante com um tónico em exclusivo para a pele

A nova ICE BLUE contém HUMECTIN, que torna a pele macia e flexível. ICE BLUE com HUMECTIN restitui à pele a humidade que esta perde ao escanhoar — faz bem à sua pele, e fá-lo sentir-se bem. E aqui tem um segredo.
Experimente ICE BLUE à tarde, antes de ir «àquela» entrevista. Nada existe de parecido para lhe dar frescura e vivacidade.

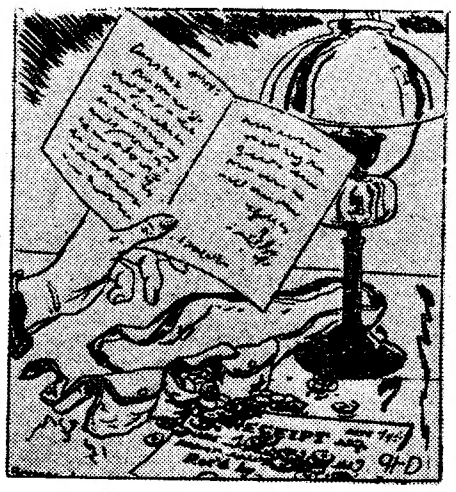
ICE BLUE
AQUA VELVA

Um produto WILLIAMS, de luxo, para homens

Além de Ice Blue Aqua Velva, Williams apresenta uma água de Colónia especialmente concebida para homens «raffinés»: ICE BLUE COLOGNE

Caravana

por W. Edmunds Claussen



FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

16

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES: — Al Richards, veterano da guerra civil, resolve partir para o Arizona. Aí, é encarregado de ir buscar do porto fluvial de Ehrenberg, maquinaria que vem consignada a uma mina. Tal tarefa acarreta-lhe uma porção de problemas. O primeiro, foi uma disputa com Anse Pletcher, sócio de Madeline Robinson (Madame La Paz) num negócio de fretes. O segundo, a destruição da sua galera pelo fogo. Juan Enriquez, que veio trazer a Richards a informação de que Pletcher era o responsável pelo incêndio, foi sovado e Richards trava duelo com o homem responsável pelo ataque ao mexicano. Quando se forma uma multidão que começa a maltratar Richards, Madeline Robinson vem em seu auxílio. Mas só temporàriamente. Richards volta a ser agarrado e conduzido para um cedro...

CAPÍTULO IV

Encontravam-se ali afretadores em numero suficiente para esmagar Pletcher, se ele continuasse a exigir a morte de Richards. O xerife leu claramente a situação. O representante da lei não pretendia um conflito capaz de transformar a sua num açougue. Havia outros processos mais seguros.

— Os dois serão postos a ferros! Amanhã serão ambos julgados... Enriquez e este rebelde!

Os homens de Pletcher aprestaram-se para cumprir as ordens do xerife. Cabeças acenaram ao longo do passeio. Madeline Robinson falou, mas a populaça fazia tanto barulho que nem aos berros ela conseguiu fazer-se ouvir. Disparou um tiro para o ar Mas foi esforço inglório. Não se sentia capaz de balear gente a sangue frio. Mãos agarraram Richards e, depois de o erguerem, arrastaram-no para o cedro que crescia ao fundo da rua.

Ehrenberg não tinha cadeia municipal. Os presos eram algemados a uma árvore que crescia no meio da rua, junto ao rio.

Richards sentiu a corrente de ferro fechar-se em torno do seu artelho. Tentou resistir, mas o peso de uma duzia de homens manteve-o imóvel até tornar inutil mais qualquar resistência. A seu

17

lado jazia Juan Enriquez, ainda semiconsciente e, mais longe, do outro lado do tronco, um vaqueiro embriagado que berrava agitando violentamente a grilheta.

A multidão foi-se dispersando, até só ficar um homem de guarda, um vulto negro e gigantesco que fazia soar um tilintar metálico sempre que se mexia.

A sentínela debruçou-se sobre Juan Enriquez e banhou-lhe o rosto com água de uma bacia. Richards sentiu o sangue latejar-lhe nas frontes ao identificar a sentinela como o mulato que ele vira a consertar a roda da galera. O luar iluminava-o distintamente e Richards pôde ver-lhe o semicírculo profundo e ensanguentado que os seus dentes tinham deixado na perna do mulato.

Juan Enriquez soltou um gemido. O mulato deitou-o de costas com suavidade e, virando-se para Richards, murmurou:

— Conserve-se afastado do outro preso. É um assassino.

— Richards ponderou o aviso e olhou o mulato.

— Estás ao serviço de Pletcher?

— Não. Estou ao serviço de «Miss» Madeline. Ela não tardará aí.

O mulato dardejou-lhe um sorriso amistoso e tornou a recuar para a escuridão. Pelo menos, não parecia alimentar qualquer ressentimento contra Richards pela dentada que apanhara na perna e que lhe devia doer bastante.

Madeline, pensou Richards, a rainha dos transportes de La Paz! Tornou a vê-la de espingarda em punho e a lembrar-se da forma como ele exigira ao xerife a entrega da sua bolsa de oiro. Mas, porque motivo lhe testemunhara amizade? Aquele mistério fazia-lhe ferver o sangue nas veias. Forçaria ela o rompimento com Pletcher, por uma questão de honestidade?

O seu olhar fixou-se na coluna de galeras dos «Transportes Reunidos», prontas a partir, estendendo-se ao longo da rua principal até para lá dos limites da cidade. Richards reparou numa actividade inusitada para ser uma partida vulgar.

Homens saíam das tabernas, limpando as bocas com as costas da mão. A maioria eram cocheiros, mas aqui e ali havia outros que se dirigiam

18

para a retaguarda de certas galeras, içando-se lá para dentro. Richards lia naqueles rostos a marca inconfundível de pistoleiros e sentiu um certo respeito por Pletcher. As galeras dos «Transportes Reunidos» estavam bem guardadas por dentro e se os peles-vermelhas ousassem um ataque teriam a maior surpresa da sua vida.

Pletcher saía nesse momento do «Rei do Rio» na companhia de Tom Tabor. O xerife subiu para a sela e Pletcher esteve uns momentos junto ao seu estribo, dando-lhe as ultimas instruções. Tom Tabor, representante da lei em Enrenberg, era também um assalariado de Pletcher!

Chicotes estalaram por cima dos cavalos e a caravana começou a rodar. Tabor, porém, conservava-se parado, com as pernas pendendo-lhe nos longos estribos de couro. Lançou um olhar para a árvore que servia de cadeia e Richards sentiu a intensidade do ódio que o outro nutria contra ele. Não lhe passara pela cabeça que Tabor partisse sem uma desforra. O facto de partir tornava claro que alguém ficara encarregado de levar a cabo a suja missão.

Mas a atenção de Richards concentrava-se agora nas galeras que se afastavam. Algumas iam bem carregadas e os cavalos que as tiravam inclinavam-se todos para a frente, no esforço de as puxar. Outras, porém, avançavam sem dificuldade. Richards dava tratos á imaginação para decifrar aquele mistério. Lembrava-se de que, um a um, os pistoleiros de Pletcher tinham-se introduzido sob as lonas das galeras vazias. Contou-as rápidamente, á medida que iam desfilando por entre as cabanas de barro. Eram seis. *Porque diabo estava Pletcher a despachar galeras vazias de Ehrenberg?*

Aproveitando-se da excitação provocada pela partida, Madeline Robinson acercara-se do cedro-prisão e, agora, no meio da escuridão, observava Richards. Havia naquele rapaz uma qualidade que era rara na cidade. E para mais, o seu sorriso entristecido e o brilho másculo do seu olhar, atraíam-na irresistívelmente. Passara revista ao conteudo do cinturão e, é claro, encontrara o recibo relativo á carga consignada a Creel, o ouro

19

que este entregara a Richards em paga do seu serviço... e outra coisa ainda.

Encontrara uma carta do general Wade Hampton. Hampton descrevia como ele regressara a casa, sem dinheiro, para encontrar a sua plantação arruinada, os edifícios destruidos, a sua fortuna dissipada. Para cima de um milhão de dólares do seu algodão tinham-se transformado em fumo durante as ofensivas da União. E assim acabara uma das maiores fortunas do Sul. Mas Hampton aconselhava Richards a recomeçar tudo de novo, como deve fazer todo o homem corajoso, construindo o futuro sobre as cinzas do passado. Os homens do Sul tinham sofrido. Mas de forma alguma o orgulho os impedia de dobrarem as costas no trabalho.

A mão de Madeline fez um aceno e o mulato afastou-se da árvore. Falou então calmamente nas costas de Richards:

— Sinto muito a perda da sua galera, Mr. Richards.

Este virou-se e a princípio não conseguiu distingui-la no negrume da noite. Richards sentia-se frio por dentro. Não queria a compaixão dos «Transportes Reunidos».

— Acredita que tenha sido o meu pessoal que deitou fogo á sua galera? — insistiu ela.

— Estou seguro disso.

— El Muerto Kid?

— Podia ter sido ele. Vi-o sair do «Rei do Rio»... desconfio de que já sabia que eu o procurava. Fez-me uma espera na viela. Um de nós tinha de morrer.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Coisas como esta já se deram antes. Amanhã, partirei com Anse. Temos outra caravana de partida para as Vultures... á noite, quando fizer mais fresco. Quero certificar-me do respeito que o pessoal sente por Anse.

— O melhor será não ir.

— Mas irei. Tenho-me dedicado demasiadamente aos livros de contabilidade, deixando ao meu sócio o trabalho exterior. Quero descobrir em que situação me encontro.

— Descobrirá que está amarrada a um abutre do deserto.

20

Madeline não fez caso da observação. Se nutria quaisquer suspeitas pessoais, guardou-as para si. Mais tarde, disse:

— O senhor e Juan serão libertados de madrugada. Uma vez no deserto, procure uma galera a cerca de dez milhas a leste do rio. Encontrará os seus cavalos atrelados á galera.

— Vai ter muito trabalho para arranjar isso — disse ele.

— Não se preocupe com esse problema. Black Jim empunhará as rédeas e levá-lo-a aonde quiser. Acho que lhe devo isso, Mr. Richards.

Black Jim era, sem duvida, o mulato de pulseiras de cobre nos braços.

— E Jim é homem de confiança?

— Era criado de meu pai, que o encarregou de tomar conta de mim, em criança. — Soltou uma risada quente e macía que fez o coração de Richards pulsar com mais força no peito. — Possívelmente, você ignora isto. Antes da guerra, Beale mandou vir camelos de Tunis e de Smirna, para transportarem os abastecimentos da tropa pelo deserto. As suas caravanas de camelos nunca deram resultado pelo simples facto dos homens não saberem lidar com os animais. Black Jim veio de Tunis com os camelos.

Mas Richards não pensava em Beale ou nos seus camelos. Pensava sim, naquelas galeras cheias de homens armados até aos dentes, no ultimo olhar de ódio que Tom Tabor lhe dirigira antes de partir. Algo deu um estalito no seu cérebro. O mistério começava a aclarar-se rápidamente.

— Aconselho-a a não sair de Ehrenberg, Madame La Paz — disse, calmamente.

Ela recuou como se a tivesse esbofeteado. Era evidente que não tinha orgulho na alcunha.

— Desculpe — disse Richards. — Mas continuo a aconselhá-la a que não parta com Pletcher... *Madeline!*

Ouviu a sua respiração apressada. Depois, caiu o silêncio. Aguardou uma resposta, que não veio. Contemplava agora o sítio onde ela estivera momentos antes, sem saber que Madeline se retirara com um estremecimento estranho a palpitar-lhe no peito.

(Continua)

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos nervosos; inapetência e astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da *FAL* — Apartado 2.142 — LISBOA

LAVRADORES

Compro um rebanho de ovelhas e outro de porcos de alfeiro ou de montanheira. Enviar carta com preço mínimo e todas as informações para Apartado, 1.011, Lisboa.

FATOS DE BANHO

estrangeiros, lastex, desde 195$ medidas pequenas e grandes.

CASA GRILO

R. CONCEIÇAO, 71, 73

FOTOCÓPIAS

Entrega Imediata

FOTOFILME — Rossio, 101

Telef. 323192
(ao lado da Pastelaria Suissa)

LINHA DE CASCAIS

Para sua comodidade adquira, em qualquer das estações desta linha, séries de 20 bilhetes sem data de validade.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

DOMINGO, 19 DE AGOSTO DE 1962

EXPRESSO-POPULAR DE LISBOA A VIANA DO CASTELO E VOLTA

FESTAS DA SENHORA DA AGONIA

3.ª classe: Preço 155$00

HORÁRIO — Dia 19 — 5-45 p., Lisboa (Santa Apolónia); 11-56 c., Viana do Castelo.

Dia 20 — 1-30 p., Viana do Castelo; 7-21 c., Lisboa (Santa Apolónia).

Aos Srs. Passageiros é facultado serviço de BUFETE no «Expresso-Popular» a cargo da Companhia dos «Wagons-Lits».

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e de Lisbôa (Santa Apolónia), Agência da Empresa Geral de Transportes, na Rua do Arsenal, 124-1. e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, nas: Avenida Praia da Victória, 36 e 38, Travessa do Cais do Tojo, 15, Rua Almeida e Sousa, 14-A, Avenida de Roma, 4-B., Rua Marquesa de Alorna, 22-A, e Rua dos Anjos, 77-A. LOTAÇÃO LIMITADA.

CURSOS PRÁTICOS EM BENFICA

MECANOGRAFIA
Esteno-Dactilo
Máquinas de escrever eléctricas
Máquinas contabilidade OLIVETTI

EXTERNATO ANGOLANO

Ens. Primário—Infantil c/ transporte
Tel. 701338. Rua Cláudio Nunes, 21

ABERTAS AS MATRICULAS

José Joaquim Gonçalves

encarrega-se de limpezas de prédios. Com oficina própria.

S. JOÃO DO ESTORIL
VILA CELESTE, N.º 2

ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL USE

APYROL

A venda em todas as Farmácias

CASAL DO CORADO

Fonte MARIA JOSÉ — TORRES VEDRAS

AGUA DE MESA

BACTERIOLÓGICAMENTE PURÍSSIMA
A VENDA EM TODO O PAÍS

A melhor água de mesa
Única no género

Preço por garrafão — 5$00

Distribuidores:

Vilarinho & Sobrinho, L.da
Janelas Verdes — LISBOA

J. Guimarães Pinheiro, Ld.a
TORRES VEDRAS

José da Silva Gama & C.ª
Rua de Miraflor, 43 — PORTO

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Há mais mundos»

por José Régio

Ainda que se aspire á integral isenção de juízo em face de um livro publicado, voluntáriamente o desligando do que se demarcou e reflectiu na obra precedente do autor, há um sedimento essencial que fica sempre a condicionar, através de tudo, a apreciação mais objectiva. Ante um novo livro de contos de José Régio não é possível considerar ausente o grande poeta de «Encruzilhadas de Deus», o novelista experimental de «Jogo da Cabra Cega», o dramaturgo lírico e alegórico de «Jacob e o Anjo», o romancista laborioso de «A Velha Casa». Com mais razões se impõe essa presença totalizante da obra no caso de Régio — um escritor que se realizou literáriamente sob formas diversas e em níveis de valores muito diferentes, mas que em todos os livros e em todos os géneros tem testemunhado sempre uma personalidade indeclinávelmente unitária.

Grande, como raríssimos em toda a história da nossa literatura, na poesia; poderosamente renovador, e suscitador de descobertas fundamentais do humano, no seu teatro; menos terso de estilo e menos profundo de conteudo, mas ainda com frequentes lances admiráveis, no romance — José Régio tem encontrado no conto a subtil e sinuosa ponte que, muitas vezes, lhe permite transitar mais ágilmente

Jose Regio

da poesia e do teatro para a ficção romanesca. Foi sob esse signo que «O Príncipe com Orelhas de Burro» — um conto alongado e não um romance ou novela poética — surgiu na nossa ficção como obra de singular simbólica e de beleza formal mais empolgante. Em «Há mais mundos» são, também, o poeta e o dramaturgo latentes os criadores das melhores páginas e os inventores das mais belas e penetrantes alegorias que engrandecem o livro.

Logo o título, no entanto, deixa uma ambiguidade em suspenso. Não são «outros mundos», transcendendo o mundo comum de tudo o que humanamente vive, o que José Régio desvenda ou insinua nestes contos de variada imaginativa. E' o mundo unico e comum onde cabem o sonho, a fantasia, a alucinação, a miragem mística, o voo errante do instinto e do sentimento incontrolados, o que perpassa sob multiplas visões nas narrativas. Todo o humano cabe bem num só mundo. E nada é inteiramente desenraizável dele, a não ser quando se quere especular com aparências. Pelo menos em literatura, o expediente convencional dos «outros mundos», sem ironia ou sem explícito reconhecimento do artifício, é infalível indício de fraqueza criadora. Não cai José Régio nesse logro. Todos os que o conhecem, ou têm acompanhado a translação da sua obra, sabem quanto é complexo e tantas vezes enigmático o autor de «Cantico Negro». E agora como sempre. Nestes contos, como em grande parte da sua obra, dá o poeta a sua melhor medida na exaltação de um mito. Sempre foi ele um inquieto pesquizador de mitos, misteriosamente combinados com um certo racionalismo fundamental que se pressente no mais fundo da sua personalidade. O *narrador* de «Os paradoxos do Bem», neste mesmo volume, afirma em certo passo: «Reuno propensões para o poético e o fantástico a certos caracteres do espírito científico». Não é difícil descobrir esta simbiose em toda a obra de Régio. Mas do sobrenatural artificioso, do fantástico convencional, do falso poético de «outros mundos» frágeis o defendem muito bem — e com idêntico vigor — a sua genialidade de artista e a sua consciência crítica.

Não são estes tópicos indiferentes para se chegar ao mais denso significado dos contos de «Há mais mundos». Na narrativa «Os três vingadores ou nova história de Roberto do Diabo» é curioso verificar como se conjugam o dramaturgo, o contista e o poeta para erguer a mais sugestiva e magistral criação do volume. Graças a essa síntese do diverso numa unidade que é a essência do próprio autor, alcança o estilo desse conto uma força expressiva que José Régio nem sempre consegue nas suas páginas de ficção mas que nunca está ausente na sua obra de poeta. E são de interesse ainda, as alusões de alegoria vivaz que no conto ressaltam, carar da «infamia do reinado do rei Roberto», na «vacuidade que era aquele rei Roberto», no «abrir de olhos de um povo cego»

Em breve referência se pode dizer quando o áutor insiste no desmasszer, relativamente aos contos restantes do volume, que «O fundo do espelho» é uma divagação alucinatória em que o mais forte da narrativa ressalta dos contrastes caricaturais entre o real evocado e o sonho sem limitações; que «Conto do Natal» revela, uma vez mais, o constante e dramático apelo do disforme, do exteriormente monstruoso, do ambíguo entre a forma e a essência, tão frequente na obra de Régio; que «Os paradoxos do Bem», narrativa psicológica demasiado alongada num remoer difuso de confissões pessoais, supre o seu essencial artifício pelo desvendamento final de uma posição ética muito séria; que «Os três reinos» é uma alegoria hábil e muito bem poetizada de realidades humanas comuns; que «Os alicerces da realidade» é ainda o esforço de descoberta de um outro plano inesperado e insuspeitado da vida, como evasão da trivialidade; que «As historietas de um coleccionador de antiguidades» carecem, mais flagrantemente, da viva e quente palpitação humana.

Para os leitores apressados — ou para os leitores juvenis que na pésquisa de novas fórmulas hão-de tender necessáriamente á simplificação instintiva — estas páginas de Régio hão-de afigurar-se algumas vezes tocadas do pecado literário da monotonia. Como Proust, exige José Régio o ingresso prévio numa atmosfera peculiar para ser entendido na sua essencial e complexa profundidade — a de um escritor e de um homem que ansiosamente tem procurado a perfeição como «verdadeira realidade, mesmo na turva natureza humana». *Colecção Contemporanea, Portugália Editora, Lisboa).*

«Os segredos de Lisboa»

por José Gomes Ferreira

E' um livrinho breve, mas muito especialmente significativo do que há de mais sério e perdurável na obra de José Gomes Ferreira — como também de algumas fragilidades que a diminuem — esta colectanea de cinco crónicas que, por motivos talvez estranhos ao autor, foi incluída numa série de ficção. São muito mais memorialísticas,

José Gomes Ferreira

em largo sentido do termo, ou no estilo de crónicas ao sabor de livre inspiração, as páginas aqui reunidas. O que mais importa, na verdade, é o que nelas há de profundamente testemunhal do autor — acima de tudo um poeta, acidental ficcionista como inventor de verdade literária que seja reflexo da verdade da vida, e observador do real que não consegue isentar a sua observação das transfigurações do poético ou da lírica ironia.

E' o próprio autor quem constata, em certo passo, que «a realidade deixa na memória um rasto idêntico ao do sonho». Nessa identidade fundamental — e mais ainda para um escritor em que Mnemósine é constante inspiradora — se poderá encontrar, talvez, a raiz do barroquismo imagístico com que José Gomes Ferreira consegue fundir mais prontamente em sínteses alusivas a realidade e a fantasia, a observação e o sonho: «deusa de carne-névoa triunfal»; «noite de olhos voados»; «braços a apertar a ansia de haver seios no luar da noite». Literáriamente, ou como estilo, é esse o timbre dominante das páginas confessionais, líricas, algumas vezes evasivas na sua visão de feerie interiorista, de «Os segredos de Lisboa».

Para além do que e especificamente literário, no entanto, avulta nestas páginas uma substancia ética de ironia muito especial, que conjuga a criação formal do escritor com uma visão da vida em que se revela o homem. Resulta essa ironia, espontanea e necessáriamente, de uma incondicionada sinceridade — a que se representa no espelho invocado nas páginas finais e na confissão de que ao poeta e ao homem se impõe a visão de um mundo «movediço, escoante, infixável». Decerto que há nessa forma de ironia um jogo subtil, não apenas de inteligência auto-observadora e auto-crítica, mas de arte literária conquistando os seus efeitos por hábil caminho. A «literatura que tanto empesta a vida» tem neste autor uma força que, por vezes, lhe parece velar o caminho voluntáriamente aceite do humano. A ironia peculiar com que se defende dela tem um duplo gume. Há em Gomes Ferreira, afinal, uma latente forma de humor que pode perigosamente voltá-lo — e talvez sem o reconhecer — contra o que tem sido primacial na sua obra: o homem real e vivo, emergindo, nas seuas melhores criações, dos barroquismos feéricos e irónicos da literatura muito literária. *(Série Ficção, Edições Tempo, iLsboa).*

Registo

- *O 6.º caderno da* Colecção Tempo *(e 2.º da série Ensaio nela incluída) reproduz dois trabalhos de António Sérgio que são, realmente, fundamentais no apostolado cívico e intelectual do grande Mestre: «Tentativa de Interpretação da História de Portugal», que constituiu a abertura de uma obra relevante, interrompida pelas nossas proverbiais fatalidades de* reino cadaveroso; *e «Importancia do Factor Económico na Interpretação Histórica», famoso prefácio á «Antologia dos Economistas Portugueses» que se publicou em 1924, se esgotou há longos anos e* (et pour cause) *não voltou a ser reeditada. Na apresentação do caderno acentua com sóbria firmeza José Tengarrinha que António Sérgio «já hoje pode ser considerado o maior escritor de ideias das nossas letras»; e que «no momento de crise ideológica que atravessamos, seria de todo conveniente que se atentasse na estimulante e fértil lição de Sérgio», contra mistificações delirantes e contra dogmatismos de atrofiante estreiteza de vistas.*

Com este caderno da Colecção Tempo *faz-se muito mais do que uma evocação justiceira: apresenta-se uma advertência criadora á juventude fácilmente esquecida.*

- *De Mário César Ferreira foi publicada a narrativa fantasiosa e alegórica «A Palavra contra o Muro» — algo de estranho em que parece mascarar-se a mais odiosa justificação da violência e do crime sob uma aura ficticiamente poética. «Matar por amor do Homem, como escreve o autor, «porque os filhos de Caim (!) não conhecem outra linguagem», traz um eco de aberração moral que é ainda mais dolorosa por se velar sob aparências literárias de brumosa sedução. Sob as páginas deste livro jazem monstros. Consiga Mário César Ferreira libertar-se do pesadelo em que parece deixar submergir-se deleitadamente — porque no seu livro há relances de outras claridades em que talvez o autor possa encontrar o melhor de si mesmo.*

- *«O Rato e a Flauta», experiência de dramaturgia simbólica de Manuel Moura George, peca muito flagrantemente por deficiências de estrutura, de linguagem, de equilíbrio cénico, de validade humana das figuras dominantes. E' uma fantasia com curiosa verve — mas não vai além disso.*

- Livros do Brasil *trouxe agora a publico mais uma série de edições que assinalam a continuidade da sua obra de cultura: o 2.º tomo de «O Arquipélago», de Erico Veríssimo, que encerra a trilogia «O Tempo e o Vento», obra-prima definitiva do grande escritor brasileiro; o romance do escritor norte-americano Sinclair Lewis «Rua Principal», que concentra dramáticamente os contrastes de vida provinciana nos Estados Unidos e o seu embate com uma figura feminina de singular beleza humana; a novela «A Luz do Sonho», de Carlo Coccioli, que é uma impressionante, comovedora e enternecida história de amor no choque com as realidades contraditórias da vida; e, ainda, a narrativa policial «Damas Impacientes», de Peter Cheyney, combinada com aventuras de espionagem que, segundo a apresentação do livro, lhe realçam mais o sabor para o publico especial do género.*

- *Na sua Colecção Feminina apresentou a* União Gráfica *o romance «A Duquesa de Olarriaga», de Rafael Pérez y Pérez, traduzido para português por Maria Elisa Gomes da Silva. Com todos os ingredientes da velha literatura recreativa romantica, não faltarão á obra as apreciadoras habituais do género, a que a literatura de mais alto nível não pode oferecer satisfação e passatempo.*

ACABA DE SAIR:

DICIONÁRIO ILUSTRADO DE MARINHA

por António Marques Esparteiro

UMA OBRA UNICA
NO SEU GÉNERO
600 páginas
400 gravuras
10.000 termos

1 volume encadernado ... 160$00

CLÁSSICA EDITORA
Restauradores, 17 LISBOA

SEMANA DE MADRID

por MANUEL RIUTORT

EDITADO pelo Instituto do Livro apareceu, agora, «Las Ferias de Madrid», de Lope de Vega. E' uma edição comemorativa do IV Centenário do nascimento do grande poeta.

*

ALFONSO SASTRE está a terminar um ensaio sobre o teatro e o realismo. Título provisório «Realismo e Mistificação»

*

POETA de excelentes méritos, Caballero Bonald publicou a novela «Dos Dias de Setiembre», que obteve o Prémio Biblioteca Breve 1961. A acção situa-se na Andaluzia, durante as vindimas.

*

CAMILO CELA lançou um novo livro «Tobogán de Hambrientos», sobre a vida de duzentas personalidades.

*

CONCHA LUNA, conhecida escritora infantil, está a terminar um livro de contos intitulado, já, de «Pito y Pico».

*

ISTO de constantemente dar notícias de Alfonso Paso, que bastante as merece, dá a ideia de que mais ninguém faz teatro em Espanha. Agrada-me informar que Miguel Mihura terá, em Setembro, a sua peça «Las Entretenidas», estreada no Teatro Cómico

*

ENCONTRA-SE no prelo «El Camino Manda», de Ramón Cajade. Este romance deve ser posto á venda muito em breve.

*

COM o título de «Tres Veces Pilar Tigre», a escritora Carmen de Icaza prepara cuidadosamente mais uma novela.

*

CUMPRIMENTO Buero Vallejo no «Café Gijón»; peço-lhe notícias sobre as obras em que trabalha. «Estou ás voltas com alguns temas interessantes, mas ainda não me decidi sobre qual será o escolhido para a minha próxima peça».

*

JUAN CABEZAS diz-me estar bastante satisfeito. O seu romance «La Montaña Rebelde» vai ser traduzido para francês.

MANUEL RIUTORT

ACABA DE SAIR:

PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA ECONOMIA

pelo **Doutor**
Francisco Pereira de Moura

Um livro que se destina a todos os que se preocupam com os problemas económico-sociais do País e da época actual.

1 VOL. 60$00

CLÁSSICA EDITORA
Restauradores, 17 LISBOA